

TEXTOS PUBLICADOS NA  
REVISTA  
*FESTA*

# FESTA

n e s t e   n u m e r o :

prosas de : andrade muricy, henrique abilio, tasso da silveira, brasilio itiberê, ribeiro couto.

poemas de : cecilia meirelles, barreto filho, murillo araujo, walt whitman.

## REVISTA FESTA

### RELAÇÃO DOS TEXTOS ANALISADOS NA TESE

1. POEMA MANIFESTO – TÁSSO DA SILVEIRA. – n. 1, ago., 1927, p. 1
2. CINCO POEMAS – CECÍLIA MEIRELES – n. 1, ago., 1927, p. 3
3. JÁ VAI DEDECO PARA OS SEUS QUARENTA – ADELINO MAGALHÃES, n. 2, nov., 1927, p. 4
4. RENOVAÇÃO – TÁSSO DA SILVEIRA – n. 2, nov., 1927, p. 6-8
5. O CANTO DA JANDAIA – CECÍLIA MEIRELES – n. 3, dez., 1927, p. 4
6. QUATRO CARVÕES E UMA AGUARELA – TASSO DA SILVEIRA – n. 3, dez., 1927, p. 5
7. ALENCAR – ANDRADE MURICY – n. 3, dez. 1927, p. 3
8. O SIMBOLISMO BRASILEIRO – TASSO DA SILVEIRA – n. 3, dez, 1927, p. 8-9
9. A ENXURRADA – TASSO DA SILVEIRA – n. 4, jan., 1928, p. 4-7
10. *LA CRUZ DEL SUR* – n. 5, fev., 1928, p. 3b
11. CARNAVAL – CECÍLIA MEIRELES – n. 5, fev., 1928, p. 9
12. TOTALISMO CRIADOR – TASSO DA SILVEIRA – n. 6, mar., 1928, p. 1-2
13. O GRUPO DE FESTA E SUA SIGNIFICAÇÃO – n. 6, mar., 1928, p. 12-15
14. FALANDO COM MORENZA – n. 7, abr., 1928, p. 11-13
15. QUEREMOS SER OU O NACIONALISMO BRASILEIRO – TASSO DA SILVEIRA – n. 8, mai., 1928, p.5-8
16. O GRUPO DE FESTA E SUA SIGNIFICAÇÃO – n. 8, mai., 1928, p. 13-14
17. DEDECO, DISCÍPULO AMADO DE TRANQUILINO – ADELINO MAGALHÃES – n. 9, jun., 1928, p. 11-16
18. O GRUPO DE FESTA E SUA SIGNIFICAÇÃO – n. 10, jul., 1928, p. 18-20
19. CANÇÃO DO TEMPO – TASSO DA SILVEIRA – n. 6, jan., 1935, p. 1 (2ª fase)
20. CANTO CRISTÃO – TASSO DA SILVEIRA – n. 7, mar., 1935, p. 1-2 (2ª fase)

ANNO I

NUM. 1

# FESTA

rio de janeiro

1 - agosto - 1927

M E N S A R I O  
DE PENSAMENTO  
E DE ARTE

AGOSTO

Nós temos uma visão clara desta hora.

Sabemos que é de tumulto e de incerteza.  
E de confusão de valores.  
E de victoria do arrivismo.  
E de graves ameaças para o homem.

Mas sabemos, também, que não é esta a primeira hora de agonia e inquietude que a humanidade vive.

A humanidade dança a sua dança eterna num velho rythmo em dois tempos

Quando todas as forças interiores se equilibram, os gestos são luminosamente serenos.

Mas o que nesses gestos parecia um esplendor supremo de belleza ou de verdade

não era senão um momento ephemero da escalada.

Então exsurgem das profundezas do ser impetos bruscos e imprevisos, que trazem a insatisfação, a angustia,

a febre, e quebram os compassos harmoniosos, e fazem pensar, aos que se esqueceram de Deus, que tudo está perdido,

— mas que são, em verdade, ondas desconhecidas de energia para a criação de um equilibrio novo e de outra mais alta serenidade...

Nós temos a compreensão nitida deste momento. Deste momento no mundo e deste momento no Brasil.

Vemos, lá fóra e aqui dentro, o rodopio dos sentimentos em torvelinho tragico.

E as investidas reivindicadoras dos appetites que se disfarçavam e agora se desencadeiam em furia.

E ouvimos o suspiro de allivio da mediocridade finalmente desopprimida: da mediocridade que, aproveitando o desequilibrio de um instante, ergueu também a sua voz em falsete, e encheu o ar de gestos desarticulados, e proclamou-se vencedora,

na ingenua illusão de que as barreiras que a continham tombaram para sempre.

Mas vemos igualmente os espiritos legitimos no seu posto immutavel.

E apuramos o ouvido ao brado de alerta das sentinellas perdidas.

E sentimos á flor do solo o fremito das subterranas correntes de força viva, que serão captadas pela sabedoria divina na hora próxima das construcções admiraveis.

A arte é sempre a primeira que fala para annunciar o que virá.

E a arte deste momento é um canto de alegria, uma reiniciação na esperança, uma promessa de esplendor.

Passou o profundo desconsolo romantico.

Passou o esteril scepticismo parnasiano.

Passou a angustia das incertezas symbolistas.

O artista canta agora a realidade total:

a do corpo e a do espirito,  
a da natureza e a do sonho,  
a do homem e a de Deus,

canta-a, porém, porque a percebe e compreende em toda a sua multipla belleza, em sua profundidade e infinitude.

E por isto o seu canto é feito de intelligencia e de instincto (porque também deve ser total) e é feito de rythmos livres elásticos e ágeis como músculos de athletas velozes e altos como subtilissimos pensamentos e sobretudo palpitantes do triumpho interior que nasce das adivinhações maravilhosas...

O artista voltou a ter os olhos adolescentes e encantou-se novamente com a Vida:

**todos os homens o acompanharão!**

# CINCO POEMAS

## DE CECÍLIA MEIRELES

I

## CASULO

A' hora do teu destino,  
 Crearam-se os fios tenúes  
 Qué te envolveram,  
 Dentro dos quaes dormirias  
 O teu sonho preparatorio,  
 A Iniciação das azas  
 Para a sabedoria dos espaços...

Hoje, romperam-se todos os casulos:  
 E foi uma festividade, em torno...  
 Mas tu, guardado no teu,  
 Não te pudeste mover mais:  
 Não tinhas mais aquelle pequenino sopro,  
 Invisível,  
 Oculto,  
 Que anima todas as formas...

Dize-me, insecto obscuro:  
 Com que azas voaste  
 De dentro de ti mesmo?  
 Qual foi a tua Iniciação?  
 Qual é a tua sabedoria?

1926.

II

Eu te daria consolos tão grandes,  
 Se houvesse voz para os dizer!

Se houvesse gestos para as crear,  
 Eu te daria tantas certezaas de amor!

Dentro do meu coração,  
 Dansou-se a dança silenciosa da renuncia:

Eu te ensinaria tantas coisas felizes,  
 O' bem-amado,

Mas em todas as portas dos meus sentidos  
 Ha fêras de olhos accesos  
 Vigiando as revelações...

III

Terra de cactus duros,  
 Terra de fogos barbaros,  
 Tu, sim, que és minha, grande terra fatal...

Tu, sim, que és minha,  
 Para que eu te dê forma nova,  
 Para que transfigure o teu soffrimento,  
 Para que te faça como um céu grandioso,  
 Convertendo em silencio e louvor  
 Tudo o que em ti era chorar!

IV

Longe de todas as conquistas e de todas as ambições,  
 De olhos fechados para todas as esperanças,  
 De mãos abertas para todas as renuncias,  
 Cresce dentro de ti:  
 Sé cada vez maior!  
 Excede-te dia a dia!

Quando o teu sol projectar tão longe a tua sombra  
 Que nem a alcances mais,  
 Quando a tua sombra se perder para lá da vida e da morte,  
 Saberás que é hora de terminar.

Cresce, Avulta, Dispersa-te.  
 Farta-te de ser grande,  
 Para te saciares de grandeza,  
 Para te desencantares d'essa ultima volúpia...

V

Volvi os olhos para dentro,  
 Extendi os braços sobre o mundo,  
 — E o meu coração fluia sobre as creaturas  
 Como um rio perenne...  
 E eu era uma fonte serena, a perder-se...

Em todas as coisas que havia,  
 Não havia mais nada de mim:  
 Nem lembrança da minha figura!  
 Nem noticia da minha passagem!

E eu me sentia tão longe...

Mas tu ainda eras muito mais para lá,  
 O' terra das victorias perfeitas!  
 E o esforço de te alcançar me levantava  
 Tão firme, tão alto, tão em dôr  
 Como uma grande montanha barbara,  
 De pedras asperas,  
 Muda,  
 Amarga,  
 Sem ninguém...

Agosto, 927.

# Já vae dedéco para os seus quarenta...

— «Disseram-me que a saudação do velho Polycarpo a Dedeco foi algum tanto displacente...»

— «Displacente, ouviu Dedéco á falação anniversaria do Mestre. (O Mestre, perfidamente, tenta incorporar Dedéco á sua desillusão fim de jornada...)

Tenho a impressão aliás de que Dedéco hoje não se eleva, nem declina. Dedéco tornou-se *vida crystallisada*.

Irá longe pelo tempo, o maroto.

Dedéco é, normalmente, a saudade de si proprio.

Raro em raro, naquellas faces amarfanhadas, abre a cortina um delicioso homem — pennacho, a proclamar maravilhas de Revolta!

Apoz, se vae esgarçando e o amargurado rosto que fica propõe uma capitulação que a gente acha excessivo aceitar...

— «Não gostei da photographia que Monsieur Renard tirou de Dedéco... E' uma alma do outro mundo...»

— «E' a coisa em si de Dedéco. Verdadeiro, o retrato de Monsieur Renard, da rua do Ouvidor.

Que nos interessam as apparencias, o phenomeno transitorio do longinquo amigo?»

Ah! já vae Dedéco para os seus quarenta...

O nucleo animico do philosopho já se anda a descaascar; a mostrar o que é.

Com a exterior fantasia do ambiente, o discipulo amado de Tranquillino haverá de tirar accordes do ser que lhe é.

Foram-se as esperanças, na melancolica morbidez: apoz, foi o fremito das esperanças; emfim o eco derradeiro do derradeiro fremito.

O desencanto da terra...

Maiores encantos vae o Infinito revelando ao illuminado Soturno.

A Solidão achega-o ao Infinito... E elle diz que não deseja promptamente a morte, pela fascinação que resulta da approximação do Pelago — infindo... pelo palor prematuro da Solemnidade!...

Como outr'ora, Dedeco gosta de andar só.

Cada amigo se lhe apresenta tal um incidente agradável. Nenhum dos companheiros o satisfaz completamente: o conjuncto delles, esse, lhe proporciona regular encanto.

Dedéco, nem mesmo, sabe bem ao exquisito paladar de Dedéco...

Continua, embora, o discipulo amado de Tranquillino a ser carinhoso acerca dos seus relacionados: trata-os ainda por bizzarras diminutivos, para que cada qual dentre elles se apresente originalmente a elle; sómente seu, em tal feito.

Para que se lhe venha a modo de um bibelot para a salêta das suas frivolidades, cada amigo...

Em Dedéco, a idade apurou o modo de ser frente ás mulheres.

Em geral, o referido quarentão é muito amavel para com aquellas que elle quer perder... Para com as outras, é indifferente.

Em synthese, não lhe interessa a mulher: attrahe-o apenas a Aventura, a graciosa Agitação.

Pois que Dedéco é sobretudo dynamico. Si o Mal for mais agitante do que o Bem...

— Todavia apraz-lhe ouvir casos de virtude e de severa graça moral em que o heroismo feminino se exalte. Compara-os voluptuosamente com a aloucada gentileza das depravadas heris, petulantes, dominadoras...

O transcendente erro das revoltadas baila, a perder-se nos corredores legendarios, a confundir-se com a sombra — arrependida das Castas... num desfallecimento...

—... «e se vão corôas de sacrificios offerecidas a Deus...»

E' verdadeiramente decadencia o philosopho de feições amarfanhadas?

Não tanto: apraz-lhe mesmo brincar, infantilmente.

A questão é que, ao dar os seus pinótes, vae sentindo um frio de loucura.—

Dedéco é desses que não pôdem descerrar, nem um pouquinho, a pórtia...

— «Este sujeito não diz coisa com coisa... e aventura-se a ostentar que traz a bocca perfumada de falar mentiras...»

— «Proclama tambem por ahi que é sempre espontaneo... naturalmente por saber *provocar o espontaneo*».

Deixem lá! esses que tal forma censuram a Dedéco, esquecem-se de que um homem-superior hade se vaccinar com a lympha de si proprio para viver...

Com a lympha do seu scepticismo superior... Oh! no entanto os esforços que tenta o discipulo de Tranquillino para caminhar dentro da «verdade!»...

— Muito bem, meu caro: diz você que o quarentão de funebres feições não é melancolico, menos ainda misanthropo... por que então não frequenta os cinemas, os theatros, os concertos?

— Dedéco tem horror á massa, ao anonymato da massa, ao esparrame disciplinado da platêa...

E' um corpo encerado: não se deixa molhar.

— Constituir-se o seu theatro: o seu mundo!...

«Lá — oh! — delicia-te! — as orgias nas quaes as mulheres-de-gaze se não desnudam jámais!...»

Pobre! Temo bastante por elle! Tão só! tão irreductivelmente só!

Contou-me que, não raro, accórda-se á madrugada e se põe, no leito solitario, a pensar acerca do seu isolamento.

Lacremeja, então, penalizado de si mesmo... Mas quando se recórda de que, no Universo, só elle delle assim se condõe, com essa força de se condoer... um arrepio macabro lhe córre os nervos!

Dedéco já vae para os seus quarenta... Requiem!

Requiem! já vae moribundo na existencia, pois que se não deprime, pois que se não exalta!

Vae-se mumificando! Requiem á Morte-seccal...

— Dedéco caminha em deliciosa protophonia do Nirvana. Isso é que é, adolescentes!

Dedéco vae-se sublimando para a Consciencia Universal...

Não interpretem mal o aristocracismo de Dedéco! («Civilizar é requintar as desigualdades naturaes»). Enamorado da Feminilidade, isto é de graça superior que paira sobre todas as coisas: dos attributos que, em geral, fulgem outro donaire que não os rispídos conceitos iniciais... Dedéco passa pe'lo Estardalhaço como um transviado do magno Caminho...

Quando outra coisa não lhe possamos fazer, afastemo-nos para elle passar...

Suma-se por ahi o phantasma!

... E descansemo-nos delle! — Assim como os religiosos têm obrigação de ser virtuosos, elle tem obrigação de ser Alto, e Só, e sufficiente a si proprio!

Soffre? Tanto melhor: deixará de ser um *profissional da alegria*.

Elle mesmo o proclama.

«Eia! Viva! percorrer na diversidade das phases, dos aspectos, das circumstancias, a magia do Universo, no quanto se possa descortinar...»

Gloria das glorias!... Mas podia ser elle um pouco menos triste!

Ah! lá vae para os quarenta annos!

Dedéco podia ser, contudo, mais «actual», menos triste!

Sem duvida, tem um grande segredo a revelar... A coragem, a competencia em se fazer ouvir, o «valerá a pena?... quem o sabe?»

— Ha quem haja notado nelle certa expressão de «arrependido de sua pessoa».

Deixem lá! quando o discipulo amado de Tranquillino se fôr, far-lhe-hão bons necrologios, bom noticiario, lindos panegiricos!...

— O melhor comtudo...

Elle é desses homens cujo legitimo elogio só pôde ser feito pelo proprio.

Dedéco é manhoso!... Durante o chá natalicio pairava-lhe no rosto um sorrisinho que intrigou... que incommodou a todos...

Pagou bem caro:— não lhe foram feitos alguns dos brindes a proposito preparados.

Isso lhe deve ter feito mal!

.....

Já devem ter percebido que Dedéco é dos taes que, senhoris embora, não aguentam muito tempo sós o frio do seu mysterio.

# renovação

Publicada a 1.ª serie de «ESTUDOS» do sr. Tristão de Athayde. Volume de quatrocentas e vinte paginas, contendo os mais recentes artigos de critica do escriptor illustre e joven. Dizem-me que outras series, até á quinta ou sexta, apparecerão sem demora. Será um acontecimento literario. Meia duzia de volumes como o de agora, trepidantes de intelligencia e de cultura, constituirão irrecusavel testemunho de força do hodierno espirito de nossas letras.

Quero fazer uma rapidissima resenha das impressões dominantes que me provocou este volume inicial. Principalmente para discutir algumas affirmações importantissimas do sr. Tristão de Athayde. Com o tempo darei o meu «estudo» sobre a individualidade do critico, que é das mais vivamente interessantes desta hora. Não faltará occasião.

## DUAS TENDENCIAS

Para Tristão de Athayde, só duas tendencias marcadas e originnes se podem distinguir, de modo mais nitido, no movimento de renovação de nossa arte literaria. O que se gerou das idéas do sr. Graça Aranha, e já encontrou expressão criadora no *Toda a America*, de Ronald de Carvalho. E o que irradiou de S. Paulo, com Mario e Oswald de Andrade, Sergio Buarque de Hollanda, Alcantara Machado, etc.

De ambas traça o critico, em schemas admiraveis, as grandes linhas estruturales.

Graça Aranha é o glorioso inventor, aqui entre nós, do dynamismo objectivista e da concepção espectacular do mundo: «O nosso futuro está na civilização. E' preciso sacudir o mysterio verde das florestas. O trilho que aterre os pantanos e os bugres... Que o futuro se affirme victoriosamente contra as blandicias do passado. Que as leis incorporem a libertação dos vinculos tradicionaes. Que a raça se depure de suas mestiçagens africanas e se aryanize. Que o individuo affirme victoriosamente a sua personalidade. Que a razão expulse a fé. Que o instincto governe a razão. Que a liberdade estimule o instincto. O Brasil precisa viver violentamente a sua vida. E a sua vida é o progresso, é o futuro, é a libertação absoluta do individuo...»

Os do grupo paulista são os pais satisfeitos do «primitivismo» que ahí anda: «Para elles, a civilização falliu. A Europa, á qual vivemos ligados desde a descoberta, e da qual temos importado todos os nossos movimentos literarios, fallhou em sua tarefa. Nada temos a aprender com ella sinão a confissão da sua propria fallencia... E, portanto, pensemos em nós. Sem nada de preconcebido, pois o passado nada nos pode dar. Sem nada de intencional, pois não sabemos para onde vamos nem o futuro que nos convem. Fechemos, portanto, as nossas portas ao passado e ao futuro. E vamos viver no presente. Nosso unico refugio. Nossa unica verdade.»

E qual esta verdade?

«O brasileiro tem soffrido de «talento». E' a intelligencia que o tem escravizado á velha carcassa européa. O brasileiro não é independente porque não se resigna a começar do principio. Se vive dos outros é porque quiz partir de onde os outros acabam. Quando deve refazer por si todo o trabalho que os outros fizeram. Começar por onde elles começaram. Partir do nada. E para isso o que lhe falta é a coragem de aniquilar-se. A

## a proposito de um livro de tristão de athayde

coragem de sacudir de si todo o aprendido, todo o accumulado, todo o intencional. De deixar de ser intelligente. De descivilizar-se.

Fazendo a analyse destes dois pontos de vista oppositos, o sr. Tristão de Athayde declara não aceitar integralmente nenhum delles. Acha-os parciaes e incompletos. Apenas elementos de uma verdade maior.

«Aceitar totalmente a ideologia do sr. Graça Aranha seria louvar uma concepção materialista da civilização. Proseguir no naturalismo apenas disfarçado. Falsear todo o nosso caracter. Artificializar a nossa arte.»

E aceitar totalmente o primitivismo paulista, seria «fazer literatura apenas ás avesas. E conseguir apenas disseminar um escarneo infecundo, um pessimismo inutil e meramente destruidor.»

Cada uma das duas tendencias representa, para o critico, um elemento real e fecundo.

## “o mundo deserto”, de jean pierre jouve

Novella desigual, com graves defeitos de construcção.

Uma absurda 2.ª parte, que nada justifica, que o leitor não pedia, nem esperava...

A primeira parte, porem, que delicia profunda!

O «deserto» ali, significa a tragedia do eterno, irremediavel isolamento das almas de excepção, das almas marcadas do estigma da singularidade.

A experiencia de Jacques de Todi, a personagem central do livro, é typica.

O autor a envolve em ambiente de maravilhosa fragrança pinturesca, em plena ebriedade dos scenarios alpinos.

O proprio ambiente moral é neutro, sinão favoravel.

A tragedia, porem, começa e se desenlaça inexoravel.

Em meio da trama dum brilho mate de sêda, ella caminha sem hesitação, segura, para o definitivo deserto.

Jacques de Todi não é um pária. Rodeam-no affectos dedicados.

Em cada chόque de sua alma com a interdição, que o destino lhe impuzera, de viver vida normal, a cada doloroso gόlpe, uma outra alma confrange-se, sofre com elle.

Não importa: o deserto do mundo mantem-se para elle inhumano, sáfaro, até ao horizonte extremo da existencia.

Entre uma amante admiravel e um amigo raro, tudo que fosse verdadeira euphoria lhe estava vedado.

O deserto do mundo!...

Nenhum sobresalto de vontade, nenhuma reacção possivel: apenas uma resignação instavel... e a morte nas claras, sumptuosas aguas do lago Leman.

m u r r i c y

Não acredita, porém, que qualquer dellas possa prozequir victoriosamente em sua pureza. Nem mesmo que fundidas, completando-se mutuamente, possam gerar, como duas faces da mesma Necessidade, um estado de espirito criador e expressivo.

Falta, a seu yer, uma terceira condição fundamental de nossa arte. O elemento espiritual. Uma mystica criadora.

Na expressão deste pensamento, bellamente desenvolvido no capitulo inicial do livro, foi que o sr. Tristão de Athayde profundamente me surpreendeu.

## RENOVAÇÃO E “RENOVAÇÃO”...

Na expressão deste pensamento, isto é, da necessidade de uma mystica criadora, que dá á nossa arte moderna um valor de espirito que o puro dynamismo quantitativo, não poderá trazer-lhe, e uma seriedade que sempre faltará aos artificios do primitivo, de terra a terra, do simplesmente popular, — foi que o sr. Tristão de Athayde me surpreendeu. Porque me deu a perceber que o erro de actuação em que vinha incidindo como critico prestigioso — e de que falei em pouco. — não nascia de uma obliquidade de visão, mas de um incompreensivel alheamento a tudo o que de mais serio e profundo se vem fazendo no Brasil, nesta hora, em materia de arte literaria.

O sr. Tristão accentua que só duas correntes parciaes e incompletas se destacam como vivos elementos de nossa vida literaria. E em seguida exprime o desejo de que surja uma terceira corrente de alto e fecundo dynamismo interior, uma corrente de significado mystico, como a que vemos em acção na arte russa, dando «as obras dos Dostoievsky, dos Gogol ou dos Tchekoff, esse sabor do humano mais que humano, esse desdobramento de vida que torna o localismo mais universal que qualquer arte cosmopolita»; o sr. Tristão exprime o desejo de que essa corrente surja, sem reparar, sem nunca ter reparado em que ella de facto existe, é uma das realidades de hoje, é a affirmação mais expressiva e grave deste momento brasileiro...

Tenho acompanhado a jornada brilhante do sr. Tristão de Athayde como critico das nossas letras jovens. Os capitulos deste livro, já os havia lido, a quasi todos, na imprensa diaria. E sempre me despertaram admiração e sympathia. Mas, ao lado desta admiração e sympathia, uma grande pena pelo desvio de orientação a que circumstancias especialissimas, talvez, de sua vida de homem conduziram o sr. Tristão de Athayde.

Eu não preciso ensinar ao illustre critico joven que «renovação», no sentido brasileiro, é coisa muito differente de «renovação», no sentido europeu do vocabulo.

A Europa é o Continente Fatigado. O Brasil, a formidavel nebulosa, que neste instante se condensa.

A Europa teve, com a guerra, a sua hora no Horto. E, ultrapassada na sua propria capacidade de resistencia, repelliu, num gesto desesperado, a taça da amargura. Appellou para o opio do esquecimento. Para a total embriaguez dos sentidos. A burguezia accendeu luminarias festivas em todos os seus palacios. E desandou no charleston, na bebedeira, nas allucinantes lascivias, para não ouvir, entre outras vozes, o brado proletario. Os artistas

Meu olhar se elevou até o céu dos teus olhos,  
e adoeceu do melancólico mysterio  
que dorme no sidereo  
esplendor dos teus olhos...

Meu coração sonhou, um dia,  
que era uma amphora em que tua bocca bebia  
o vinho claro do amor,  
e transbordou de candura e de amor...

Minha sombra escura  
roçou, de leve, a tua sombra luminosa, e ficou pura,  
e ficou branca de luar...

Meu pensamento, bebado de tréva,  
adormeceu em ti, e acordou tonto de estrelas!

Teu nome fulgiu na minha bocca amargurada,  
e os meus labios dolorosos  
se abriram numa canção!

Tua bondade amou minha tristeza,  
e minha tristeza floresceu, subitamente,  
em lyrios e em rosas de alegria!

Tua alma branca e boa  
se apiedou da minha alma doente,  
sentiu-a e adivinhou-a;  
e a Vida, numa revelação fulgida de aurora,  
sorriu, descuidosa e feliz,  
no fundo da minha alma crepuscular...

1924.

# e a vida sorriu...

a b g a r  
r e n a u l t

sas formas novas é polarmente antagonico ao europeu. Logo, não se podem estas formas modelar pelas da Europa.

## THEORIA E PRATICA...

Ora, o que aos olhos do sr. Tristão de Athayde tomou relevo em nosso movimento de renovação actual foi justamente o que de menos expressivo de nós mesmos esse movimento produziu até agora. O dynamismo objectivista do sr. Graça Aranha. O primitivismo de S. Paulo.

O sr. Tristão enxerga maravilhosamente o que ha de perigoso e deficiente nessas duas tendencias, como se viu acima. E compreende maravilhosamente qual o nosso verdadeiro caminho, — signal de que é um dos que deverão ir por elle. O seu erro, o seu grave erro, está em não saber applicar objectivamente o seu pensamento ás realidades desta hora. A sua *theoria* é quasi sempre certa. A sua discriminação de valores, lamentavelmente perturbada.

Era de suppor, por exemplo, que, depois de caracterizar tão nitidamente o que ha de funesto, para nós, na orientação dos primitivistas de S. Paulo, o sr. Tristão os combatesse como elementos nocivos á formação do nosso pensamento e de nossa arte. E', no entanto, o contrario que se dá. Sob apparencias de revide, de contradita, de critica imparcial, o sr. Tristão os vem exaltando dia a dia, tomado, no fundo, de entusiasmo verdadeiramente pueril por elles. Tres nomes estão sempre entrelaçados, como galhardetes, no alto mastro das suas affirmações modernistas: os de Mario e Oswald de Andrade e o de Sergio de Hollanda.

Mario e Oswaldo de Andrade; dois prosadores de talento (quando não escrevem em cassange), que resolveram renovar a... poesia brasileira...

Sergio Buarque de Hollanda (aliás uma de minhas fortes sympathias humanas e intelligencia vivissima) —: autor de varios... nomes de livros e de seis ou oito artigos, dos quaes a metade de doutrina pilherica, tomada a serio pelo sr. Tristão...

Prosadores reformando a poesia (os sonetos parnasianos do sr. Mario de Andrade são o attestado mais patente de sua incapacidade poetica) só poderiam dar o resultado que ali vemos. A blague. A jocosidade de máu gosto. A ausencia completa do sentimento do rythmo, que só os verdadeiros poetas possuem. O pastiche de coisas europeas e passadas. E ainda: a bolshevicção da lingua, a desfiguração dos nossos mais característicos sentimentos, a absoluta exclusão do pensamento serio e sincero. Em summa: a renovação mais ás avezas e menos brasileira que se pudesse desejar.

A analyse que Tristão de Athayde faz do pensamento esthetico de Graça Aranha é severa e acertada. O que não impediu que isolasse como esplendida realização brasileira e modernista o poema *Toda a America*, de Ronald de Carvalho, que havia caracterizado como expressão criadora daquelle pensamento...

Consideremos as coisas mais de perto.

Em primeiro lugar, é injusto dizer, seccamente, que em *Toda a America* Ronald é simples discipulo do autor de *Canaan*. O que ha de luminosa graça, de harmonioso desenho, de limpida frescura de expressão no *Toda a America* não poderia nunca ser produzido pelo philosophismo sem fundamento de *A Esthetica da Vida* e de *O espirito moderno*. O que o sr. Ronald realizou neste livro foi resultado da sua constante pesquisa da forma literaria. Foi o premio da sua fervorosa abnegação de artista e de escriptor.

Por outro lado, contudo, seria tambem injusto considerarmos *Toda a America* uma

fizeram-se crianças e começaram a brincar. Fugiram á meditação no seu proprio destino. Inventaram as mais divertidas travessuras. Os que puderam, viajaram. E embebedaram-se, na sua arte, da volupia da viagem. Contanto que lhes não sobrasse tempo para pensarem na sua propria realidade. Para attentarem na poeira que subia das ruinas, em torno. Cubismo. Dadaismo. Suprrealismo. E todos os demais *ismos* de que temos noticia. Inclusive o bolshevismo...

(Bem sei que ha uma outra face das coisas, na Europa. Mas não interessa agora ao nosso caso).

Ora, connosco, deu-se quasi que o opposto. Nós vinhamos vegetando: começamos a acordar para mais profunda consciencia de nós mesmos. Andavamos apalermados para as grandezas do mundo: começámos a perceber que poderemos ser uma dessas grandezas. Em nosso espirito, um pleno alvoroço de esperanza e desejo. De esperanza e desejo dolorosos, porque nos vieram com a consciencia do que nos falta. E o que nos falta é muito ainda. Mas, pelo menos, sabemos *por que* nos falta, pois chegámos á compreensão do phenomeno que representamos no mundo. E, assim, a esta hora, não nos tememos de enfrentar nosso destino, de o considerar face a face, e de nos lançarmos á conquista das promessas mais puras e radiosas que elle encerra.

E' com volupia, não obstante os arrepios de vertigem, que procedemos ás grandes sondagens necessarias em nossa alma de povo. Porque lá no fundo descobrimos, sob a apparencia de agitação desordenada ou de mórvida apathia, as energias formidaveis que lentamente se deslocam para as fusões maravilhosas do futuro.

«Renovação» para nós é, pois, «criação». Nós, do momento presente, temos de exprimir o

que já ha de effectivo em nós mesmos, afim de que este primeiro passo estimule as restantes realizações *in fieri*. Temos de definir as tendencias profundas de nosso temperamento, afim de que a vontade consciente precipite as crystalizações latentes. Assim, enquanto a Europa foge a si mesma para não suffocar, a nossa alegria é nos reconcentrarmos em nosso proprio espirito e nos retemperarmos ao effluvio vivo das forças virgens de nossa alma.

## O ELEMENTO COMMUM

Que poderá haver de commum, e ao mesmo tempo legitimo, entre a «renovação» brasileira e a «renovação» do velho mundo? Uma coisa apenas: a libertação da forma.

Neste sentido, a Europa nos deu um exemplo fecundo e nos fez um grande bem. Ella quebrou os antigos padrões artisticos. E nós precisavamos imital-a, como na realidade o fizemos. Mas precisavamos por motivos differentes. A Europa quebrou esses padrões por exaustão de sensibilidade. Nós deviamos, de qualquer modo, quebral-os, para poder encontrar os nossos rythmos, para realizar a nossa forma. Aquella libertação foi meio caminho andado. Porque os nossos rythmos já preexistiam em nós: o rythmo de cada povo está no seu proprio sangue. As formas antigas eram-nos um empecilho tremendo. Libertamos-nos dellas. O nosso mundo interior rejubilou...

Attente, porém, o sr. Tristão de Athayde: o movimento commum que por esta maneira se justifica é o da libertação, — mas apenas como pura libertação, no seu momento inicial. Adoptarmos, além do gesto redemptor, as formas novas que a Europa inventou, é tolice e loucura. O espirito que deve animar as nos-

# atitude

pura e radiosa crystalização poetica, expressiva de nossa alma neste instante e, portanto, um dos mais altos testemunhos da fecundidade do movimento renovador entre nós.

Toda a America não exprime quasi nada neste sentido. A não ser que, na relatividade de nossas coisas, o sr. Ronald é um escriptor de primeira ordem. Grande poeta, porém, não. Nem mesmo poeta, na acceção profunda do vocabulo. Nem mesmo pensador, no sentido mais vivo da palavra. Escriptor da cabeça nos pés. Typo acabado do literato. Capaz de um brilhantismo extremo, mas como vulgarizador. Todas as suas mais bellas paginas são de vulgarização. Veja-se a *Pequena Historia*, os *Estudos Brasileiros*, o *Espelho do Ariel*. Ronald, caracteristicamente, não é um criador.

A sua obra em versos passados ou libertos — triumpho admirável da intelligencia sobre a deficiência do instincto poetico — o está demonstrando claramente.

Tristão de Athayde procura traçar a curva da evolução dessa obra. Mas a meu ver, enganou-se nos rotulos. *Luz Gloriosa* não é um livro symbolista: é um poema hermes-fontiano; nasceu directamente da poesia de Hermes-Fontes. *Poemas e Sonetos* representou uma homenagem aos valores consagrados da Academia Brasileira, ao tempo em que appareceu. É um poema parnasiano, no qual se notam, contudo, influxos secretos e vivos de Cruz e Souza. *Epigrammas ironicos e sentimentaes* não teria vindo sem as *tanças* do sr. Nico Ourigoutchi. E *Toda a America* é um poema whitmaniano, como *Jogos Pueris* uma experiencia cubista.

Esta diversidade de influxos e esta volubidade de orientações, para não falar nos abyssos de descontinuidade espirital que existem de uns para outros livros do sr. Ronald de Carvalho, — mostram á saciedade a sua falta de verdadeiro, profundo, legitimo temperamento poetico. Nas entrelinhas do livro de Tristão de Athayde acham-se feitas todas estas constatações. O critico é dono de uma intelligencia agudissima. O que não pode fei fugir a influencias do momento.

## A TERCEIRA CORRENTE

Não obstante essa attitudo de perpetuo incensamento a nomes que, logicamente, deveria pelo menos sottopôr a outros, o sr. Tristão de Athayde, como acima ficou dito, sente que tudo isto é falho, errado, esteril, e aponta aquella terceira orientação já alludida e que, a seu ver, será a unica verdadeiramente fecunda e criadora em nossas letras. Aponta-a em linhas de nobre entusiasmo artistico, mas sem attentar em que ella está, de facto, traçada na obra de todo um grupo de artistas e pensadores novos.

Para referir-me ao caso talvez mais alheio ás cogitações do sr. Tristão de Athayde, tratarei, em primeiro lugar, do sr. Adelino Magalhães e seus livros de contos.

Adelino Magalhães publicou os seus *Casos e Impressões*, volume de estréa, em 1916. Depois disto deu á estampa, em épocas successivas, mais os seguintes livros: *Visões, scenas e perfis*; *Tumulto da Vida*; *Inquietude*; *A hora veloz*; e, ultimamente, *Os violões*. Cinco volumes alentados e uma plaquette final: toda uma obra. Toda uma obra que vibra de modernidade, de experiencia nova, de adivinhações surpreendentes. O sr. Tristão de Athayde ainda outro dia punha reparo em que se não houvesse reflectido aqui o «suprrealismo» de André Breton. Pois Adelino Magalhães é um precursor, não só no Brasil, mas no mundo, do suprrealismo. Um precursor e um

Está ahí uma entrevista que ainda não se fez:

— «Qual deve ser a attitudo de um intellectual nas aborrecidas épocas de transição, como a actual?»

Isolar-se, alongar-se cada vez mais para o infinito, no opio-consciencia da solidão? Mas d'ahi não poderá ser que, quando a gente se procure, não se encontre mais a gente consigo?

Viver bovarysticamente num mais artificial de requinte livresco? Acclimatar-se, pela cultura, a todas as épocas, a todos os paizes longinquo, procurando o universo no espaço e no tempo, excepto a triste época em que se nasceu?

Mortal enigma para os que estão convictos de que se incompatibilisaram com a civilização das panofonias cinematographicas, das gambiarras dos Broadway, dos murros e dos pontapés; para os que amam sómente as orgias em que se não desnudam as mulheres! para os que julgam que civilizar é requirir as desigualdades naturaes.

Pobres «fóra de tempo»!

O mais certo será que trabalhem com a saudade do passado alguma coisa que se incline para o futuro — quem o sabe? «on revient toujours...» — e a se consolar assim, para o presente deitem olhos de deliciosa indulgencia.

## adelino

realizador. E note-se ainda: não do suprrealismo de pilheria, inaceitavel para nós, do manifesto de Breton. Mas de um suprrealismo que é um filão novo da grande arte e, sobretudo, de um suprrealismo profundamente brasileiro. Certas de suas paginas são um mergulho fundo no nosso subconsciente racial. Paginas reveladoras, transfiguradoras, de alta potencial dinamica.

Se o sr. Tristão procurar informar-se de Adelino junto a alguns dos seus amigos, dir-lhe-ão talvez que o admiravel artista novo é um immoral, um pornographic, um doente.

Adelino tem, de facto, paginas immorales: Tem paginas pornographicas. Tem paginas doentes; no peor sentido da expressão. Mas ao lado dellas, e em maior numero, tem paginas fascinantes de arte nova e radiosa.

Leia o sr. Tristão de Athayde o conto «Um prego, mais outro prego», de *Tumulto da Vida*. E «Trechos de uma biographia», de *Visões, scenas e perfis*. E «Jardins», ainda deste livro. E «Hontem», de *Inquietude*. E «As 21 noites», de *A Hora Veloz*. Leia tudo isto e verá que não precisamos de que venha alguém pastichar aqui o *Poison soluble*, como os primitivistas de S. Paulo pasticharam Cendrars e Cocteau.

O que Adelino vem fazendo é que é, — embora num sentido todo seu, pessoal, restricto, — renovação brasileira.

Como renovação brasileira é, no sentido do pensamento philosophico, politico, religioso, toda a obra e toda a acção de Jackson de Figueiredo, este genial condottieri moço, cujo gueiredo, este genial condottiere moço, cujo testemunho pessoal sobre Tristão de Athayde

Renovação brasileira é a poesia de Murillo Araujo glorificando a Cidade de Ouro, isto é, me faz prever que o eminente critico moço será ainda arrancado da illusoria miragem em que

se encontra, para o terreno solido em que labutam os legitimos renovadores.

integrando na poesia a mais nossa das nossas realidades — a capital brasileira —, como ninguem tinha podido fazer antes delle.

É a critica e a arte de Andrade Muricy: a critica pesquisadora dos fundamentos moraes e ethnicos de nossa particular esthesia; e a arte que, em *A festa inquieto*, paradoxalmente nos deu uma pagina modernissima na luminosa volupia dos seus rythmos ágea, brasileirissima no seu intimo anseio humano, e, o que mais surpreende, crystalizada como nenhuma outra em nossa actual literatura de ficção.

É a poesia ultra-dynamizada de Cecilia Meirelles, toda feita de illuminadas névoas espirituales, e perfazendo uma conquista de rythmos novos e nossos que só ouvidos distraídos ainda não puderam perceber.

É, no mesmo sentido de pesquisa de rythmos inéditos, mas conservando o fundo commovido da alma brasileira, a poesia de um Ribeiro Couto, de um Abgar Renault, de um Wellington Brandão (em «Ciranda»), de um Augusto Meyer, de um Lacerda Pinto, de um Cassiano Ricardo, — para falar nos que estão fecundamente trabalhando na provincia.

É a interrogação ouziada da poesia de Barreto Filho, é o religionismo commovido dos poemas de Koram.

É a nota renovada que nos vem dando Gilka (veja-se o seu poema neste numero de *Festa*), a ardente cantora dos desejos arrebatados e a verdadeira realizadora, em arte, do nosso tropicalismo amoroso.

É a realidade no seu momento prodigioso de condensação, em que todas as energias se desencadeiam, compõem e recompõem, — que representa *O Estrangeiro* de Plinio Salgado, valor inconfundível e dos mais altos deste momento. É, por fim, toda a obra ainda em começo, ou apenas parcialmente revelada, mas já trazendo os traços fortes daquella «terceira orientação» de sentido tão vasto, — de um Henrique-Abilio, o estheta-pensador, de um Brasílio Itiberê, acrobata da phrase nova, ambos revelações de agora para a maioria, porém, velhas certezas para alguns.

Em todos os que ficaram ahí citados, nessa lista que eu poderia alongar, encontrará o sr. Tristão de Athayde, se tiver olhos de ver e um pouco de boa vontade, não apenas indicios, mas filões profundos, crystalizações sobebas desse estado de espirito (o «supranaturalismo» como tão curiosamente o rotula) que lhe parece necessario «para criarmos qualquer cousa de realmente nosso, novo e duradouro». Dessa «impregnação de espirito» que poderá «não eliminar os sentidos, pois a arte é por essencia coisa sensível e não abstracta, mas enriquecer esses sentidos, fecundal-os com a apropriação de verdades transcendentis ou profundas, de universos suprasensíveis ou infra-sensíveis». Dessa «mystica» que poderá «espiritualizar a nossa emoção criadora, desdobrar a nossa realidade linear, transportar para o plano das verticalidades o que ameaça decair permanecendo na simples horizontalidade».

Como pode o sr. Tristão de Athayde desperceber-se de tudo isto?

Estas linhas estão longe de esgotar os reflexões que suggere o livro de que trato. Estão longe de esgotar as rectificações e os louvores. Num e noutro sentido, tenho ainda muito que dizer. Ficará para a primeira oportunidade.

Quero, porém, mais uma vez accentuar que considero com orgulho este volume, que pelo quanto revela de intelligencia, de cultura e de força de espirito, é uma das afirmações mais serios «da minha, — da nossa geração».

# strawinsky

Pela sua vivacidade, e também (confessemos): pela sua bravidade, aqui vai traduzida a chronica que a respeito da execução de *Oedipus Rex* nos Bailados Russos, escreveu André George para «Les Nouvelles Littéraires».

«Cada obra nova de Strawinsky e a maneira pela qual, cada vez, é recebida, lembra-me esta observação de Sainte-Beuve: «Ha quem nunca tenha podido acompanhar Victor Hugo além de suas primeiras *Odes e Baladas*, e que imaginava fazer elle peor desde que começara a fazer differente». Mais ainda que qualquer outro grande artista, Strawinsky nos abandona a cada passo; *A Sagração, Mavra, o Octoro e o Concerto, Oedipus*, hoje. Nem mesmo se trata daquella marcha em *zig-zags* a que se referia Moranda, falando de Picasso, porem, sim, algumas vezes um prodigioso golpe do leme, que vira o navio de ponta a ponta.

«A partitura realiza um formidavel salto para a frente na grande via romana da qual as obras dos annos anteriores eram os marcos miliarios. O homem que concebeu o mundo maravilhosamente colorido do *Passaro de Fogo* e de *Petruchka, o musico da Sagração*, capaz de fazer, resdar poderosamente os «orgãos da Terra», passa agora a despojar, a desnudar, encarna-se em levantar grandes e puras columnas. E' significativo o contraste entre as duas partes do programma organizado pelos Bailados Russos: *O Passaro de Fogo, Oedipus Rex!* Uma arte tão severa irritanos, por vezes! Quizeramos fazer voltar Strawinsky ás suas «*Odes e Baladas*». Custamos a comprehender que elle lance algumas flores ros-sinianas sobre aquellas severas linhas á Bach, e que, em certas passagens, se limite a marchas harmonicas das mais tradicionaes.

Jocaste tem a mania incommoda de nos repetir que os oráculos são mentirosos. Entretanto, seria mesquinho insistir sobre pormenores. Esta grande obra, aceita-se-a ou não se a aceita, e em bloco, totalmente. Apercibemo-nos disso, irresistivelmente, á primeira audição. O desencadeiar sobrio, a potencia tragica de *Oedipus*, desde o côro inicial até o esmagador e magnifico final, ao qual chegamos sem jologo, aquella mestria incomparavel conduz-nos sem desfallecimento. Ella é feita de brilhantes fanfarras, de massas coraes e orchestraes largamente superpostas, ora duma linha de pungente contra baixo sustentantlo sosinho o recitativo. Seja o que for que nos lembramos de dizer em caminho, no fim, quando nos volvamos para traz, esta musica

levanta-se como um pico abrupto, acima das gelleiras. E' impossivel não pensar naquelle «aspecto monumental», de que fala, de começo, o texto.

«Estranha época! Diz-se que ella procurava o gôso antes de tudo. Vêde, porem, os mais perturbadores dentre os seus magicos: Falla, Strawinsky. Toda a sua vontade, toda a sua

arte tende a cortar as azas ás seducções. Sejam quaes forem nossas preferencias, ao menos convenhamos em que aquelles grandes homens nos dão o maior e o mais pathetico exemplo: sem sacrificios, si assim se pode dizer, tem tanto que sacrificar!... Sabe-se, afinal, que ha dois modos de ser classico: pela renuncia, e pela impotencia.

andré george

## o canto da jandaia

Filha de Araken, tu eras para a Jurema... Tu eras para Tupan...  
Por que te aninhaste nos braços do guerreiro branco, naquella noite...  
naquella rêde?  
Por ti, o dia da terra ficou triste.  
Nunca mais correste as mattas dos Tabajaras... E o que de ti nasceu tu  
mesma o chamaste Moacyr... — o soffrimento eras tu.

Filha de Araken, filha de Araken, eu sei onde está o teu camocim...  
E sou como a jandaia, repetindo o meu nome na minha saudade, a vêr  
se vens outra vez...

Os verdes mares vão levando de onda em onda a minha voz... Até os  
mares de outro nome que os prolongam, e vão dar ás terras des-  
lembradas dos primeiros donos de muyrakitans...

Filha de Araken, se tu acordasses ainda?  
Se a propria voz de Tupan te chamasse de dentro da terra?  
Se viesses preparar a bebida da jurema, que tem espinhos, que amarga,  
mas que encanta?

Filha de Araken, é tempo de voltares para a tua raça.  
Ouve o canto de jandaia appellando para o teu mytho!

cecilia meireles

# quatro carvões

---

## genese

O pedreiro preparou a argamassa  
e foi juntando pedra a pedra  
e erguendo o muro.

Foi lentamente criando  
a realidade concreta do muro alto.

Foi lentamente criando  
em gestos essenciaes  
e em silencio,

perdido no infinito de si mesmo  
como um deus...

## as cabras

Pela rua barrenta do arrahalde  
o cavalleiro passa veloz  
erguendo pó;  
e espanta as cabras ariscas  
que fogem, ágeis, para o morro  
e, galgando o barranco, em brusco arranco,  
reproduzem  
num relampago ephemero de belleza

o milagre de um frizo parthenaico  
vibrando, vivo, á luz do sol...

## feira

Nos taboleiros rectangulares  
as hortaliças húmidas  
acabaram de nascer neste instante:

ainda palpitam do milagre da criação.

E ao seu mágico influxo  
a multidão, em torno,  
vibra numa alegria ingênua e simples.

Vibra numa alegria  
radiosa e plena,  
como devem ter sido  
as alegrias inauguraes  
das primeiras manhãs do mundo...

## as laranjas

Junto ao gradil da varanda,  
na tarde adormecida,  
a laranjeira  
suporta, maternalmente, o cansaço  
do seu destino de proliferar.

Ao peso das laranjas douradas e redondas  
vergam-lhe os galhos para o chão,

como se a terra, alongando braços invisiveis,  
procurasse arrancar-as á arvore mansa e humilde  
para saciar nos fructos fascinantes e tímidos  
a sua fome  
de realidade e de belleza.

## humus

Os cavouqueiros ergueram num gesto unanime  
as enxadas pesadas  
e desferiram o primeiro profundo golpe  
sobre o chão resequido.

E depois, no mesmo rythmo de força,  
outro golpe, e mais outro,  
e mais outro...

A' beira da valla semi-aberta  
foi-se amontoando a terra húmida  
vinda dos secretos recessos  
do chão humilde...

... foi-se amontoando o humus negro  
surpreendido pelas enxadas  
na ansia das geneses prodigiosas,  
e que á luz clara da hora ardente  
parecia pulsar e ferver ainda  
de desejo criador...

# e uma aguarela

---

# a l e n c a r

Meio centenário da morte do romancista insigne.

É muito jovem a literatura brasileira: é apenas de hontem, de um «hontem» recente, a que assistiram nossos avós imediatos.

Cincoenta annos que desapareceu dentre os vivos o autor de «O Guarany», cincoenta: uma curta vida de homem...

No entanto, é Alencar o patriarcha máximo de nossa literatura.

Delle data um acervo consideravel de manifestações essenciaes de nossa arte (literatura, pintura, musica); a elle póde ser filiado quasi todo o romance brasileiro.

Sobretudo, delle proveiu a mais legitima de nossas orientações no que se refere á lingua literaria, á qual elle transmittiu o cheiro da terra brasileira, e saboroso e entontecedor perfume de selva e fructo.

Quando quasi todos os nossos autores recorrem á sensualidade para expressarem nosso ardór tropical, Alencar fê-lo com frescura virginal e saudavel, com avisada candura de primitivo, com altos elances de adolescente genialidade.

O maior precursor!

O maior! Sem comparação possível, no que se refere ás nossas lindas fontes de brasilidade.

Gonçalves Dias foi um «indício» do despertar nacional, não uma vigorosa affirmação.

Não indicou caminho que fosse, ao depois, seguido.

Machado de Assis não foi um precursor, mas, isso sim, um realizador definitivo, circumscripto ao seu ambito analytico, creando num refolho íntimo da sensibilidade brasileira maravilhas de equilibrio, entretecidas numa trama sólida de ágil intelligencia desencantada.

Graça Aranha, Euclides da Cunha, esses são precisamente, com os nóvos de maior significação, attestadores do senso divinatório de Alencar, com o livre dominio e manejo da lingua, nella introduzindo a doçura da fala brasileira e os musicas idiotismos verbaes, tão expressivos de nossa alma tropical-americana.

Um precursor altissimo, por que consciente.

O prefacio dos «Sonhos d'Oiro» constitúe, desse ponto de vista, uma perfeita maravilha.

«A manga, da primeira vez que a prova, acia-lhe o estrangeiro gosto de therebentina; depois de habituado, regala-se com o sabor delicioso. Assim acontece com os poucos livros realmente brasileiros: o paladar portuguez sente nelles um travo; mas si aqui vivem connosco, sob o mesmo clima, attrahidos pelos costumes da familia e da patria irmãs, logo resóam docemente aos ouvidos lusos os nossos idiotismos brasileiros, que d'antes lhes destoavam a ponto de os ter em conta de senões».

Que disse de mais acertado, ao depois, um João Ribeiro? Terá explicado melhor: não se adiantou mais.

E adiante (a seducção de citar palavras já velhas de cincoenta e cinco annos, e

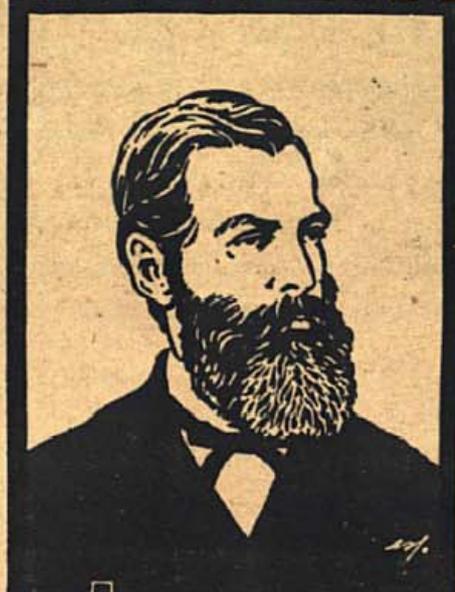
jovens, de hoje!): «...decretaram que não temos, nem podemos ter litteratura brasileira. A grande intelligencia de Alexandre Herculano nos prophetisára uma nacionalidade original, transfusão de duas naturezas, a luza e a americana, o sangue e a luz.

Mas os dictadores não consentem; que se ha de fazer? Resignemo-nos. Este grande imperio, a quem a Providencia rasga infindos horizontes, é uma nação ouca; não tem poesia nativa, nem perfume seu; ha de contentar-se com a mangerona, apesar de ali estarem rescendendo na balsa a baunilha, o cacto, e o sassafráz.

Ah! os dictadores!...

Elle, Alencar, vasou na amphora de barro losco, de vidramento desigual mas scintillante, de nossa jovem poesia, os perfumes todos do trópico brasileiro, e o sassafráz e a baunilha, e a manga cheirosa e o captiloso cajú.

## Jose' de



## alencar.

Criticando-se a si proprio, e antecipando-se a um julgamento justo, porem incompleto, que posteriormente muito se repetiu sobre a significação nacional de sua obra, escreveu elle, sempre no famoso prefacio alludido: «... representa o consorcio do povo invasor com a terra americana, que delle recebia a cultura, e lhe attribuia nos effluvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um sol esplendido. Ao conchego desta pujante criação, a tempera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de modulos mais suaves; formam-se outros costumes, e uma existencia nova, pautada por diverso clima, vae surgindo».

Alencar foi mais longe, mais do que suppoz. Foi além da estupenda descoberta do pinturesco brasileiro (no que teve mais justeza, força suggestionadora, criação, do que Chateaubriand no seu gratuito exotismo americano da «Atala»).

Com expressão insegura, menos efficaz, porem, ainda assim, impressiva e arguta, demarcou em suas ultimas obras alguns aspectos característicos e symptomaticos da sensibilidade brasileira em acção no jogo da entrosagem social simples, incomplexa, da gente do seu tempo.

«Iracema» e «Ubirajara» nos dizem sobretudo do cheiro da terra, da fragrança auroral do ar nativo, da cantante luminosidade americana.

«O Guarany», «Minas de Prata», são o monumento da hora inicial e solemne da posse, e dos primeiros contactos com a selva e o sub-sólo allucinante do novo «El Dorado».

Já, porem, «O Tronco do Ipê», «Sonhos d'Oiro», «O Demonio Familiar», e todos os graciosos perfis de mulher («Senhora», «Diva», «Luciola», «A Viuvinha», etc.) são, com os romances de Macedo («Rosa», «A Moreninha») e o «Seminarista», de Bernardo Guimarães, as primeiras representações legitimas de nossa synthese social de então, tão proxima, através da distancia no tempo, da que se encontra na obra de Machado de Assis, de Xavier Marques, de Afranio Peixoto e de Lima Barreto.

Referi-me a dois romancistas romanticos, Alencar sobrepuja-os de toda a altura de sua genialidade irrecusavel.

O misterioso perfume de brasilidade existente em Fagundes Varela, nos rythmos populares de Casimiro de Abreu, nas paginas ingenuas da «Innocencia», de Taunay, transmuda-se, muita vez, em Alencar, em jorros de luz feérica, porem não cegadora, antes suave luz matutina.

Sobretudo nessa phase derradeira da produção (não posthuma) de Alencar ha muita incompletação, muito adoravel, delicioso tacteamento, muito rythmo apenas indicado tudo dum encanto quasi imponderavel, porem positivo e possante.

A obra posthuma?

Essa é immensa: mais de trinta romances inacabados, obras juridicas, poemas, abundantissimo jornalismo, correspondencia, theatro...

Cem volumes!

E falleceu em plena maturidade, aos quarenta e oito annos.

Entre nós ha preconceito contra os grandes productores em materia literaria. Acreditam que não haverá incentivo para vasta produção verdadeiramente valiosa em ambiente como o de que dispomos: dispersivo e, hoje principalmente, tão distraído da alta actividade intellectual.

Outra razão do preconceito: algumas obras immensas (oitenta e cem volumes) que por ali existem...

Esse preconceito valerá quanto quizerem...

Quanto a Alencar, uma tal massa significa para o Brasil fermento precioso, do qual cada parella foi inoculação fecunda, obra veneranda e querida.

De hontem, e no entanto deslumbrante de juvenildade sorridente.

# a n d r a d e

# m u r i c y

Achei engraçadíssima a displiscencia com que o sr. João Ribeiro disse, outro dia, esta coisa:

«... Mais tarde o symbolismo lá (em Portugal) com G. Junqueiro dos *Simplex* e Antonio Nobre foi aqui imitado por um poeta de talento, mas de segunda ordem, Cruz e Souza». (Chronica literaria — «Jornal do Brasil» de 9 de Novembro ultimo).

...

Eu queria que o sr. João Ribeiro fosse da minha idade. Dispensar-me-ia de circumloquios e euphemismos. Mas o conhecido philologo tem quarenta annos mais. «Respect the aged and infirm», como declamava aquelle jaccaré de Rudyard Kipling.

...

Já se têm dito, a respeito do periodo symbolista brasileiro, tolices de todas as especies; já se têm dito por irreflexão, por ignorancia por odio pessoal. Não descubro o motivo por que o sr. João Ribeiro o faz. Será, talvez, por fadiga moral, tanto e tão duros lhe têm sido os trabalhos através de cincoenta ou de sessenta annos de actividade literaria.

...

Mas nós estamos numa hora seria de nossa vida de povo. Precisamos acabar com esta velha mania de deprimir ou negar, por simples inclinações preferencias, ou por leviandade, ou por desporto, as nossas mais significativas realidades.

O periodo symbolista foi um momento glorioso do nosso espirito. Um instante de revelação, de complexificação de nossa intelligencia, tão vivamente caracteristico quanto o periodo romantico. Deu-nos mais de um grande poeta. Deu-nos pensadores como ainda não haviamos possuido. Integrou-nos melhor em nós mesmos. Apressou o processo da universalização de nosso espirito. Trouxe palpitações desconhecidas á nossa poesia. Encheu de significação humana o nosso pensamento commo-vido.

O periodo symbolista foi tudo isto. Não devemos consentir que homens que estão falando do alto das columnas da imprensa e, portanto, influindo na formação mental da gente nova, estejam a deprimil-o, negal-o, deturpal-o. Pelo mesmo motivo por que não podemos consentir que se negue o Tiradentes, ou a nossa gloria na repulsa aos hollandeses. E' uma questão de defesa do nosso destino collectivo. Uma questão de dignidade espiritual.

...

Que será que entendem por symbolismo os srs. João Ribeiro, Fifinho e todos os outros negadores?

O movimento symbolista, no Brasil, não foi um simples e passageiro reflexo do movimento symbolista europeu. Foi um novo estado de alma, estimulado, sem duvida, pelo exemplo da Europa, mas profundamente brasileiro. Correspondeu ao verdadeiro despertar das nossas ansias metaphysico-religiosas. Foi mais do que pura corrente literaria. Foi um ambiente espiritual.

E dentro desse ambiente é que se explica, não apenas a obra poetica de um Cruz e Souza, de um Emiliano, de um Silveira Netto, ou a prosa surpreendente de um Graça Aranha, mas tambem o pensamento messianicamente combativo e constructor de Farias Brito, Alberto Torres, Euclides da Cunha, Nestor Victor.

De Farias Brito, com quem nasceu a philosophia brasileira.

De Alberto Torres, a quem devemos a nossa consciencia politica.

De Euclides da Cunha, que infundiu em

# o symbolismo

nossa alma a confiança infinita em nós mesmos e suscitou todo o nosso saudavel optimismo de hoje — redimindo o homem dos sertões e o homem dos pampas.

De Nestor Victor, que criou o ensaio no Brasil, e abriu-nos horizontes para o vasto mundo, e introduziu o dado psychologico em nossa critica literaria.

Falemos, porém, apenas dos que constituiram o grupo heroico daquelle momento de fervor.

...

O sr. João Ribeiro supõe que o Poeta Negro é hoje ignorado.

Considere o illustre philologo apenas isto: de uma edição que a empresa editora «Anuario do Brasil» fez, ha cinco ou seis annos atrás, das *Poesias Escolhidas* de Raymundo Correia, a 5\$000 o volume, ainda restam dezenas de exemplares a vender. De uma edição de tres mil exemplares que a mesma empresa nos deu das obras completas de Cruz e Souza, em dois grossos volumes, ao preço de 6\$000 o primeiro e 7\$000 o segundo — ha tres annos somente, — quasi nada mais resta...

Já se prepara a 2.ª edição dessas obras completas.

E os exemplares rarissimos das edições princeps do poeta são vendidos, nos cebos, a peso de ouro...

...

Fifinho (outro dos negadores,) que tudo ignora acerca de literatura brasileira, está pensando ainda a estas horas que Cruz e Souza foi um meteoro que riscou, rápido, o céu de nossas letras e desapareceu para sempre.

Elle não sabe que o Negro magestoso, além de ser hoje um dos mais lidos entre os poetas das gerações passadas, revive na obra de muitos dos mais significativos artistas novos.

Na poesia endolorida de Pereira da Silva. Nos rythmos amplos de Hermes Fontes.

No balaceio voluptuoso dos poemas de Gilka. Na musica de estranhos timbres de Cecilia Meirelles.

Nas symphonias heroicas e nas violinadas suavissimas de Murillo Araujo.

Nas queixas e nos escarneos daquelle singular Augusto dos Anjos.

Em toda a sonoridade nova, em todo o transubstanciado sentido da poesia brasileira deste momento de renovação.

...

Elle não sabe que o alto cantor dos *Pharões* e dos *Ultimos Sonetos* inspirou as mais commovidas paginas de apologia a alguns dos lideres de nossa critica jovem: a Jackson de Figueiredo, a Andrade Muricy, a João Pinto da Silva...

...

Os tres historiadores da nossa literatura disseram a sua palavra definitiva sobre o poeta Negro.

Seria superfluo reproduzir aqui a ardente pagina do *Livro do Centenario*, em que Sylvio Romero lhe consagrou o nome luminoso.

José Verissimo teve esta confissão commo-vida, quando appareceram os *Ultimos Sonetos*:

«Si a poesia, como toda a arte, tende ao absoluto, ao vago, ao indefinido, ao menos das commoções que ha de produzir em nós, quasi estou em dizer que Cruz e Souza foi um grande poeta.

...sua poesia... flôr singular, de rara distin-

ção e colorido, de perfume extravagante mas delicioso, no jardim da nossa poesia...»

E para Ronald de Carvalho havia em Cruz e Souza «a força de um precursor».

...

O sr. João Ribeiro confessa que foi, em poesia, discipulo de Alberto de Oliveira. E que, por insufficiencia pessoal, não poude acompanhar o vôo glorioso do grande poeta de «Alma em flôr». Por isto, abandonou as musas.

E' pena que, no terreno da critica, não tivesse feito o mesmo: uma vez que o seu mestre José Verissimo tambem o superou tão altamente, deixando uma obra de critica literaria que vale, pelo menos, por um testemunho inconcusso de honestidade intellectual...

...

Oh, a insidiosa campanha das chamadas «rodas officiaes...»

Goulart de Andrade, ha coisa de dois para tres annos, publicou admiravel pequeno ensaio sobre Cruz e Souza. Pagina de puro deslumbramento espirital.

Conversámos a respeito.

— Então, Goulart, só agora descobriu o Poeta Negro?

— E' verdade! «Elles» sempre me esconderam o Cruz. Foi por acaso que o li...

(«Elles»: a gente da Academia...)

...

Alguem, ha pouco, pretendeu conferir a Bilac uma supremacia incontrastavel entre os nossos poetas de todos os tempos.

Bizarro instincto, este da inversão dos valores!

Já não quero falar dos poetas românticos, que cantaram o nosso canto de alvorada, e por isso attingiram á gloria mais pura.

Já não quero falar de Luiz Delfino, de cujo estro prodigioso surgiu todo o nosso movimento parnasiano.

Mas, apenas, dos dois grandes contemporaneos de Bilac: Cruz e Souza, Alberto de Oliveira.

Já fiz a defesa do primeiro.

Quanto ao segundo, acho verdadeiramente surpreendente que ainda se lhe não tenha apreendido a profundez da significação em nossa poesia.

Entre Alberto e Bilac, toda comparação é gratuita.

Bilac foi o poeta do fervor dos sentidos. Alberto, o aédo da nossa profunda, intima, transfigurada commoção humana. Na poesia de Bilac, ha rumores de beijos e fremitos sexunes. Nos poemas de Alberto ha todo o mundo virgem da nossa natureza e da nossa alma. Num, a expressão se apurou em linhas de elegancia e graça. No outro, porém, captou os rythmos essenciaes do nosso coração.

...

Sim, Cruz e Souza. Os outros?

Falemos do critico por excellencia, do pensador por excellencia do symbolismo: Nestor Victor.

...

Dos ensaios estrangeiros de Nestor Victor affirmou o velho Sylvio, em artigo de enor-

# brasileiro

me repercussão, que não tinham similares em nossa literatura. E que mereciam tradução em língua estrangeira, para que lá fora se visse a que finura de acuidade e de penetração havia atingido a intelligencia brasileira...

Ora, Nestor Victor, que Fifinho e Dondóca (o negador n.º 3) fingem ignorar, como a toda a invencível onda symbolista, prestou ao Brasil, com esses ensaios estrangeiros, simplesmente este serviço: deu-lhe o horizonte sem o qual fôra impossível todo o admirável florescimento literario de nossos dias.

Nestor Victor foi quem disse ao Brasil quem eram Maeterlinck, Ibsen, Nietzsche, Novalis, Emerson. E quem explicou, á nossa compreensão então rudimentar, o sentido dinamico da palavra nova que essa gente trazia.

Foi este o ponto de partida dos nossos mais altos pensadores de hoje.

E os almoçadinhas dos canaes de Bruges, que tanto nos azoaram os ouvidos durante algum tempo (Fifinho e Dondóca, entre outros), nas paginas de Nestor Victor foi que aprenderam a citar melancolicamente aquelles grandes nomes.

\*\*\*

Graça Aranha, symbolista legitimo da primeira hora, e o influxo fecundo do seu luminoso *Canaan*... Será preciso lembrar a função que exerceu em nossas letras?

E' verdade que, depois, vieram *A Esthetica da Vida e O Espirito Moderno*. Mas isto é uma outra historia...

\*\*\*

Dondóca arrepia-se todo quando nós affirmamos que Emiliano foi, tambem, um grande poeta. E julga que somos só nós a dizel-o.

Ronald de Carvalho explica, nas palavras seguintes, o motivo dos arrepios de Dondóca: «A poesia de Emiliano Pernetta ainda não é, e creio que nunca chegará a ser, popular no Brasil. O ardente poeta paranaense só poderá ser compreendido pelos homens de cultura, pelas intelligencias que tenham feito a volta das idéas e dos sentimentos refinados da civilização contemporanea. Sua arte, no que tem de mais significativa, possui aquella simplicidade de requinte que os gregos reputavam o maior dom do espirito creador. (*A Folha*, Rio, 16-4-920).

«Esse alto poeta, provinciano nas caracteristicas», escreveu Tristão de Athayde. E, citando o «Setembro» de Emiliano, poude dizer Hermes-Fontes: «E' uma pagina anaerontica». Para Hermes-Fontes, Emiliano foi um «magnò artista». E Philéas Lebesgue escreveu isto: «...les vers tendrement evocateurs de *Solidão*, si purs, si transcendants, si musicaux. *Une telle perfection n'avait pas été jusqu'alors atteinte par la poésie americaine*».

\*\*\*

Surpresa, hein?!

Ora, eu poderia dar-vos outra surpresa deitas se vos mostrasse o culto de carinho e de admiração commovida que ainda hoje tem, no espirito de dezenas de artistas velhos e novos, Silveira Netto, o symbolista singularissimo, não obstante o seu quasi absoluto afastamento da scena literaria durante mais de duas longas décadas, após a victoria do seu nome com o apparecimento do *Luar de Inverno*.

Aqui devo, porém, calar o meu sentimento pessoal. Mas não deixarei de lembrar que Sylvio Romero collocou este poeta entre os vultos representativos de nossa poesia no seu sobrio e discreto «Quadro synoptico da literatura brasileira», em que, relativamente falando, tão poucos nomes são citados.

E alinharei, de passagem, alguns conceitos extrahidos de artigos publicados acerca de Silveira Netto, por occasião da saída dos seus poucos livros:

«Nenhum poeta de sua geração estreou com maiores demonstrações de força de intuição e suggestão...» (Andrade Muricy).

«Silveira Netto é, sem contestação, um dos grandes poetas brasileiros da actualidade... Quando um dia se fizer um trabalho consciencioso de selecção daquelles que no Brasil têm produzido obra imperecível, entre raros, ficará á tona este emocionante artista e poeta...» (Abel de Assumpção).

«Ronda Crepuscular»... livro que nos dá o encanto dos mais doces symbolos, mais claras imagens, e dos mais harmoniosos rythmos...» (Peregrino Junior).

«... esse grande poeta da Sombra... Silveira Netto se creou assim uma atmospheria propria, uma esthesia inconfundivelmente sua...» (Peireira da Silva).

«Silveira Netto continua a cultuar suas preferencias do tempo de mais moço... Quando a individualidade literaria adquire a consciencia de ter attingido o mais alto grau de perfeição nos processos artisticos, para que variar para que mudar? (Fabio Luz).

«... altissimo poeta... «Luar de Inverno»... livro impressionantissimo... livro sem phrases feitas, livro sem logar commum, livro immortal». (Bueno Monteiro).

«Mais ou menos por essa epoca, em 1900, filiado ás novas tendencias renovadoras, appareceu o «Luar de Inverno» de Silveira Netto. Grande repercussão teve esse livro de norte a sul do paiz; a critica recebeu-o com sinceros applausos, consagrando o seu autor como uma das figuras mais representativas do movimento... Seja, pois, bemvindo, o grande poeta!» (Arnaldo Damasceno Vieira).

«De nenhum escriptor brasileiro sei eu que empreste tamanha somma de emoção, de vida, de symbolismo ás cousas que lhe impressionem a retina...» (Veiga Miranda).

«E, como os fogos do poente, o poema de Silveira Netto é luto, é gloria, é augusto esplendor». (Murillo Araujo).

«A poesia de Silveira Netto, sombria e angular, traz o sópro das grandes inspirações...» (Mario Mendes Campos).

\*\*\*

«O symbolismo foi imitado aqui por um poeta de talento, mas de valor secundario...»

Por que poz o sr. João Ribeiro o seu nome, a sua intelligencia, a sua cultura, a serviço de obra tão mesquinha, como esta, em que se empenham os nossos ridiculos Fifinhos e Dondócas, de destruir todo um fecundo e brilhante periodo de nossa vida literaria?

A França, nababesca de genio criador, a França, em que não se esgota a fonte da grande poesia e do grande pensamento, dá-nos, todos os dias, testemunho do carinho que lhe inspiram os seus valores artisticos, mesmo os de segunda ou de terceira ordem.

Quem não conhece essas deliciosas monographias que, ao lado das verdadeiras bibliothecas que se publicam em torno da obra dos poetas e pensadores maiores, na França apparecem frequentemente a respeito de vultos menores da poesia, da critica, do romance?

Note-se que não é este o caso dos symbolistas brasileiros.

Os symbolistas, aqui, representaram um dos nexos profundos de nossa tradição espirital.

Criaram a atmospheria de um momento.

Animaram de um espirito novo toda a mentalidade do paiz.

Suscitaram um entusiastico fervor, de que ainda hoje sentimos o fremito duradouro.

\*\*\*

Por tudo isto foi que os melhores espiritos da minha geração, que tão directamente provém do symbolismo, empenharam-se, desde o começo, em reivindicadora campanha em prol de um melhor conhecimento daquelle periodo literario e dos nomes que lhe integraram a esplendida realidade.

Humberto de Campos, o academico de agora, sentiu a razão profunda deste gesto quando escreveu:

«A obra desses moços escriptores (Jackson de Figueiredo, Andrade Muricy, Ronald de Carvalho, Tasso, etc.) tem constituido, em certos pontos, uma verdadeira revolução. O estudo sobre Cruz e Souza, Nestor Victor, Gonzaga Duque, Farias Brito, Emiliano Pernetta e outros, feito por elles, denuncia a resurreição de figuras que a ingratidão dos homens havia soterrado no olvido. E como essas individualidades retomadas para o culto collectivo representavam uma corrente submarina inteiramente opposta áquella que passava á superficie e que triumphou, ha vinte annos, sobre a sympathia do publico, é evidente que teremos, com o advento desse grupo de prosadores jovens, uma profunda modificação nas modernas formulas literarias. Tais cousas eram ditas em 1920. Depois, aquella «corrente submarina» veiu á tona... No Brasil de hoje, nós é que somos ouvidos...»

\*\*\*

O symbolismo deu, ao Brasil, o seu primeiro critico de arte: Gonzaga Duque. Primeiro e unico, até agora. Na prosa florejante e bizarra deste estheta passaram conceitos agudos sobre os nossos timidos ensaios de realização em artes plasticas e indicações admiráveis de intuição sobre individualidades do estrangeiro: Rops, Whistler. Ainda a tendencia tão fecundamente universalista do movimento...

\*\*\*

A minha geração não conhecia Dario Velloso. Tracei-lhe, em pequeno opusculo, o perfil espirital do apostolo-poeta. A minha geração ficou deslumbrada.

\*\*\*

Mas ainda não appareceram as monographias, de tão vivo interesse para as nossas letras, sobre Alphonsus de Guimaraens, Zeferino Brasil, Oliveira Gomes, B. Lopes.

Sobre Emiliano, poude escrever Andrade Muricy uma pagina definitiva de nossa historia literaria. E integrou, assim, o grande poeta na realidade espirital brasileira. Cruz e Souza teve a defesa fraternal e heroica de Nestor Victor. A gloria não lhe poude ser recusada. Aquelles outros nomes aguardam o seu momento. Havemos de levar a fim nossa tarefa...

\*\*\*

Inutil e mesquinha tendencia negativista... Como explical-a no caso do symbolismo brasileiro? Despeito, decepção, scepticismo. Despeito dos «aguas-mornas» da Academia, diante do impeto novo com que vieram os pugna-dores da esthetica rebelde. Decepção de se verem ultrapassados em coragem, em fervor, intimo, em alegria de criar, em paixão pela belleza. Scepticismo introspectivo de quem não acredita nos outros porque não acredita em si mesmo...

Que será desses negadores, quando se fizer o balanço definitivo do que elles deixaram, em face do que deixaram os symbolistas?

# silveira

# a enxurrada

## I - as represas abertas

Sobre a terra passou o alento vivo  
do espirito criador,  
E mais uma vez se produziu o milagre das fecundações  
prodigiosas.

O humus ferveu como o metal no fundidouro,  
e as seivas novas correram  
para brotar do chão humilde  
transfundidas  
na chamma pura de belleza  
das fôrmas immorredouras...

Mas, além, escancararam-se represas mysteriosas...

Represas que protegiam a terra fructescente  
de lodos molles  
e estagnações pestilentas  
que, do seu adormecimento de morte,  
insidiosos espreitavam  
a vida clara e ardente.

Escancararam-se, além, represas mysteriosas,  
e veiu, dominadora,  
a enxurrada invencível...

E a terra genetriz viu-se alagada,  
não das aguas de bençãam  
das alturas saudaveis:  
a terra genetriz viu-se inundada  
de aguas mortíferas e estereis,  
de que ficaram emergindo apenas  
as frescas e puras florações maravilhosas  
que, de tão alto que haviam subido em belleza,  
tinham ficado proximas de Deus...

\*\*\*

— Você anda decorando o Rig-Veda?

— Qual Rig-Veda, meu amigo! Eu vinha pensando  
em coisas familiarissimas e actualissimas. O sub-consciente  
foi que se metteu na conversa. Doidinho de poesia; trans-  
figurou-me tudo...

Eu vinha pensando, apenas, neste «momento» do nos-  
so espirito: na grande onda de alegria criadora que nos  
dominou e fecundou; e na enxurrada de bestice que veiu  
atraz.

Evidentemente: feito o balanço, haverá saldo de rea-  
lizações consoladoras. Mesmo porque uma só realização ver-  
dadeira vale mais do que todas as imbecilidades reunidas.  
Mas ainda assim...

Aliás, tão previsível tudo isto!

Renovação, libertação...

Todo instante inicial de liberdade tem sempre dois  
sentidos. Um, para as profundas naturezas, que o compre-  
endem como uma possibilidade nova de mais ardente esforço  
criador. Outro, para os nullos e mediocres, que julgam nelle  
ver a «sua» hora, — a hora de poderem entrar na ronda  
facilmente, — a «sua» hora de desopressão infinita...

A mediocridade aborigene ansiava por esse instante:  
febrilmente! Ansiava lá no fundo do seu instinctozinho ru-  
dimentar. Porque de coisa alguma tem a clara consciencia.  
Vieram os primeiros renovadores, queimando os dedos com  
os primeiros metaes novos que acabavam de fundir. Os  
mediocres espiaram. Ali não havia (que elles pudessem ver)  
nada das immensas complicações anteriores. Houve entre  
elles um surdo regosijo. Mas o diabo da transcendente cham-  
mazinha do espirito criador ainda persistia (afóra todas as  
outras coisas que não viam) naquelles pedaços de ouro fu-  
megante. Contiveram-se. Calaram-se.

Um dia, porém, appareceu um maluco de talento que  
resolveu brincar com a canalha. E estampou, em letra de  
fôrma, a titulo de poema e com o endosso do seu nome  
prestigioso, uma porção de sandices á altura della. E ainda  
por cima escreveu um manifesto jocoso defendendo a...  
«arte nova».

Ahi, foi simplesmente o delirio.  
Isto, sim, a gente entende!

E começou a enxurrada...

## II - anthologia

Me queira bem, Rosinha! Te juro que amo-te!

Na sala pobre da casa da roça  
Papae lia os jornaes atrazados  
Mamãe cerzia minhas meias rasgadas.

Entretanto, elle gostava da mulher. Apesar das rugas,  
das briguinhas...

Mr. Paul Bourget é que faz ella innocente; ninguem  
diria mas é.

E o Chico da Venda todo de principe  
cabra sarado no samba  
surge num passo dengoso

Quando você morreu, mamãezinha, todos me diziam  
que eu não chorasse porque você viria todas as noites  
lá do outro mundo  
acalentar o somno do seu filhinho...

E eu nunca poderei esquecer-a  
porque se eu a esquecer  
eu terei um grande remorso

Crepusculo.  
Festa de côres.  
Fascinação.

Cidade  
do verde  
do ouro  
do azul  
— Ballada

A minha professora  
magra  
magrinha  
tosse  
fosse  
tosse...

Eu tenho um sapato preto  
e um sapato amarello  
quando está chovendo  
minha mãe me faz sair p'ra rua de tamanco.

Oh, que saudades que eu tenho  
do tempo em que o «fessô» me botava orelhas de burro  
porque eu não sabia a lição.

Lhe prometto com toda a sinceridade. Commigo não  
gosto de encrencas...

Zé Bagunça soprou na gaita  
e o bacorinho pensou que fosse Siá Rita  
botando milho na gamela.

Arreda, que lá vae a enxurrada! Chiii... que enjôo!...  
Que enjôo de pensar que a esta hora há, precisamente,  
4.529 meninos a dizerem bobices desta ordem pelo Brasil  
inteiro! Por este Brasil essencialmente agricola!

### III — a onda renovadora

O grave perigo é que, pelo numero, elles acabaram fazendo ambiente. Ambiente de arte, de pensamento, de espiritualidade? Não. Ambiente de burrice, de «escarneo esteril», de licencioso deboche, de despreocupação das altas e puras meditações, de desprezo pelo trabalho da intelligencia, de influxos deleterios sobre nossa formação mental, de intima desvalorisação de nossa alma de povo, de desprestigio de nossa lingua saborosa, de bolshevicacão geral. Ambiente que difficulta as condensações espirituas que se vinham fazendo, que joga o nosso pobre povo mais para o fundo do seu abysmo de ignorancia e incultura e, assim, afasta ainda mais os puros, legitimos artistas dos revigorantes contactos com a alma popular, de que elles têm necessidade pela sua natureza de genuinos cantores da realidade brasileira...

No entanto, a onda renovadora, — a verdadeira onda renovadora de nossa arte — é um facto! Mais impetuosa nuns, menos impetuosa noutros, ella transmittiu os seus profundos estremecimentos ao espirito commovido de duas a tres dezenas de artistas, que são hoje a nossa gloria joven e a consoladora certeza dos nossos destinos espirituas.

A onda renovadora palpita em mais de um poema deslumbrante, em mais de uma crystalina pagina de alta prosa. Nas estranhas cadencias universalistas de Cecilia Meirelles. Nos puros crystaes de ambiente interior e exterior e nas faiscações de imagens de Andrade Muricy. No sylvestre sabor do «Meu», de Guilherme de Almeida. Nas illuminações «a giorno» de Murillo Araujo. No delicioso «rythmo dissoluto» de Manoel Bandeira. Nas almas pisadas e nas folhagens pisadas, recescentes a trópico, desse admiravel Plinio do «Estrangeiro». Nas bocas erguidas para os beijos ansiados, dos poemas novos de Gilka. Nas vegetaes, teluricas nostalgias de Barreto Filho. Na espiritualidade delicadissima dos versos de Lacerda Pinto. Na fascinante critica descobridora de Henrique Abilio. No «Toda a America» de Ronald de Carvalho, poema de quem não é poeta, poema feito só de intelligencia e decalcado em rythmo whitmaniano, mas em que ha uma graça de jogo vocabular que os periodos anteriores de nossas letras não conheceram. Nos incomparaveis interiores e nas frescas paisagens provincianas de Ribeiro Couto. Na alegria de sol amanhecendo das paginas jogralescas de Brasílio Itiberê. Nas adivinhações surpreendentes de Adelino Magalhães. Na recolhida, brasileirissima ternura amorosa de Abgar Rénault e Emilio Moura. No mesianismo néo-romantico de Wellington Brandão. Nas pinceladas largas, a verde e amarello, de Cassiano Ricardo. No religiosismo lyrico de Karam. Na jovialidade garôta de Alcantara Machado. Nos bonecos que vivem, de Menotti del Picchia. Nas revelações da alma infantil, de Guilherme de Castro e Silva. Na acção dynamica e na individualidade desbordante de Mario de Andrade e nas novellas novas de Oswald. Nas fundas vozes de renuncia dolorosa de Rodrigues de Abreu. No fervor claro de Heitor Alves. No pomar verde que é a poesia de Augusto Meyer...

Não estou fazendo uma lista de genios. Ha, ahi, poetas e prosadores que tirariam grau 10 num exame de grande arte. E outros que tirariam 9, 8, 7 1/2... Mas não sou examinador, nem mestre-escola. Citei os que vão trabalhando com todo o vivo e dynamico fervor dos verdadeiros artistas, embora com mais profunda, ou menos profunda, ou muito menos profunda eficacia realizadora. Sempre, comtudo, dentro daquella incommunicavel sentimento de adoração pela arte, que só domina nas legitimas naturezas.

Capella? Grupelho? Escola?

Congreguei nomes de tres ou quatro correntes que fingem ignorar-se mutuamente.

E agora?

### IV — e, comtudo...:

Que valem, porém, para o effeito da formação do ambiente geral, e da impressão recebida pelo publico palerma — que nada entende de arte, mas que, em defesa de nosso destino de povo, devemos orientar, — que valem os que ahi ficaram arroladas, e que não attingem a 30, diante daquella assustadora legião de 4.529 «renovadores» ás avesas, para não pôr na conta os 3.417 parnasianos, néo-parnasianos e ex-parnasianos que ainda nos restam?

E, comtudo, — meninos! — vocês, com o incontido desejo de arte que é, no fundo, o commovente sentimento que os agita, poderiam prestar a este nosso caro Brasil um relevantissimo serviço. Vocês poderiam constituir um publico! um vasto publico! — esclarecido e freguez dos bons livros. Contanto que aprendessem alguma coisa. Que meditassem um pouco. E se habituassem a distinguir melhor os valores, de maneira a não cairem na esparrella das blagues ignobeis. E quem sabe, até, quantos de vocês, com uma rigorosa eugenia espiritual, não viriam engrossar pelo menos a reserva daquelle magro pelotão de heróes da primeira linha?

Mas vocês de nada disto querem saber. Querem esquecer, «apenasmente». Botar o nomezinho por baixo... Por baixo de que? De qualquer bestidadezinha que saia impressa nas paginas das revistas que vocês mesmos fundam para tal fim.

Sou, todavia, um optimista impenitente. E desde que estou com a mão na massa, por que não hei de fazer uma tentativa por incutir nessas cabecinhas algumas noções essenciaissimas acerca do maravilhoso momento de genese a que vocês assistem, sem attingir-lhe a significação profunda?

### V — equivoco

Em primeiro lugar, meninos, vocês precisam convencer-se de uma coisa: é que, se as velhas normas do verso cairam, a Lei do verso persiste. Se os rythmos antigos foram abandonados, foi para que surgissem novos rythmos. Não foi para facilitar a entrada a vocês. Muito pelo contrario. A arte desta hora selecciona. Selecciona sem piedade. Porque não offerece a muleta do verso feito aos capengas. Porque arrancou fóra o gancho commodo da rima, a que os meç diocres de todos os tempos se agarravam. A arte desta hora exige formidaveis condensações interiores, para que o verso, liberto dos mortos rythmos, — venha com rythmo. Com o rythmo novo, que é uma criação de cada momento, que é uma revelação de cada alma. A arte desta hora exige profunda e virginal sensibilidade. Porque o verso, ou a prosa, não tem mais a musiquinha costumeira que enganava os ouvidos. Ou corre seiva por este caule, e elle se ergue, ou não corre, e elle tomba; seiva criadora, que brote das subterraneas galerias do espirito, como um óleo, e traga nella diluido o fermento dos sentimentos eternos.

Vejam vocês a que ponto se enganaram!

Não houve, propriamente, barreiras aluidas.

Houve barreiras que cresceram para o céu...

\* \* \*

Está claro que eu não poderia dar a vocês um compendio de arte modernista. Tal compendio ainda não pode ser feito, — coñço nenhuma «esthetica» foi jámais escripta «a priori». Estamos no instante da realização. A codificação de principios virá depois. Isto não impede, comtudo, que, além daquella advertencia inicial, eu facilite a vocês a compreensão de alguns dos grandes caracteres já patentes da arte de hoje.

Vamos lá. Aprendam bem direitinho estas palavras:

— VE-LO-CI-DA-DE

— TO-TA-LI-DA-DE

— BRA-SI-LI-DA-DE

— U-NI-VER-SA-LI-DA-DE

### VI — velocidade

VELOCIDADE: isto é difficil de entender, meninos. Não se trata de só falar em aeroplanos, trens de ferro, automoveis. Nem de dizer tudo muito ligeirinho, por versos dyssilabicos e estrophes espichadas como salchichas, como vocês tantas vezes fazem. A velocidade de Proust — «fons et origo» de quanto Paul Morand e Giraudoux por ahi existe, — consistia em levar descrevendo um só movimento de alma aavez de dezenas de paginas. Trata-se de velocidade expressional, isto é, da expressão que condense fortemente a materia emotiva, e evite, em transposições bruscas e audazes, os terrenos já batidos do espirito, e seja sempre inesperada, surpreendente.

# o tango argentino

O tango argentino evoca para mim as canções desvairadamente sentimentaes cantadas em minha terra pelas cosinheiras e amas seccas:

«Perdão, Emilia, si roubei-te a vida...»

ou então:

«A vida é toda

«feita assim...»

etc., cousas de qualidade esthetica do mesmo quilate do romance «Elzira, a Morta Virgem» e do poema «Despedida de João Brandão a sua mulher», que ainda hoje, com capas viçosamente pintalgadas de cores berrantes, ornão os cordeis de livraria dos engraixates.

Tango argentino, producto cheio de falsos langôres e de desespero, postico em povo vigoroso, jovem, dynamico como o argentino.

Tango argentino...

Todo argentino culto se recusava a reconhecer por algo mais do que por simples expressão de amôres e tragedias do mundo suspeito dos frequentadores das mais escusas espeluncas do seu paiz.

Os tempos, porem, mudaram.

Os «cabaretiers», os «escrocs» internacionaes, os batoteiros, os mercadores de escravatura branca levaram o tango argentino, cuja melosidade grosseiramente melodramatica ajustava-se perfeitamente ás suas peculiares expansões de delirio alcoolico-

depressivo, a todos os «dancing» e «cabarets» do mundo.

A dansa estylisada, venceu, por elegante, dum sensualismo amaneirado e flexivel.

Uma linda dança moderna...

Venceu! Logo: uma gloria argentina!

«Nós o repelliamos. Agora urge que o adoptemos!»

E dansou-se o «Tango» nos salões argentinos...

Quem vencêra effectivamente fôra o «cabaretier» e o caften!

Hoje o «Tango argentino» é cantado por todas as meninas, mesmo por aquellas que repelliriam, por trivial, o «Perdão, Emilia...»

Todas o cantam.

Todas!

E nenhuma se lembra do absurdo que é dansar o tango argentino.

Dansam-no jovens; jovens reunidos para uma celebração festiva, para passar agradavelmente uma rápida hora nesta existencia fugidia...

Dansam sobre musica dum enjôo que

chega a insupportavel; musica que decanta tragedias de emphase burlesca.

Lembram-se os jovens dansadores que se divertem ao som de accents funebres, sublinhando letras hedjonas, em que o pae assassina e a mãe enlouquece, em que uma jovem é rude e covardemente seduzida e abandonada (como no horrendo «Maldito tango»), etc.?

Lembraram-se alguma vez de que se pôde imaginar que dansam debulhados em lagrimas?...

Henry Prunières, o eminente critico musical, director de «La Revue Musicale», no numero de Outubro daquela excellente revista technica, perguntava: «Por que acontece que esta dansa, sem duvida a mais harmoniosa que se possa vêr, seja executada sobre uma musica tão vulgar? Todos os tangos, com poucas excepções, são duma tal e tão baixa e grosseira sensualidade! Fôra necessario um pouco de brutalidade e de selvageria para dar interesse a esses estribilhos dos antros argentinos.»

Henry Prunières: insuspeito de qualquer paixão por hegemonias politicas em terras da America do Sul...

m u r i c y

Um verso de vinte syllabas pode ser mais veloz do que um de duas. E um romance em doze volumes mais rápido do que outro em um.

Aqui é que a imagem nova, — aquella que só aos verdadeiros criadores se revela, — mostra toda a sua maravilhosã eficacia.

Aqui é que o sentimento virgem das coisas — como só os predestinados o possuem — opéra milagres de assombrar...

## VII — totalidade

**TOTALIDADE:** quer dizer: o artista assenhorando-se da realidade integral: das realidades humanas e transcendentales; das realidades materiaes e espirituales: humildes ou formidaveis. Mas para recrial-as na sua arte. E não para evocal-as saudosisticamente em phrases bambas e melosas. Deformação não é o que vocês pensam. O artista deforma porque a luz deforma, porque o movimento deforma: e o artista quer, antes do mais, captar a vida. Transfiguração não é o que vocês supõem. O artista transfigura porque os seus sentimentos penetram as coisas, transfigurando-as. Porque tem uma visão que lhe é propria. Porque tem um Desejo que é só seu. É esta visão hoje abrange a totalidade. E este desejo se tornou infinito...

## VIII — brasilidade

Eis o ponto que, sobre todos os outros, nos interessa. **BRASILIDADE:** fazer viver, pela arte, mais luminosa do que tudo, a realidade brasileira. Porque ella é que está integrada em nós: em nosso instincto, em nossa intelligencia, em nosso mundo moral. E a ella é que temos por destino expressar mais luminosamente do que a todas as outras realidades.

Como fazel-o, porém?

Nisto é que vocês andam cegos como estátuas de páu...: brasil.

Vocês pensam que a coisa está em botar no pseudo-verso, com todas as letras, o nome da aldeiazinha em que vegetam. Ou em traçar a caricatura do boticario da esquina (ainda hoje!). Ou em arrumar p'ra cima da gente com esse immoralissimo cassange. Ou em lembrar, entre lagrimas, a mamãe preta que os ajudava a fazer pipi...

E' fiados nesses elementos que, tendo adquirido o calculado cacoeite dos Andrades, vocês vivem a dizer aos gritinhos: «Precisamos começar do principio...»

Começar do principio!

Vocês não têm a minima noção do que seja o lento, mas formidavel trabalho das obscuras energias que se condensam atravez de millenios para a criação de cada maravilhosa realidade da natureza ou do espirito...

Para vocês, o mundo foi mesmo formado por aquelle piparote jovialissimo do Padre Eterno, de que fala Junqueira. E a arte, a alma de um povo, surge com o simples desencadeamento dos fluidos vivos de boçalidade repreza, os, por força das circunstancias, em algumas centenas de cabececinhas de estudantes vadios...

Começar do principio!

Nós estamos no inicio de nossa «realização». Mas as profundas fermentações preparatorias? Mas o longo processo de crystalização interior, de que provimos? Mas os gritos annunciadores de conquista gloriosa, que encheram o ar antes de nós? Mas os primeiros blocos de virgem e rutilante crystal puro que começaram a boiar no vasto fervedouro do sub-consciente brasileiro, antes que nós chegassemos? E, atravez de tudo isto, as indicações de rumo certo que nos deixaram todos os precursores, — indicações do que somos, do que viremos a ser, dos rythmos que nos são proprios. de nossa musica profunda, da belleza que, por ser nossa, mais altamente poderemos realizar?...

# canções populares brasileiras, recolhidas e harmonizadas por Luciano Gallet

O prof. Luciano Gallet acaba de publicar, em edição excelente da casa Carlos Wehrs, em tres cadernos impressos em Leipzig, suas harmonizações de canções populares brasileiras.

Diremos brevemente do valôr musical dessa obra nobilissima e com seu muito de heroica, mais uma manifestação do devotamento superior e consciente que vem animando o jovem e illustre artista brasileiro a uma lucta que neste momento já vai despertando écos e applausos inteligentes.

São as seguintes as canções: — 1. «Tayêras», 2. «O Luar do Sertão», 3. «Toca Zumba», 4. «Tutú Marambá», 5. «Foi numa noite calmosa», 6. «Bambalê», 7. «Tutú Marambá», 8. «Sertaneja», 9. «Arrazoar», 10. «Puxa o melão, sabiá!», 11. «Sertaneja», 12. «Eu vi Amôr pequenino».

Como demonstração de quanto é consciente e desinteressada a actividade de Luciano Gallet no sentido da investigação e divulgação acertada do nosso já significativo folclore, aqui reproduzimos a breve noticia de que acompanhou sua obra, noticia muito mais interessante, justa e esclarecida do que quanto sobre as produções em questão hajam escripto os criticos:

«Estas doze canções, assim como as outras seis já publicadas, não são trabalho de composição, nem «estylizações» como impropriamente as denominam; são puras harmonizações illustradas com ritmos característicos.

«Em todas elas, a linha melódica é con-

servada autentica, e respeitada a letra original, observadas mesmo as alterações de grafia, fonética e construção,—o que lhes dá um sabor especial.

«São tratadas como obras identicas de autores modernos, taes: Falla (Canções Populares Hespanholas); Ravel (Canções Populares Gregas); C. Pedrell (Canções Populares Argentinas); Bourgault-Ducoudray (Canções Populares da Baixa Bretanha); Béclart d'Harcourt (Canções Indianas) e outras.

«Entretanto existe, nas Canções Populares Brasileiras, a preocupação constante da illustração rítmica, determinada pelo caracter especial de cada cantiga, dentro do seu sentimento e movimento próprios.

«Colhidas um pouco ao acaso na imensa variedade do nosso folk-lore, reproduzem fragmentos diversos da musicalidade popular do Brasil, de Norte a Sul.

«Pela linha melódica muito característica, e por sua riqueza rítmica de grande vida interior, a nossa Canção Popular afirma a vitalidade do folk-lore brasileiro, e incorpora-se á musica universal, trazendo-lhe um contingente cheio de seiva, ainda inexplorado.

## bandeirinhas de papel

RAUL DE LEONI

A 21 de Novembro passou o primeiro anniversario do fallecimento de Raul de Leoni, o glorioso joven poeta de «Luz Mediterraça».

Além de um monumento, que ornará seu tumulo em Petropolis, seu venerando Pae, Ministro Leoni Ramos está promovendo uma edição definitiva de «Luz Mediterraça» nessa obra codificando poemas até hoje esparços e a produção posthuma.

A alta espiritualidade da musa que cantou no éstro de Raul de Leoni, deixou na joven poesia brasileira uma esteira fluida e irrisada da mais pura luz de latinidade.

Nós, seus companheiros, e o Brasil moço, não o esqueçemos.

luciano gallet

Meninos, vocês não escreveriam bobagens se tivessem sentido o fremito de belleza verdadeira que anima muitas das paginas daquelles simples e heroicos precusores.

Sem possuírem nem sombra do genio criador de varios delles (que heresia!)— vocês estão em postura mais rudimentar, diante da nossa realidade, do que a dos menos significativos desses artistas do passado.

Que trazem vocês para a poesia e a novella? — A expressão directa e dissaborida de ambientes primarios e de pieguices domesticas: scenas de aldeia, recordações lacrimosas, facecias faceis, — tudo isso despejado em linguagem chula e enjoada.

Ora, isto, depois da ingenua, mas deliciosa idealisação romantica desses mesmos sentimentos simples que nos deram Varella, Casimiro de Abreu, Castro Alves, em rythmos e musicas que jámais se apagarão de nosso ouvido; depois dos coloridos maravilhosos de Alencar; depois dos fremitos profundos que Alberto de Oliveira captou; depois da humanidade viva e dos ambientes vivos de Machado de Assis e Lima Barreto; depois dos accents reveladores da poesia de Cruz e Souza...

Se hoje um impeto ardente de renovação nos domina, é porque o choque profundo da guerra, que fez estremecer

o mundo até á base, apressou de certo modo a nossa crystallização racial.

Despertou-nos melhor para o sentimento de nós mesmos. Aguçou nosso desejo

Complexificou as nossas ansias.

Abriu valvulas á torrente do nosso instincto de povo.

Queremos expressar-nos integralmente como vemos agora que somos. Como, pois, voltar aos balbucios iniciais?

... as seivas novas correram para brotar no chão humilde transfundidas na chamma pura de Belleza das formas immorredouras...

### IX — universalidade

Vocês comprehenderam que só nestas condições seremoz contados como uma realidade viva no mundo?

Dezembro 1927.

luz de Deus o vacuo que ha em cada um de nós e é a ansia de infinito que assignala o principio divino da nossa origem, alcançavam apenas estertorar em risco o que em realidade era a exasperação inconsciente de todos os seus vicios e de toda a aridez da alma que implacavelmente os torturava.

Para a sua sensibilidade aristocratica, a grosseria rusa e a vulgaridade extrema daquelle vivo labyrintho teria sido uma nausea inenunciavel, se precisamente o choque lhe não houvesse despertado a analyse fria, objectiva, através da qual o povo sommava ao descalabro dos appetites vorazes o mais sordido dos plebeismos.

Indifferente ás suas preocupações interiores, a algazarra vibrava o ar de corropios e reviravoltas, traçando na calçada apinhada um desenho movel que se modificava infinitamente, na angustia inquieta do movimento incessante.

Todo o ar coalhava de erotismos agudos como punhaes.

Repentinamente, de dentro da massa de povo que a cercava até onde os seus olhos alcançavam, através da penumbra fosca da avenida, um côro de vozes dançou no ar, fluctuou langorosamente, entrançado de mil timbres simultaneos e metalicos, que ora lhe quebravam o rythmo de caricias morbidas, hyper-sexuaes, molhando em sopros de magua acerba a cadencia languida e remota, ora o torciam de esgares de uma rubra lubricidade escaldante, communicativa, de um contagio immediato e corrosivo, de queimar.

Houve então uma dissonancia estrepitosa, quasi um deliquio explosivo de almas em agonia, quatro tempos de uma alegria aberta, e no meio da turba-multa febril o som do saxofone, em solo, fluiu tão liso e macio como um azeite de perolas serpenteando num leito semi-ellipsoidal de porcelana polida.

Era o rumor mesmo da multidão aquecido até o sentimentalismo doentio, estylizado em pallores de desmaio, tropicalizado em lascivias ao luar — innocencias medidas e calculadas, para o requinte mais profundo da carne: fa-zete innocente para que eu possa corromper-te.

E o gemido alongava-se, refluiu sobre si mesmo, estirava-se como uma serpente, numa tortura de enlouquecer, capaz de rorejar de lagrimas peccadoras os olhos da turba fascinada.

As vozes renasceram perturbadas e languas, esganiçaram-se para alem do registro, soluçaram quasi, e inopinadamente um chocalhar diabolico erivou de mil angulos sonoros a trepidação torvelinhante da avenida.

A multidão rompeu em palmas freneticas, maravilhada.

Ella sentia-se a si mesma naquella musica nevrotica e sentia sobretudo a sua propria ansia filtrada através do engano daquella hora: uma remota cognação ancestral, despertando-lhe dentro das veias entumescidas longinquas doçuras africanas.

Mais do que uma afinidade, o feitiço era a propria multidão vendo-se reflectida num espelho, esquecida de si mesma, de tudo quanto a envenenava, procurando envenenar-se cada vez mais, para esquecer-se do que ella era na realidade e na injustiça iniqua que lhe rouba todos os prazeres justamente porque ella tem todos os vicios.

Carnaval, Carnaval! Ephemera doçura que vae tornar mais amargo o fel dos dias que hão de vir e mais frias as cinzas de amanhã!

## II

Uma ruga poz-lhe uma linha vertical na fronte branca.

Nascia dentro de si, subrepticia e dissolvente, uma fascinação subtil que a ia integrando, por gradações infinitesimales, na embriaguez ambiente.

Não era todavia a contaminação directa da sensualidade dynamizada e esparsa pelo ar, sollicitando a actividade organica das suas tendencias profundas, que lhe tornava progressivamente adequado o ambiente, fazendo-o comprehensivel á sua intelligencia e ás forças virginaes da sua personalidade adormecida.

Era antes um processo mais complexo de infiltração, deslocando de uma para outra esphera a sua equação affectiva, estranhamente permeavel ás influencias externas.

Fosse outro o seu temperamento, e aquella analyse teria interposto entre si e o ambiente um obstaculo intransponivel, um véu invulneravel, que nada poderia partir.

Mas justamente a percucencia da sua critica lhe patenteara, nua e desoladora, a ignota realidade dolorosa, que mil aspectos deformavam em disfarces oppostos, cujas apparencias illusorias a sua intuição perfurava como uma pua.

A aristocracia que a distinguia não era apenas o horror da vulgaridade, da ausencia de medida, da sobreposição plebea do impulso natural á suave geometriação das attitudes.

Nem era unicamente a aspereza inacessivel do trato, a retracção espontanea diante do

## La Cruz del Sur

«La Cruz del Sur». — Antes do apparecimento de «FESTA» recebeu o Rio de Janeiro a cordialissima visita de Jaime L. Morenza, illustre director (com Alberto Lasplaces, Gervasio Guillot Muñoz, Alvaro Guillot Muñoz, Melchor Méndez Magariños e Julio J. Casal) da grande revista porteña «de arte e de ideas». Esteve Morenza entre nós mui rapidamente, apenas o bastante para que se fixasse em nós, que aqui o recebemos, sua recordação e sua figura mental da maneira a mais sympathica.

O illustre pensador politico planejou connosco um movimento, de caracter predominantemente critico e informativo, a ser effectuado combinadamente por elle e seus companheiros em Montevideo, e por nós outros de «FESTA» e mais o nosso elegante e cavalheiresco amigo Waldemar Bandeira, redactor da «Gazeta de Noticias». Esse movimento, tendente a revelar valôres intellectuaes dos dois paizes não foi ainda em verdade iniciado, principalmente por não comportar «FESTA», em seu feito actual, desenvolvimento mais consideravel de sua parte bibliographico-critica. Isso porem será em breve realizado, e então diremos detidamente das numerosas obras de origem uruguaya que temos recebido.

Desde já queremos, porem, affirmar nossa estima pela mentalidade equilibrada e vigorosa que caracteriza a excellente revista uruguaya, que nos tem sido enviada com regularidade.

estranho e do arrivista, ou a displicencia tranquilla que ignora o espanto circunstante e prosegue sem exhibições a mesma linha de calma tranquillidade consciente.

Era tambem uma aristocracia de alma, cristalizada em sedimentações nuancadas até o extremo adelgaçamento, encontrando a sua plena floração num universal sentimento de commo-vida sympathia para todos os infortunios e rejubilando diante do sacrificio pelo que elle tem de transfigurador idealismo e renuncia salvadora.

Dir-se-ia uma aristocracia integral, que simplificasse em vez de complicar, e fosse no seu conceito puro uma realidade complexa em demasia para ter um significado immediato e logico aos olhos ignaros.

A vibratilidade dessa corda interior, tecida de sensibilidades espiritualizadas, tinha a excepcionalidade de atenuar as arestas que ás desigualdades da vida accumulavam diante da sua trajetoria luminosa, pelas compensações que o seu senso de sacrificio sabia descobrir nos soffrimentos que ella propria lhe impunha.

E era essa por certo a sua infinita fragilidade.

Diante do espectaculo turbilhante que a cidade inteira incendiava para sorpresa dos seus olhos —

doze annos de collegio, orphandade, lucto, o primeiro carnaval da sua vida —

a sua impressão inicial creceu em convulsões de barbaria, agitou-a toda, arripiou-lhe impiedosamente todas as dobras do espirito, e a teria exilado para o seu ambiente, se a não retivesse alli, por um lado uma curiosidade humana excitada até o delirio, e por outro o proprio sentimento aristocratico de serenidade recatada, adverso por natureza á exhibição despudorada dos sentimentos intimos que constituem, no seu evoluer constante, o nucleo psychico que nos mantem em equilibrio.

Essa primeira impressão deslumbrou-a, sem lhe revelar contudo em todas as suas multiplas facetas, o que lhe parecia bello, de uma belleza incomprehensivel, porque na verdade não entrara em acção a sua faculdade esthetica nem era a emoção artistica que a aquecia, impressionando-lhe alguma região desconhecida de sensibilidade.

Assim, toda a sua força intelligente actuou á procura da chave daquelle enigma, mas evidentemente a atordoante alegria de em-de-redor não era a vertigem triumphal de que lhe fálaram condiscipulas mais versadas nos mysterios do mundo, mas de facto o que, resumido brutalmente em duas palavras, lhe disséra a sua mãe num dia em que ella insistira por divertir-se como as outas: mentira e falsidade.

Mas, Santo Deus! não era uma mentira ou uma falsidade como ella as imaginara!

O que o seu coração lhe revelava naquella borbulhante alegria rodopiante, sem finalidade aparente, impellida de uma energia diabolica, era um sentido de tragedia que o seu sentimento ampliava até o desespero lancinante.

Aquella pobre gente, oh! aquella miserrima gente, correndo desbridadada atrás da felicidade de algumas horas, errava o impeto e feria o vacuo em cheio.

Tomou-a então uma infinita piedade, tanto maior quanto as circumstancias lhe ignoravam a propria existencia, o immenso desejo de socorrer, no fatal despenhamento que as sorvia, aquellas creaturas desamparadas de si mesmas,

# carnaval

Com os teus dedos feitos de tempo silencioso,  
Modela a minha mascara, modela-a...  
E veste-me essas roupas encantadas  
Com que tu mesmo te escondes, ó occulto!

Põe nos meus labios essa voz  
Que só constrói perguntas;  
E, á apparencia com que me encobrires,  
Dá um nome rapido, que se possa logo esquecer...

Eu irei pelas tuas ruas,  
Cantando e dansando...  
E lá, onde ninguem se reconhece,  
Ninguem saberá quem sou,  
A' luz do teu Carnaval...

Modela a minha mascara!  
Veste-me essas roupas!

Mas deixa na minha face a eternidade  
Dos teus dedos de silencioso tempo...  
Mas deixa nas minhas roupas a saudade da tua forma...  
E põe na minha dansa o teu rythmo,  
Para me conduzir...

cecilia  
meireles

*Jujuba vai a um algibebe a compra um dominó... — Issol Mascara a tua dôr!*

...

Nha Dita já fez o Santo nas macumbas do Kerozene... E' filha de Ogun, e neta de Xangô... Ella é boa no remelêxo!

*(Meia noite para os bailes da tua dor mascarada... Oh! Jujuba! Corre! Procura... corre mais... assim... Recreio... S. José!!! Depressa... Ao High-Life...!)*

...

Nha Dita é traquejada no samba... Olha as vizago que ella vai fazendo!

— Quem foi que ensinou pra você, Nha Dita, o rythmo brasileiro?... Conte... que eu vou mandar ensinar pra as meninas do Instituto...

*Bâng-bambâng*

*bam-bâng*

*Bâng...*

*(HIGHLIFE... LUAR... FERIA...: CARRAMANCHÃO... CHAMPANHADA... TETEIA-BELARMINO...)*

— Evohé! Momo!

Pinião... Pinião... Pinião...  
O'i o pinto que correu  
Com medo do gavião...

...

— Elle vio!

Agora sim... Acabou tudo! Tudo! A sua vida rolando no abysmo!

— Vae matar! Coragem Jujuba!... Correndo na multidão... Quasi atropelado por um auto... — Vae matar!

*(... mas era melhor uma carta ao jornal «Ferido na minha dignidade de homem...»*

— Não! Aquillo quer sangue!

... a vida rolando sempre... corre mais...:

— Meu Deus! Caiu... entre dous bondes...

O estribo apanhou-o... um filete...

*(... e via noutra local, a noticia do crime: TERÇA-FEIRA RUBRA. O mascara homicida... O marido vingativo, residente á rua do Manguieira n.º 13, apunhalo a esposa no talamo nupcial... O criminoso trajava casaco de alpaca e borzeguins de elastica...)*

— Isso era mais nobre!

... Evohé!

— De repente! Jujuba estacou...

(Com uma dessas ideias sublimes que só illuminam os santos e os heróes).

Seu Jujuba lembrou-se do dever! Essa cousa sagrada que tinha sido a finalidade... o supremo orgulho da sua vida!

E vio o ponto cortado por Belarmino... E o traço vermelho sobre o seu nome... E a ruina fragorosa da sua gloria.

— Oh! aquella ultima humilhação! Não! Não! Não!

Então, corre ainda mais... como um louco...

...

Quando Jujuba entrou, de dominó, um esgar e um filete de sangue no canto da bocca — a secção delirou!

O ponto estava fechado.

Seu Chiquinho dobrava o rizo, apalpava as entranhas — afogado num espasmo simiesco de hilaridade.

— Quá! Quá! Quá!

— Que ferra! Hein? Jujuba!

— Oh! Folião bamba! O esqueleto sempre firme! Hein? Lanfranhudo!

— Quá! Quá! Quá!

...

No dia seguinte, bem cedo, encontrei Seu Jujuba assignando o ponto, com a sua linda letra de guarda-livros.

Olhei bem no fundo dos seus olhos. Procurei uma emoção na sua mascara immutavel.

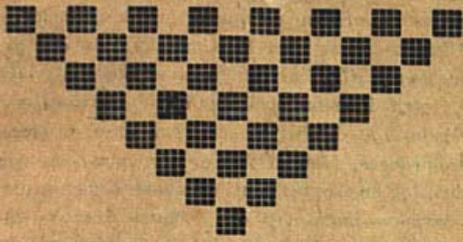
E então, como eu de proposito me queixasse amargamente da vida — elle me disse, á guiza de consolo:

— Tudo vai do costume... E isso que vosmecê está vendo ahí — é a vida...

brasilio

itiberê

ANNO I  
1 - março - 1928



# totalismo

Arte modernista: angulo estreito demais para medir a ansiedade nossa desta hora. Freamo profundo, mas do qual desborda o nosso glorioso desejo de expressão total: de expressão de nossas ingenuas ambições humanas, de nossas altas ambições espirituaes, de nosso particular sentimento das coisas, de nossa visão do mundo.

Porque, se o anhelto de uma arte mais diaphana e luminosamente nossa referve no espirito de trez dezenas de artistas renovadores, — a violenta vontade de uma realização integral de nosso destino de povo é, neste instante, unanime. Consciente ou inconscientemente, trazemos, todos, no coração, a inquietude tremenda. O proprio fundo pessimismo popular, respeito das coisas brasileiras, testemunha-o. Esse proprio incontido pessimismo, que nada mais é do que insatisfação e impacencia.

Sem duvida que as correntes modernistas de nossa arte exprimem muito desse arrebatamento doloroso.

Reflectem nitidamente os *dynamistas* os nossos sonhos collectivos de construcção material. A sua alegria é a do traunseunte humilde que, passando na avenida larga, ergue a cabeça com orgulho para olhar o arranha-céu que se levanta, e antegoza a visão do pais immenso sacudido, de norte a sul, da trepidação das vias-ferreas e das usinas. Representam, por isto mesmo, o que ha de mais superficial e pueril, embora ainda legitimo, naquella vasto anseio. Prevalecesse esta concepção, e teriamos o falseamento do nosso destino verdadeiro.

Plano mais serio desse desejo de revelação do nosso ser é o representado pelos *primitivistas*, que reflectem outro mais grave sentimento popular: o de que o Brasil deve arcomeçar do principio, para encontrar-se melhor consigo mesmo e libertar-se das desfigurações que o alheio influxo imprimiu na sua physionomia de povo. Ha, nesta directriz, um

# FESTA

M E N S A R I O  
DE PENSAMENTO  
E DE ARTE

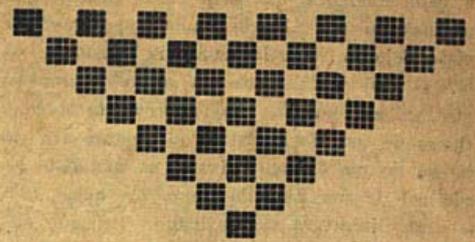
pensamento superior. Mas ainda incompleto e perigoso. Porque, pretendendo desprezar o que já fizemos, e desconhecendo a legitimidade de grande parte daquelle influxo, privar-nos-ia, se viesse a prevalecer, de poderosos elementos de expansão e completação do nosso espirito.

Os da corrente *espiritualista* (que eu preferira chamassem *totalista*) não encontrarão, talvez, tão viva correspondencia no consciente sentimento popular. E isto porque o pensamento que os orienta já significa uma elaboração superior do espirito philosophico, a que só pequeno escol intellectual pode attingir. Elles querem, tambem, a expressão virgem e luminosa de nossa alma profunda, affirmada perante os outros povos como uma realidade digna de existir. Mas as indicações mais altas das virtualidades intimas dessa alma, pretendem elles bebel-as na fonte viva da tradição. E além disso consideram a realidade brasileira integrada na realidade universal, coparticipando dessa perenne permuta de forças interiores entre os povos, que faz a complexa grandeza do mundo de nossos dias.

Ora, as modernas formulas artisticas (tão amplas quanto indefinidas) têm a plasticidade necessaria para exprimir o conteúdo emotivo desse alto pensamento totalista. Mas no Brasil as cousas devem ser consideradas de um ponto de vista particularissimo, visto que particularissimas são as nossas condições. Se ha uma corrente modernista, menos restricta do que as outras, que anhela traduzir aquelle anseio total, ha tambem, neste mesmo sentido, outras affirmações de consciencia e intelligencia que, não obstante fóra do ambito modernista, não poderiam de nenhum modo ser esquecidas.

Arte modernista, no velho mundo, é puramente ansia de expressão nova. Arte modernista, no Brasil, é uma modalidade da ansia total de expressão do que somos, isto é, da ansia que empolga, nesta hora, desde a alma popular até ao mais subtil e vasto pensamento philosophico e religioso, passando por

NUM. 6  
rio de janeiro



# creador

significativas manifestações de nosso espirito literario, ainda não penetradas dos rythmos modernistas, mas assim mesmo consideraveis como expressões de brasilidade commovida.

Não ha, por exemplo, pesquisa mais ansiada do que somos, nem movimento de espirito mais grave e serio no Brasil desta hora, do que o suscitado pela alta e dinamica consciencia de Jackson de Figueiredo em torno do nosso problema philosophico-politico-religioso. E esse movimento não se enquadra na moldura estreita da esthetica modernista. Dirme-ão que arte é arte, antes de tudo, e nada tem com o resto. Eu direi que, no Brasil, mesmo o mais puro sonho de renovação artistica não pode superar o desejo incoercivel de expressão total do nosso espirito, que nos aguilhão neste instante. E é tão geral o sentimento disto que, enquanto na Europa os modernistas são puros indices de originalidade individual, em nossa terra as trez grandes correntes do modernismo querem, cada uma á sua maneira, exprimir o Brasil, que ficou sendo para ellas o quasi unico maravilhoso motivo de beleza.

Mesmo, porém, que deixassemos de parte as preocupações de ordem metaphysico-religiosas ou scientificas, ou de pura acção brasileira (como as que movem as aggremações patrioticas genero «Bandeirantes», tão significativas, aliás), ainda nos ficariam as realizações literarias que, embora desbordando do modernismo, têm um sentido profundo de revelação brasileira, pelo menos por algumas de suas faces.

Não considero de outro modo a obra do sr. Tristão de Athayde, que não seria sem dificuldade arrolado nas hostes modernistas, mas que vem dando á nossa joven literatura um estremecimento novo, verdadeiramente novo, com a sua complexa e palpitante curiosidade espiritual, o seu pensamento tocado de angustias fundas e a sua notabilissima cultura.

E não posso esquecer os mundos de com-

moção brasileira que ha, *verbi gratia*, nas paginas de um Alfredo Ladisláu soffrendo á visãõ dolorosa daquella amazonia immatura, sobre a qual ainda passa um sopro de genese; que ha nas novellas tão nobremente sympathicas de um Mario Sette, no pensamento caloroso de um Jarbas Peixoto, na acuidade espirital de um Lins do Rego, em quasi toda a nossa literatura regionalista, — a que melhor tem expressado até agora o que ha de impeto tragico em nosso espirito.

Mais uma vez: não estou fazendo lista de genios, nem esgotando os exemplos.

Vou dando indicações fugitivas. Simplesmente.

\*\*\*

— Mas, meu amigo, depois de todas estas considerações que fica sendo o «modernismo» de *Festa*?

— Fica sendo o unico modernismo verdadeiramente expressivo do espirito brasileiro neste momento.

A ansia de que nasceu o movimento modernista da arte no mundo inteiro é, talvez, mais compreensivel nos paizes adolescentes, de raça em formação, como o Brasil, do que nos velhos povos de alma definitivamente crystalizada. Porque se estes se sentiram impellidos, por uma brusca renovação de sensibilidade, a refazer as formulas estheticas, aquelles têm todo um universo interior inexpresso, todo um desconhecido tumulto intimo a ser integrado nos rythmos immorredouros.

Nós, menos do que qualquer outro povo, de maneira alguma poderiamos fugir á fascinação das deslumbrantes promessas de uma forma nova, que viesse revestir do seu esplendor de frescura todo o infinito matizamento da nossa sensibilidade particular.

Não poderiamos, por exemplo, deixar de receber com fervor extremo a libertação da poesia das velhas medidas e velhos rythmos, porque dentro dessa libertação melhor poderiam pulsar os nossos rythmos proprios e mais alto resoar a nossa musica interior.

Não poderiamos deixar de perceber o sentido magnifico que tem para nós a flexibilidade nova que adquiriu a prosa, porquõ servidos por essa flexibilidade mais nitidamente desenharemos as linhas do nosso pensamento commovido e mais complexamente rythmaremos as melodias deliciosas e a orchestração nova do idioma que estamos re-criando para que melhor nos exprima.

Apenas, este fervor pela expressão nova da arte é menos amplo e posterior áquella ansiedade total de revelação de nossa alma profunda. E se dos rythmos modernistas poderemos fazer um instrumento, mais sonoro e sensivel do que os que já possuímos, de expressão daquella total ansiedade, será sob condição de não perdermos de vista que é ainda essa mesma ansiedade que palpita, em sua forma rudimentar, no instincto de todo o

nosso povo, e em suas modalidades mais elevadas, no espirito de artistas e pensadores que um pormenor de forma exclue de todas as correntes modernistas brasileiras.

*Festa* é uma bandeira da arte nova. Mas a sua profunda commoção é a commoção brasileira, é aquella incoercivel ansiedade de uma revelação integral do Brasil, e, por isto, não

## “festa” em paris

Dentre as apreciações expendidas no estrangeiro sobre «Festa», aqui traduzimos preferencialmente, pela sua cordialidade intelligente, a noticia com a qual Marcel Brion recebeu nossa revista em sua vivaz e amplamente informada secção («L'Actualité Littéraire a l'E'tranger») de «Les Nouvelles Littéraires», o grande hebdomadário parisiense, em o numero de 21 de Janeiro p. p.

Encerrando sua chronica semanal, escreve elle:

«Assignalemos, tambem, a jovem revista brasileira «Festa» (Rio de Janeiro) que abre com um generoso manifesto:

«Nós temos uma visão clara desta hora. Sabemos que é de tumulto e de incerteza. E de confusão de valores. E de victoria do arrivismo. E de graves ameaças para o homem. Mas sabemos, tambem, que não é esta a primeira hora de agonia e inquietude que a humanidade vive...» Os moços que dirigem «Festa», querem ter uma comprehensão do que este momento significa para o mundo, para o Brasil. Elles querem deixar para traz o «profundo desconsolo romantico», «o esteril scepticismo parnasiano», «a angustia das incertezas symbolistas». Desejam o «canto feito de intelligencia e de instincto», de «rythmos livres», e fazem alegremente vótos por que «todos os homens» os acompanhem. Nós desejamol-o, como elles, e observaremos sempre com sympathia o desenvolvimento de sua revista. Os primeiros numeros contêm bons poemas de Murillo Araujo, de Lacerda Pinto, de Cecilia Meirelles, prosas de Andrade Muricy, com um muito interessante artigo sobre á crise da prosa, — Henrique Abilio, Brasílio Itiberê, Ribeiro Couto, etc.

«Eis uma nova expressão do movimento intellectual brasileiro, rico de fervores e de intelligencias. Boas chronicas literarias, artisticas, musicas, completam os primeiros numeros de «Festa» que, com os seus enthusiasmos e até com seus preconceitos, é essencialmente uma «revista de novos».

MARCEL BRION».

quer olvidar os que, não havendo embora transposto os portaes maravilhosos da arte fascinante de hoje, vibram, contudo, da mesma alta e pura ansiedade dolorosa.

\*\*\*

Sim: profunda e dolorosa ansiedade, de que os povos estranhos nem de longe se apercebem, e que, no entanto, vem crescendo em

grandes ondas de maré montante sobre as praias ignoradas de nosso mundo interior.

Ingenua, mas tão legitima ambição das poderosas e affirmativas construcções materiaes. A terra immensa palpitando de claro esforço criador. O litoral aberto em grandes docas acolhedoras. As distancias vencidas. A cortina dos horizontes continuamente suspensa para o avanço impetuoso das locomotivas. As florestas cortadas de caminhos. Todos os campos lavrados e todas as palúdes aterradas. O *winterland* vibrando de colmeias humanas; as cidades repousantes de sonho e de cultura e os formidaveis emporios tumultuosos. Usinas. Estaleiros. A saúde. O conforto. A infinita tranquillidade dos que podem.

Tudo isto, porém, como uma aereña realização harmoniosa, nascida da pura capacidade constructora de que venhamos dotados, sem vertigens absorventes e deixando intocada a fonte viva das energias profundas do nosso espirito.

Porque nesta esphera mais interior é que residem os interesses supremos de nossa destinação.

O que sobretudo nos importa é affirmar a nossa alma *differente* (porque em toda obra de Deus a *differença* é que affirmar a *realidade*), embora para em seguida constataremos o fundo commum de infinita similitude que faz de cada povo um irmão de todos os povos, como de cada homem um irmão de todos os homens.

E tal affirmação ha-de apoiar-se, sem duvida, em alicerces que sabemos descerem até á raiz do nosso ser. Em nossa intuição de um destino cosmico, em nosso sentimento de Deus, em nosso instincto de bondade mansa e acolhedora. Nas alegrias vivas e nas angustias amargas de que somos capazes. Em nossos generosos impulsos universalistas, como em nossa paixão pela terra natal maravilhosa. No doce idealismo christão que tem orientado a nossa historia, na humanissima comprehensão que temos das outras almas. E, essencialmente, em nossas indefiniveis nostalgias que, mais do que tudo, revelam o nosso sentido do absoluto e do eterno.

Do encontro, da combinação, da fusão dessas correntes subterraneas de nossa alma nasceram musicas e rythmos interiores que o mundo não conhece. Mas que pulsam em nós violentamente, e já têm transmittido muitas de suas cadencias mais profundas ao que até agora de mais commovido nos foi dado realizar em arte, desde a obscura e espontanea floração da musica e da poesia populares até aos accentos dominantes das nossas grandes vozes lyricas.

Mas, como todos os formidaveis anseios raciaes, o nosso é um anseio de totalização, de expressão integral, de affirmação definitiva.

E' isto que procuramos com os novos rythmos surpreendentes.

E' esta a nossa gloriosa audacia espirital.

# o grupo de "festa" e sua significação

Nós temos a clara consciencia, não só de que os cinco numeros já publicados de *Festa* ainda não constituem uma definição completa do que somos e queremos, como também da quasi impossibilidade de chegarmos a essa perfeita definição — a não ser pelo trabalho continuado através de um tempo sufficientemente longo, — pois que a realidade a que votamos todas as energias do nosso espirito é profunda e complexa e nós vamos ainda numa ansiada pesquisa...

Não obstante, ao que nos parece, já conseguimos marcar a sinceridade inviolavel do nosso esforço. E não será este, sem duvida, o motivo menor da sympathia com que nos acolheram os espiritos honestos, — da sympathia a que devemos a rápida victoria do nosso modesto mensario.

E' com este sentimento das coisas que recebemos a critica que nos tem sido feita, e na qual procuramos como num espelho, o reflexo fiel ou desfigurado de nossos pensamentos e nossas intenções, no desejo de uma visão objectiva que nos permitta as rectificações necessarias dos mesmos.

Eis por que registamos, a seguir, tres das paginas mais significativas que até agora foram escriptas a respeito de *Festa*. Deixamos para mais tarde o commentario. Desde já, porém, accentuamos o prazer intimo que nos causou a affirmativa sympathia com que Tristão de Athayde procurou traçar o nosso perfil espiritual, assim como o nobre desprendimento com que Mario de Andrade atacado por nós, poude falar de nós.

## de mario de andrade

«Festa» n.ºs 1, 2 e 3 — Rio de Janeiro.

Talvez mesmo devido ás preocupações de ordem espiritual um pouco abstracta que o animam, tem um grupo de literatos no Brasil, que vae passando por demais na sombra. Esse grupo afinal resolveu chamar a attenção do brasileiro leitor, para elle e está publicando uma revista, «Festa».

Fez muito bem. Se mais ou menos elle vivia na sombra, não se póde culpar disso os que viviam chamando a attenção, conseguindo um momento quasi monopolizar a preocupação literaria brasileira.

Esse monopolio «Festa» veio provar bem que era injustiça. Agora, duas cousas, o grupo de «Festa» deve confessar: E' incontestavel que os que conseguiram dynamizar, agitar muito a vida literaria do Brasil neste seculo, foi o grupo que a gente póde condensar em algumas das figuras que tomaram parte na Semana da Arte Moderna. A agitação, a vida nova principiou com essa gente. E' possivel que o pessoal de «Festa», não carecesse do movimento modernista para ser o que é. Mas, é incontestavel que vivia apagado, numa torre de marfim, muito orgulhosa e isolada.

O outro grupo compreendendo mais razoavelmente que numa época de bulha e de chifrim, carece não empregar surdina, empunhou trombone e bombo e se fez valer. Supponhamos, como tanto desejam alguns do grupo de «Festa», que os outros modernos não tenham nenhum valor. Não posso me convencer disso, mas acceito a supposição para argumentar. Como é impossivel, psicologicamente impossivel, um «homo sapiens» acreditar que não tem valor, ninguém póde culpar os modernistas de São Paulo

e Rio, de terem feito annuncio das suas verdades. Fez-se valer e dynamizou a literatura brasileira. Causa que o grupo de «Festa» jamais não conseguiu. Só porque empregava surdina no meio da bulha do século. O erro do grupo de «Festa» foi um erro de orquestração.

E, aliás, o grupo de «Festa» carece não esquecer que quem aguentou a pancadaria, as descomposturas, os insultos, as perfidias e as calumnias, fomos nós, unicamente nós, enquanto o grupo de «Festa» na maciota passeava illeso e até ajudava na pancada e no assobio. Mas, hoje está beneficiando do que a gente praticou, brigou e aguentou. Porque se «Festa» com suas letras minusculas, bancando maiusculas em nomes e titulos, com suas disposições typographicas divertidas, com suas linguagens syntheticas e telegraphicas, com seus versos livres, com suas affirmativas desassombradas a respeito de Bilac e outros idolos, se «Festa» apparecesse de sopetão no Brasil, antes de «Klaxon», de «Esthetica» (tão livre que acolheu gente de «Festa») de «Terra Roxa» e de «Revista», de Minas, havia de causar escandalo e tomava pancadaria na certa. Mas, como houve tudo o que houve antes de «Festa», ella está sendo acolhida com sympathia e interesse.

Interesse e sympathia que são justos. Deus queira que «Festa» viva!

A revista está bem feita, um pouco incommoda pelo tamanho que chama attenção meia legua longe. O que prova que o grupo de «Festa» compreendeu afinal que a politica dos outros, era perfeitamente justificavel neste século.

Quanto ao conteúdo está muito rico. Sobretudo a parte poetica, porque na prosa a gente percebe que, com excepção de um ou outro raro, o grupo de «Festa» ainda está muito despeitado por causa da sombra injusta em que viveu. Está enfezado como o quê! Chamam os outros modernos, até de «nullos» e de outros nomes feios assim. Apesar disso, de vez

em quando, surge alguma pagina bem feita, assignada por Andrade Muricy, por Brasílio Itiberê, Ribeiro Couto (um conto excellent), Tasso Silveira (uma pagina necessaria, sobre Symbolismo Brasileiro, embora um pouco necessariamente exaggerada).

Na poesia brilharam, extraordinariamente até agora Cecilia Meirelles e Gilka Machado. Os poemas que publicaram são positivamente admiraveis, a meu ver. E Francisco Karan, Carlos Drummond de Andrade, Tasso da Silveira, Murillo Araujo e outros, de que não lembro o poema de momento, vão fazendo a festa juntos, com muita gostozura.

Minha posição ao criticar «Festa» é particularmente espinhosa. Se ataco é porque sou do grupo contrario. Se elogio não falar que estou namorando os louvores desses herdeiros dos symbolistas brasileiros. O grupo de «Festa» póde estar certo de que nem uma cousa nem outra. Falem o que falarem, podem ter a certeza de que sou constantemente chamado por todos os qualificativos deste mundo, desde «genio» e «grande poeta», até «nullo» e «besta reverendissima». Não sou nada disso, tenho felizmente a certeza.

Seria tão commodo ser nullo!... A gente principia acreditando que é «genio», que é incomprendido, que só os nullos (os outros) é que sobem!... Quanto a genio, acho impossivel um genio verdadeiro gostar da vida como eu gosto.

## de luiz de'gado

«UM ASPECTO DE UM LIVRO»

Eu tenho, francamente, vergonha de dizer que o livro de critica publicado pelo Sr. Tristão de Athayde é um grande e notavel livro, uma affirmação das altitu-

# arlequinada

des já atingidas pelo nosso espirito, etc. O que eu vejo nelle é, sobretudo, um forte, um impressionante valor de documento moral. Moral, nesse sentido: a gente percebe que a nossa vida é aquillo mesmo ali assignalado. Nossas aspirações, nossas inquietudes, nossas incertezas estão ali, embora possamos divergir — e eu dirijo de vez em quando — das interpretações que ellas receberam. Mas o certo é que outro livro tão profundamente testemunhando o sentido geral de nossa geração, o Brasil não dará tão cedo. Apenas fará confirmações e desdobramentos.

Pois bem: esse livro cria uma especie de intimidade com o leitor que o comprehende. E só se pôde falar delle com muito receio de avançar confidencias deante de estranhos, com esse receio da parcialidade aliás desejada com que se tala dos amigos.

E, depois, o Sr. Tristão de Athayde agita uma porção de problemas fundamentais a cujo respeito nos devemos definir para bem comprehender a sua attitude e estudar, então, a sua personalidade.

O que se tem a fazer é, assim, isolar questões, em primeiro lugar. São ellas tão sinceramente vivas que absorvem. Exigem respostas. E só depois de se terem eliminado essas imposições que nos são feitas, clareado o ambiente em relação a nossos conceitos, podemos olhar de frente o livro e o seu autor.

Essa necessidade venceu também ao Sr. Tasso da Silveira que apanhou uma deixa do Sr. Athayde e a commentou, no numero dois de sua revista «Festa».

O commentario do escriptor paranaense referiu-se logo ao primeiro estudo do Sr. Tristão de Athayde, sobre as tendencias actuaes de nossa literatura de vanguarda.

Para o critico do «O Jornal», as nossas letras novas estão, hoje, divididas em dois campos — o do Sr. Graça Aranha e o dos escriptores de São Paulo. E' o grupo do dynamismo objectivista e o grupo do primitivismo, comprehendendo respectivamente os amigos da civilização e inimigos do terror cósmico e os seus contrarios. Ora, diz elle que essas tendencias são incompletas. Só um terceiro elemento poderá vivificar as letras assim divididas — o elemento mystico, a supernaturalidade, dando á arte um valor de espirito.

Contrapõe o Sr. Tasso da Silveira que isso já existe. Não o viu o Sr. Tristão de Athayde porque se limitou a procurar-o no Sr. Ronald de Carvalho, um vulgarizador, e nos Srs. de Andrade, prozadores mettidos a reformar a poesia. E cita elle os que o possuem: Brasilio Itiberê, Henrique Abilio, Adelino Magalhães e outros.

Nesse debate assim aberto, eu quero dar uma opinião — a opinião do espectador que comprou uma entrada para o «gallinheiro» e fala para o vizinho.

Aliás, eu a tenho antecipado, destas columnas, e constitue a minha pretendida exigencia intellectualista, deante de cujos rigores já se espantaram, aqui em Recife, uns trez rapazes que cordialmente me consideram pedante.

Parto do seguinte: existem os dois campos do Sr. Tristão de Athayde e o terceiro do Sr. Tasso da Silveira. Mas todos, são despidos de mystica, no signi-

O teu beijo — a voluptia sonora do teu corpo —  
é o meu tormento de sentimental.

E dança! Dança, que o teu corpo é um guiso!  
As tuas curvas são gargalhadas cantantes!

Resurge, para o meu desejo  
— este eterno Arlequim de fremitos de soi.

Surge! surge e passa,  
e vae a perder-te em meio á multidão delirante!

Teu amor não é mais que alleluia de um som cujo timbre morreu  
e revive ao prestigio infernal destes dias...

Surge e passa — estranha allegoria do destino!

## rafael barbosa

ficado em que me parece empregar a palavra o primeiro desses criticos e que eu penso verdadeiro e legitimo.

O escriptor de «estudos» faz de mystica creadora um synonymo de elemento espiritual. E eu refiro as suas idéas actuaes áquellas que expoz ao Sr. Jayme de Barros, em uma entrevista, dizendo que o nosso movimento literario reclama uma quarta phase ainda não iniciada — a etapa de renovação do immaterial.

Só essa renovação permitiria o florescimento de u'a mystica que fosse não puramente literaria mas vital. Ora, a primeira já existe, como quer o autor de «A Igreja silenciosa». A segunda é que não. E a segunda é que é necessaria.

Os nossos escriptores falam muito em humanização da arte, mas, a meu ver, só comprehendem isso com uma troca de processos, uma substituição de motivos, permanecendo o predomínio, ou, antes, o exclusivismo da preocupação esthetica. Verdade — verdade, eu acho igualmente «parnasianos», igualmente artistas-puros os senhores Alberto de Oliveira, Filippe também de Oliveira e Manoel Bandeira...

Esses ultimos renovaram os seus methodos literarios; o primeiro não. Mas todos isolam a literatura, deixando-a no alto do espirito. Não mexeram nas suas raizes. São capazes de dizer que a arte é desinteressada — concepção predominante das escolas e das modas.

Arte é producto directo da vida vivida. Só se é artista depois de se ser homem. Vindo a emoção esthetica e também a ansia creadora como um florescimento ou uma fructificação — como queiram, da existencia. Mas, de qualquer forma, só se renovando quando se renovou a seiva, quando adquiriu outros sistemas de realização o trabalho interior.

Nós descobrimos, depois da guerra, que a arte deve ser humanizada, cele-

brando a nossa vida. E não nos apercebemos de que a crise occidental é uma crise de consciencia em que se procura humanizar não só a arte mas a vida. Procuramos (fala o Snr. Tristão de Athayde) «inserir a phantasia no quotidiano banal ou na vida profunda das paixões». Mas o quotidiano é commum e não banal: tem aquella «gravidade do momento» de que fala Massis. E a vida profunda das paixões ou tem sentido ou é uma aventura sem character, anti-humana. É o sentido das paixões e do quotidiano continúa a merecer-nos a mesma desatenção que no tempo dos sonetos com pelles de urso e cathedraes gothicas.

E' ou não é a verdade?

A solução do problema da vida, quero eu dizer, condicciona o problema da arte e, como elle tem numerosas soluções parciaes, diversas formulas de encaminhamento, nós teriamos de encarar a philosophia, a religião, a politica, a sciencia... E encarámos?

A vida para nós é o mesmo que foi para os nossos mais velhos. Ainda enchem o ar os dogmas scientificistas, liberais e os outros.

Certamente que os poetas e os contistas não iriam fazer tudo isso, de uma assentada, elles sozinhos. Seria a obra de toda a geração, da unidade historica de Ortega y Gasset. Mas a geração não a fez e é por isso mesmo que o facto assume um character geral positivamente intimidante, fazendo crer que isso passe como o romantismo e nós tenhamos de recommençar, mais tarde.

Há perto de um anno, eu lamentei aqui que as nossas gerações brasileiras não tivessem um guia representando o papel que a clara e boa voz de Antonio Sardinha desempenhou junto aos moços de Portugal. Sardinha era apenas um indicador de rumos. Elle dizia que era

mister modificar a política, reavivar a philosophia, rever a historia, animar a arte. Sob tudo isso, via-se que elle olhava directamente para a vida. Era a vida a sua consideração primordial e o seu ponto de partida e de referencia.

No Brasil, o Sr. Tristão de Athayde é quem anda mais perto, entre os puros literatos, de ter uma concepção identica, pois é o espirito mais comprehensivo, mais universal. Qual é, porém, o resultado disso? O Sr. Buarque de Hollanda manga do seu constructivismo e o Sr. Agrippino Grieco accentua, com disfarçada melancolia, que elle é um espirito de razão e de systema...

Para mim, é isso que faz a honra do Sr. Tristão de Athayde.

Nós estamos numa época de sinceridade. Só podemos, só devemos falar simples e franco, embora pareça pedantismo ou pareça modestia e sendo indifferente a questão de ter autoridade ou não ter. Eu digo, portanto, que tenho, um bocádo, o vicio da razão. Penso que o homem, sentindo a sua complexidade intima, a sua revulsão de aguas procurando um canal, só tem um remedio: é procurar resolver-a. Procurar resolver-se. Nada de aproveitar artisticamente o embate das forças represadas. Seria isso imitar os mendigos que mantêm suas chagas para inspirar compaixão quando o serio e o normal para o homem é procurar não ter chagas.

Para empregar palavras do Sr. Tristão de Athayde, eu digo que o homem é, simultaneamente, factó, lei e valor. E é isso que constitue a nossa perenne tragedia: o factó contra á lei e o valor redimindo a lei e o factó.

Pois, a nossa tragedia incentivada pelo abalo universal da guerra, ainda não se convenceu de que é tragedia mesmo, com sangue e com morticínio. Os nossos literatos riem quando se fala em tragedia, porque pensam que tragedia é dramalhão. Ao contrario dos de Pirandello apostam que não são personagens... E celebrando o que já temos realizado, sob o ponto de vista puramente artistico — erro que o Sr. Tristão de Athayde commette em certas paginas e apaga com outras, as melhores do seu livro, — fazendo-o, são optimistas em falso. Porque o verdadeiro optimismo é o que nasce do sentimento da tragedia e dessa nossa fatal e inseparavel esperança de vencel-a, são e salvos.

E' por isso que eu acho que ainda nos falta mesmo a mystica necessaria á definição perfeita de nossa arte. Falta-nos prestar attenção á vida. Quando o fizermos, quando renovarmos o espirito, nem é preciso esforço; abrem-se os olhos e a arte já é outra.

## de tristão de athayde

### «GENTE DE AMANHA»

Ha na critica qualquer coisa de uma geographia. No critico, portanto, uma especie de geographo. O preconceito contra a geographia, sciencia morta, é o mesmo que contra a critica, arte morta. São os geographos que matam a geographia, como nós matamos a critica. Da mesma forma que não ha idades velhas e idades moças, e somos nós que fazemos dos 50 annos uma flor ou dos 20 uma ruina.

O sentido geographico da critica não é aliás um sentido de exclusão, de redução ao anatomico, de imparticipação. O geographo pode e deve preferir esta ou aquella terra. Sentir afinidade com este meio e não com aquelle. Póde e deve julgar mesmo da superioridade relativa e reciproca.

Mas trairá a sua função se reduzir a geographia a uma apologia. Como o critico. O ponto de partida para ambos é o sentimento da diversidade e a participação no modo diverso. As seleções virão depois, se houver motivo de virem.

...

E', portanto, qualquer coisa de elementar para um critico a participação na multiplicidade. E penso mesmo que a paixão do critico é nesse ponto opposta á paixão do artista. (Falo em paixão, — ou em acção sua correlata, — pois sem ella nada se forma. O ser é sempre uma paixão, (ou acção, de ser. O nada a paixão que se apaga. O mal uma paixão que nega, o bem uma paixão que constróe).

Ao passo que a do artista reduz o universo á unidade do seu thema ou do seu ponto de vista, a do critico se exerce na propria multiplicação dos themas. Não ha espectáculo mais apaixonado para um critico do que ver a proliferação dos fructos, do que sentir os fios dagua que se formam, as cadeias de preconceitos ou de irritações que se levantam, os ambientes que se diversificam, as fagulhas que saltam de contactos prematuros, as rupturas, as fusões, todo um movimento tellurico de formações subterraneas, que affloram, borbulham, fagulham, no impeto irresistivel de procurar pela forma o dominio dos elementos.

E nas vagas avançadas de uma literatura é que melhor se sente esse afflorar de intenções, de tendencias, de realizações, que representam o sentido da conquista e da incorporação.

...

Esse sentido da conquista, em nossas letras de hoje, está dividido em um sem numero de tendencias. Mas não são propriamente os individuos que prevalecem, que affirmam, que avançam sózinhos. O criador isolado raramente trabalha no sentido do seu tempo. Os grandes isolados foram sempre jeremias ou prophetas, homens que choraram o passado ou annunciaram o futuro. Os homens que agem no presente, esses raramente andam sós. A acção na vida que passa, na actualidade viva, exige por assim dizer o agrupamento. A cellula viva do presente, nesse sentido, é o grupo e não o individuo. Essa é, por assim dizer, uma lei da vida literaria, como da vida politica.

Isso o vemos, de novo, no movimento modernista. Os isolados não marcam (sendo talvez os que mais fiquem). Só os grupos é que traçam as pistas da vanguarda.

E a proliferação desses grupos é a propria condição da ordem dispersa em que vamos avançando. Quando o desejo de «ser novo» invade toda uma geração, a consequencia immediata é o espirito de contradicção. «Ser» significa logo — ser contra alguém ou alguma coisa. Dahí o gráo de voracidade que distingue, geralmente, todos os grupos avançados. E o espirito de negação reciproca, de privilegio do original,

de entredevoramento. Que os tolos e esquecidos saboreiam como consolo.

...

Tres são hoje em dia as tendencias mais geraes do nosso modernismo: o primitivismo, o dynamismo, o espiritualismo. E' inútil voltar a dizer que os nomes etc. etc.). Quanto aos grupos correspondentes a essas tres grandes vertentes serão 30, 300 ou 3.000. Não se pode saber. Ha, entretanto, nucleos de concentração em torno de cada uma dellas, que já podem ser indicados e novos que surgem e vão incorporar-se aos anteriores ou formar perto delles.

O grupo central da tendencia espiritualista reúne-se em torno da revista «Festa», que acaba de alcançar o seu quarto numero, com todos os indícios de já ter passado o mal dos tres numeros de que soffrem as nossas escassissimas revistas literarias. Especialmente quando surgem como bandeira.

Foi o ultimo que appareceu na arena, até agora, como grupo, como revista, como tendencia cohesa e affirmadora, combatendo de certo modo as duas outras tendencias divergentes. E, entretanto é de todos os tres o mais anterior, aquelle que mais conscientemente se enraiza na tradição de nossas letras e que mais coherencia demonstra em seus laços com movimentos anteriores já superados.

Já tive occasião de citar os nomes principaes desse grupo, mas convirá talvez mencioná-los de novo, de forma mais completa, segundo a lista dos seus fundadores e proprietarios da revista de onde falam: Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Henrique Abilio, Adelino Magalhães, Brasílio Iúberé, Barreão Filho, Lacerda Pinto, Porphyrio Soares Netto. Aos quaes outros nomes logo se acrescentaram, como Gilka Machado, Cecilia Meirelles, Murillo Araujo, Francisco Karam, etc. Essa tendencia surge como desdobramento do movimento symbolista. Não é um neo-symbolismo. Apesar de todos os laços que prendem alguns do grupo ás grandes figuras do symbolismo, não vêm renovar o symbolismo e sim superá-lo, como o dizem com muita propriedade no manifesto inicial: — «Passou o profundo desconsolo romantico. Passou o esteril scepticismo parnasiano. Passou a angustia das incertezas symbolistas. O artista canta agora a realidade total: a do corpo e a do espirito, a da natureza e a do sonho, a do homem e a de Deus» (notaria apenas a omissão do naturalismo, como movimento tambem já ultrapassado, e que não se pode confundir com o «scepticismo parnasiano»).

O grupo espiritualista, portanto, vem eriar o modernismo continuador. Não quer fazer taboa raza do passado e sim prender-se a esse passado por meio de raizes profundas. Não vem demolir toda tradição e sim proseguir em uma tradição iniciada especialmente com o symbolismo. O sr. Nestor Victor será para elles, o que o sr. João Ribeiro será para outro grupo que ha pouco o invocava como patrono ou como o sr. Graça Aranha para outro ainda: o traço de união com o passado. E o sr. Nestor Victor foi justamente o grande critico do symbolismo e deve vir a ser o seu historiador. E' uma obra que se impõe a historia do nosso symbolismo, mostrando as suas raizes europeas e ao mesmo tempo a sua razão de ser nacional e a sua função no alargamento do nosso espirito depois da grande onda de materialização naturalista.

# poemas de lacerda pinto

## o poema colorido

Pelo passeio movimentado passa, apressadamente,  
 Uma criança loura pela mão de uma mulher.  
 O ceu é azul e a tarde é loura também.  
 A rua está sorrindo alegremente sob o sol.  
 Passam automoveis faiscentes, de sereias sonoras.  
 Passam carrocinhas do commercio, ao trote largo dos  
 cavallos.

Os olhos grandes e azues da criancinha  
 Seguem attentos e deslumbrados...

## as estrellas

Contemp'ei hontem á noite, demoradamente,  
 O nosso ceu meridional, cheio de estrellas tremulas.  
 Baixei depois o meu olhar á terra escura.

A belleza silenciosa dos astros lucillantes  
 De tal modo derramou em minha alma  
 A sua serenidade incomparavel  
 Que amei ainda mais a pobre humanidade inquieta,  
 Na mais funda piedade!...

Para aquelles de nós, especialmente, que nunca soffrêram directamente a influencia do nosso symbolismo e que, entretanto, chegaram a um estado de espirito analogo ou semelhante ao daquelles que soffreram essa influencia, — é uma necessidade o possuirem quanto antes a historia detalhada desse movimento ainda tão mal conhecido. Para essa tarefa o nome naturalmente indicado é o do sr. Nestor Víctor. E será, sem duvida, o mais digno coroamento á sua obra de critico.

Um esboço de apologia do symbolismo, aliás excedente como visão synthetica do thema e como expressão litteraria, é feito pelo sr. Tasso da Silveira no numero alencarino da revista. Considera aliás o symbolismo, não em sua estricta estrutura litteraria, mas como todo um «ambiente espiritual», que veio trazer na evolução da nossa intelligencia — «o despertar de nossas ansias metaphisico-religiosas». Basta, dizer que o âmbito do symbolismo assim encarado alcança nomes como Euclýdes da Cunha ou como Alberto Torres que nenhuma relação tiveram com o symbolismo, não ser chronologica. Note, por outro lado, a omissão do nome de Mario Pederneiras, talvez o poeta que melhor represente a transição entre o symbolismo e o movimento actual.

Essa pagina, extremamente expressiva do sr. Tasso da Silveira, apesar do seu tom apologetico e agreste, é um dos documentos essenciaes para comprehendermos os objectivos desse grupo novo e a sua filiação historica, mostrando como de facto corresponde não só a um estado de espirito bem actual, mas ainda a um movimento de continuidade litteraria.

Penso aliás que o nome que escolheram para a sua revista, «Festa», não é bem applicado. A intenção do nome é mostrar, como dizem logo no 1.º numero, que — «o artista voltou a ter os olhos adolescentes e encantou-se novamente com a Vida».

Ora, o que sentimos já, nesses quatro numeros, é que a originalidade do grupo é justamente exprimir a sua visão da vida moderna não apenas no seu aspecto de alegria, mas ainda e principalmente em seu aspecto de angustia. A alegria, como elemento essencial do moderno, é o que constitue justamente o caracter de outra corrente, a do dynamismo do sr. Graça Aranha. O grupo «Festa» se afasta intencionalmente dessa corrente. Não que parta de uma concepção antispinozista, de uma concepção schopenhauriana da vida. Mas desde que se apoia em uma visão espiritualista do mundo, vive naturalmente trabalhada (para seu bem) por uma seiva de amargura que constitue exactamente a sua originalidade. Todo o ambiente de idéas de que nasceu, e aquillo que o torna realmente representativo de uma grande corrente moderna de nossos espiritos novos, está em opposição ao dynamismo sensualista.

E' assim, pelo menos, que comprehendo o «sentido» desse agrupamento e vejo a sua efficacia. Mais um dynamismo, mais um malabarismo, mais um libertarismo, seria apenas seguir a moda do momento, penetrar searas alheias.

Mas sentir em gente do nosso tempo, em gente da nossa geração da nossa aspiração, da nossa preparação negativa ou sceptica para a vida, sentir que o soffrimen-

to é o proprio sangue da vida de hoje como de sempre. Que a realidade do espirito supera, domina, deforma a realidade da natureza. Que o homem moderno não é apenas um devorador da vida, ou um organizador de felicidade, ou um dynamizador de poder, e que pode consentir a ser essa coisa absolutamente espantosa, essa especie que tende a desaparecer como os fiamouths — um «homem». Sentir que mesmo a America deve mais á Virgem que ao dynamo, como dizia Henry Adams. E, entretanto, não poder renunciar ao dynamo como seducção de belleza. Isso, tanto encontro inesperado, tanta ansiedade contradictoria, tanta luta, é o que custa a comprehender nos «novos» de hoje, e que encontramos de certo modo, e cada vez mais vivo nessa gente nova que não renuncia a nada para se afirmar.

Nada disso, porém, me dá a impressão de uma «festa». Muito ao contrario. A idéa de festa supõe despreoccupação. Ora, se esse é o ideal de muito modernismo convencional ou falso, não é o desse grupo que longe de visar um modernismo dyonisiaco, facil, liberto, abandonado, revela, pelo contrario, um sentimento profundo de preoccupação pela vida de hoje, pela sorte do homem, pela busca de realidades novas e não do novo pelo novo.

Tomam a vida a sério. Repellem todo jogralismo. Vivem trabalhados de angustias ostentando uma sensibilidade á flôr da pelle, desdenhando a luz pela sombra. E portanto, no extremo opposto ao superficialismo de uma concepção puramente «festiva» da existencia na literatura.

# falando com morenza

(publicado em "la cruz del sur" de fevereiro de 1928)

Tudo era tropical: a hora, a temperatura, o havana que fumávamos após o almoço, o café aromático, o sol impulsivo, o deslumbramento da luz que, a vergastadas, batia o céu... Conversávamos. Como sempre, faziamol-o sobre temas artísticos. Destas circunstancias nasceram as declarações de Morenza sobre o Rio de Janeiro, que elle viu e auscultou. Referem-se, substancialmente, a modalidades intellectuaes e literarias. Pareceram-nos interessantes. E aproveitando o filão, que se apresentava, facilmente exploravel, deixámos que a pequena machina Royal — fiel mineira — se guisse o rythmo da conversação até onde fosse possível. Eis algo do que nos disse o nosso companheiro e amigo.

\*  
\*\*

— Que a um habitante de Montevidéo assuste, enlouqueça, torne-o quasi uma criança, um morro, constitue um phenomeno psychologico que procuramos explicar a nós mesmos, sem o conseguir cabalmente, enquanto, — no "Alcantara" — regressavamos para o Uruguay. Desde que nos acostumamos a andar pelas accidentadas ruas da cidade que o Vasco Zabala fundou, não fizeram nossos olhos outro alpinismo senão o de trepar pelas ladeiras do Cerro e o de cavalgar a diminuta fortaleza que todas as noites nos abana com a luz do seu pharol. Apesar disto, se bem que nos houvesse agradado, não nos surprehendeu até ao paroxismo o panorama montanhoso do Brasil. O pasmo experimentado por certas tropilhas de turistas, que vão daqui á cidade carioca, parece-nos algo infantil. Quando, já de volta, os escutavamos falar, com uma fruição quasi mystica, do Corcovado, da Tijuca, do Pão de Assucar e dos picos de Petropolis, sentimos nos labios um leve prurido, devido, sem duvida alguma, aos sorrisos difficilmente contidos. E' claro que o Corcovado, a Gavea, a Tijuca, o Pão de Assucar e demais picos do systema orographico que rodea a bahia de Guanabara produzem no animo do viajante uma sensação de maravilha. Ha ali, indiscutivelmente, uma grande concentração de belleza panoramica. Mas isto não significa que se deva voltar do Rio com a visão unica da sua estupenda paisagem. O valor

do Rio de Janeiro não está apenas nos seus morros. Se o sabemos procurar, encontramol-o nelles, entre elles, atraz delles e fora delles. E' preciso dizer bem alto esta verdade. E é preciso dizel-a, em primeiro lugar, porque a coisa é assim, e, depois, para que certos *turistas* intellectuaes não nos amolem com as suas *morrosas* impressões de viagem. Se estes senhores não vêm a emendar-se, prevemos que chegará o momento em que se torne necessario constituir uma liga contra o abuso do logar commum.

\*  
\*\*

— No Rio de Janeiro ha penoramas de belleza intellectual que passam despercebidos para a maioria dos viajantes com passagem de ida e volta. E isto é logico. A suas fontes de informação literaria se reduzem ás que manam do Guia Hamilton. Na falta deste, conformam-se, commumente, com alguma referencia recolhida entre os empregados da Exprinter. No entanto, esse panorama de belleza intellectual e artistica é interessantissimo. Nós o descobrimos, mercê das indicações do fino, do sagacissimo explorador E. Bustamente y Ballivi'an. E' um vastissimo esforço de pensamento, crystalizado em obras de grande proveito cultural. Dirigimos para elle a mira dos oculos de alcance de que se munira nossa curiosidade impenitente. Ir a um logar e trazer o que todos trazem é algo trivial e que não satisfaz. Ir a um logar e voltar com a carga util de uma coisa nova, faz duplamente proveitosa a viagem. Foi o que comnosco se deu. Por isto, recordamos com alegria o passeio realizado. E esta alegria redobra quando, por traz dos vidros de nossa bibliotheca, apparecem os livros com que os amigos do Rio tiveram a gentileza de obsequiar-nos e nos quaes, além do nome delles, está impressa, a delicadeza do seu espirito.

\*  
\*\*

— Ha no Brasil uma preocupação que não se nota, pelo menos por forma tão aguda, na juventude intellectual Rio-platense. Referimo-nos á preocupação nacionalista que, seja dito de passagem,

achamos injustificada e deploravel. Talvez seja esta a unica falha de vulto na nova intellectualidade brasileira. Esse querer fazer-se isoladamente, esse querer *abrasileirar* tudo, esse afan de separar-se, systematicamente, de tudo quanto supponha renovação ideologica, vinda de fora, foi a unica coisa que não nos satisfez. Achamos insuportavel essa etiqueta de "industria nacional" collada em tudo quanto represente produção desinteressada do pensamento. Ha nisto — qualquer que seja o paiz em que se produza — algo de tara mental. No que respeita ao Brasil, essa preocupação absorve, grande quantidade de energias jovens. E' pena. Orientadas essas energias num sentido ideológico mais em consonancia com o actual momento historico, poderiam favorecer enormemente o progresso dessa extraordinaria força cultural que cada dia se desenha em relevos mais precisos e que, quando chegue ao seu completo desenvolvimento, marcará o ponto de partida de um novo cyclo de civilização.

\*  
\*\*

— Feitos os reparos acima, cumpre-nos dizer que a floração intellectual do Brasil é, actualmente, esplendida. Em nossas caminhadas de exploração demos com valores definidos, uteis, clara e resolutamente orientados para horizontes de alta responsabilidade cultural. Escriutores novos, de grande força intellectual, perfilam-se com gestos de vastos e intelligentes realizadores.

Agitados pelo vento do desejo, dirigem-se por novos caminhos e procuram alcançar os amplos aerodromos da nova esthetica.

Encontramos espiritos de selecção estricta, espiritos desprendidos, capazes de subir e de descer por suas proprias forças. Porque ahi está o essencial daquillo que chamamos "Arte Nova": subir com arrebatadora agilidade, sem perder contacto com o campo de que se alçou vôo e sem perigo de ser absorvido pela immensidade. Entre os cultores do vanguardismo literario e artistico, cabe e é necessaria uma differenciação: os verdadeiros e os falsos. Pois se os primeiros semelham o audaz avião que cruza e recruza os ares, os segundos não passam de pesados balões captivos, especie de ursos do Circo da simulação, aos quaes delata a tremenda corda que os sujeita ao cepo dos preconceitos.

\*  
\*\*

— Entre os primeiros, entre os audazes aviões intellectuaes do Brasil, estão — nervosas machi-

nas mentaes de raio illimitado — Ronald de Carvalho, afeito a dois timões, com propulsão alimentada por essencia do mais puro filtro espiritual, nexo necessario, indiscutivel, entre a poesia e a critica. Ronald de Carvalho é, além disto, um excelente e fino ironista, ático, delicado, elegante. Tasso da Silveira, poeta e ensaista, é um excellente piloto da esquadilha de observação dos novos. Sua obra critica tem o sabor de um doce apostolado. Ha, nelle, algo de hieratico. E' uma especie de Ruskin moderno, a quem segue um sector da nova geração com devoto entusiasmo. Andrade Muricy, é, em nosso conceito, o chefe da secção *Informações* da escola nova. Elle conhece quanto de novo, de interessante, de digno de ser registrado occorreu ou está occorrendo. As vezes, bruxarias de astronomo intellectual, prediz o phenomeno. E' um bom critico, sem que por isto deixe de ser admiravel criador. Possui um espirito subtil e penetrante para fixar, com presteza a amplitude dos valores. Dotado de esquisito tacto, é um agudo seleccionador da obra de arte. Por tudo isto pensamos que o seu labor ha de ser de grande utilidade.

Nestor Victor, que amansou o symbolismo até fazel-o supportar o trópico, é algo como uma *carrosserie* antiga montada sobre um *chassis* de maravilhoso poder e estupendo ajuste. E' um sympathico exemplar de homem de hcutem em seu aspecto peripherico; um magnifico modelo de homem de amanhã, em sua contextura intima, em seu aspecto espiritual. De seu cerebro brotam scintellas de luz. Possui um surpreendente e claro dynamismo intellectual. E' um mestre, sem a pedanteria dos mestres que não o são. Rodeia-o a estima de um nucleo de jovens selectos, que o tratam como a um companheiro. Nestor Victor é já uma figura representativamente incorporada a essa fatange de homens criadores que, tanto brilho deram á sua patria. Sua obra tem um valor perduravel. Por isto se encadeia tão admiravelmente com a que vão elaborando os activos pensamentos de nossos Jovens amigos do norte.

\*  
\*\*

— Em outra torrente de luz, no foco luminoso que parte de outro angulo do scenario cultural do Rio, distinguem-se — vivamente recortadas — as figuras, já impostas, de Jackson de Figueiredo e Vicente Licinio Cardoso. Possui este uma equipagem intellectual de primeira ordem. Seus cinco ou seis volumes accusam, em traços vigorosos, suas

qualidades de sociologo de grande merecimento e novo. E' um publicista objectivo e efficaz. Num de seus livros abordou temas interessantes de educação e politica concernentes ao Uruguay. A figura de Jackson de Figueiredo é distincta. Jackson de Figueiredo é dono de uma vasta cultura philosophica; mas veio tarado por uma especie de mania de catholico militante e combativo. Isto, segundo nosso modo de ver, o inhabilita para desempenhar a função de utilidade social a que o obriga a sua valia intellectual. Sua obra "Pascal e a inquietação moderna", se não estivesse maculada pelo peccado da parcialidade, seria de grande valor.

Por sua ideologia, Jackson é uma especie de Jacques Maritain, o celebre neothomista francês; mas muito mais fogoso, de temperamento muito mais impulsivo. Numa palavra: é um Maritain tropical.

\*  
\*\*

— Poderíamos falar de muitos outros escriptores. Mas não ha tempo.

Fal-o-emos em outra oportunidade. Waldemar Bandeira, Sylvio Julio, Manuel Bandeira, Silva Lobato e alguns outros serão thema de nova conversação. Merecem um commentario amplo e á parte. São todos figuras de relevo e alguns por seu labor de publicistas, dignos do apreço e do reconhecimento dos escriptores rioplatenses.

\*  
\*\*

A promessa de Morenza foi feita com toda a solemnidade. Temos a certeza de que será cumprida. Affirmamos, por conseguinte, que a continuação deste relato virá no proximo numero. Assim ficou combinado.

Entretanto, agora que o sol perdeu algo de sua impulsividade, vamos realisar uma vertiginosa excursão pelas praias. Para isso, e por pura complacencia, lançaremos a mais de cem kilometros o potente motor do Packard disco vermelho...

X...

## c o c t e a u e a r i m a

Depois que o brilhante theorista do "Segredo Profissional" namorou as quadras do jovem Raymond Radiguet — começou a apregoar uma *volta á rima*, que elle julga umas azas de sustentação nas immensidades do azul poetico.

Nunca achei que a rima fizesse mal ao figado desde que não fosse rimada á força.

Acho-a decorativa quando vem ao acaso, sem nenhuma regra fixa, como uma flor boiando nas celebres "torrentes do lyrismo"...

Acho-a util como recurso de expressão, ás vezes, pontuando um rythmo, accentuando um pensamento...

Prohibi-la seria o mesmo que legislar-se em musica prohibindo o uso de tambor nas orchestras.

Depois quem foi que disse que reformar era substituir um preconceito por outro opposto? Deixemos o radicalismo para aquelles sujeitos que traduzem os rondós em prosa e raspam as virgulas e os pontos para ficarem *bem modernos*. Todo o mundo conhece aquelle cabra de S. Paulo, que,

tendo um livro de sonetos, *aproveitou* os tercetos truncados para um livro modernista e com o restante ainda cofeccionou depois um alentado volume de "Quadras"... E' a economia domestica applicada com toda a consciencia ao parnaso rural.

Não tendo porém nenhuma ogeriza á rima, não morro de amores pelas que vem regularmente, ruflando em tempo certo, como as taes azas de sustentação do mestre Cocteau...

Rimar sem querer — é bem aceitavel.

Rimar por querer — como recurso technico — é bem perdoavel.

Mas rimar por dever — e sahir em tom de dobrado tocando as rimas — (1, 2, 1, 2) —... desse mal livrae-nos oh meu bom S. Francisco, glorioso e milagroso S. Francisco de Assis, padroeiro de nossa corporação lyrica...

( murillo )

# queremos ser ou o nacionalismo brasileiro

*“Ha no Brasil uma preocupação que não se nota, pelo menos por forma tão aguda, na juventude intellectual Rio-platense. Referimo-nos á preocupação nacionalista que, seja dito de passagem, achamos injustificada e deploravel. Talvez seja esta a unica falha de vulto na nova intellectualidade brasileira. Esse querer fazer-se isoladamente, esse querer abrazeirar tudo, esse afan de separar-se, systematicamente, de tudo quanto supponha renovação ideologica vinda de fóra, foi a unica coisa que não nos satisfez.”*

*Achamos insupportavel essa etiqueta de “industria nacional” colada em tudo quanto represente produção desinteressada do pensamento. Ha nisto, qualquer que seja o paiz em que se produza — algo de tara mental. No que respeita ao Brasil, essa preocupação absorve grande quantidade de energias jovens. E’ pena. Orientadas essas energias num sentido ideologico mais em consonancia com o actual momento historico, poderiam favorecer enormemente o progresso dessa extraordinaria força cultural que cada dia se desenha em relevos mais precisos e que, quando chegue ao seu completo desenvolvimento, marcará o ponto de partida de um novo cyclo de civilização.”*

(de uma entrevista de Jaime L. Morenza a La Cruz del Sur, de Montevidéo).

Morenza:

A sua impressionante capacidade de sympathia que, no correr de poucas tardes de palestra ligeira nos cafés, quando você aqui esteve, lhe permitiu fazer a psychologia completa de algumas intelligencias, não teve tempo, comtudo, para mais fundamente penetrar a nossa alma brasileira. Para vivamente sentir-lhe o vivo tumulto interior. Para attentar nos planos mais afastados, mais perdidos em distancia infinita, da funda perspectiva do nosso espirito, — muito mais funda, complexa e suggestiva do que o possam suppôr os apressados theoristas a Le Bon.

Por isto você viu em nós aquelle fechado nacionalismo, cujo verdadeiro nome seria jacobinismo esteril. E por isto lamentou que com elle gasfassemos tanto de nossa energia constructiva.

Consequirei dar-lhe, meu querido, meu gentilissimo Morenza, com a analyse que vou desenvolver, outra mais pura impressão do que somos, do que sentimos, do que sonhamos?

E’ possivel que não. Mas, neste caso, a deficiencia não será de sua parte. Será de minha capacidade expressional. Você é uma das intelligencias e um dos corações mais francamente abertos á compreensão da alma alheia, de quantos tenho conhecido.

Seja como fôr, esta pagina, e mais a sua a que respondo, valerão sempre como cordialissima pa-

lestra, em ambiente de alta e desinteressada espiritualidade.

“E quem sabe que coisas deliciosas irá você dizer-me, depois?”

## a onda impetuosa

Antes do mais, Morenza: a nossa “preocupação nacionalista” não é nada mesmo uma “preocupação”. E’ uma grande onda interior mais forte do que nós. Onda de orgulho, de vaidade fôfa, de satisfação pueril pelo que representamos no mundo? Não. Onda em que ha secretos, não suspeitados amargores: os amargores da irrealização, do desejo que luta por expressar-se, do modo-de-ser que ainda não se manifestou.

Nossa alma é como é, e não como outros desejariam que fosse. Mas assim como é, quer affirmar-se. Quer modular em musica, em pensamento, em vida, os seus rythmos essenciaes. Não para que o mundo a enalteça. Mas para sentir-se viver, para sentir-se uma Realidade.

Para attender ao seu conselho, Morenza, precisaríamos ter a força de abafar este reclamo intimo. Precisaríamos esquecer-nos de nós mesmos. E nós admiramos demais a grandeza de outros povos, a sua grandeza interior, para podermos deixar de desejar a grandeza interior em nós.

## capacidade de admirar

Nós admiramos demais... E' um modo de dizer. Nós admiramos generosamente, ingenuamente quasi, o que outros povos realizaram ou vêm realizando de grande. O nosso elogio não é nunca diplomatico (às vezes, até um tanto basbaque). No Brasil, a alma humilde do povo está sempre prompta a aceitar a superioridade alheia sobre nós. E' claro que o povo humilde quasi que só raciocina e julga com elementos materiaes. Mas, nesta esphera, não é preciso argumentar com muita logica para convencel-o, não de que Paris ou Nova-York, mas de que Buenos-Aires é mil vezes mais bella e civilizada do que o Rio. Ou de que nem daqui a um seculo chegaremos á perfeição do systema educativo do Uruguay. Ou de que os hospitaes da Bolivia são mais numerosos e perfeitos do que os nossos. Isto prova, antes de tudo, que o exaltado amor patriotico do nosso povo não o impede de guardar adoravel modestia intima e não o predispõe contra os demais povos.

Seria superfluo accentuar que, no sentido proprio, somos o povo mais anti-imperialista do Universo. (O nosso idealismo, por esta face, é até um grave perigo para nós mesmos). Fizemos, no Imperio, uma ou duas incursões em fronteiras alheias—Ingenua e pura quixotada... Tanto que nunca tirámos proveito, mas só prejuizo. E ainda hoje se discute aqui, nas camadas populares e no parlamento, o problema da restituição dos trophéos do Paraguay...

Os nossos pensadores e artistas não vão a tanto. Nem é do seu supremo interesse a esphera material. O que elles espreitam em cada povo são os altos surtos espirituaes. Mas isto com uma paixão dos valores ardente e generosa.

## a dádiva de cada um

Ora, nós sabemos que o que cada povo tem dado de mais profundamente humano, universal, no dominio da arte e do pensamento, é justamente o que com mais fidelidade reflecte a sua natureza interior. Porque não existe o homem universal. Existe o homem de uma dada raça, de um dado paiz, de um dado clima physico, espiritual e moral. Lá no mais intimo de todos, ha uma raiz commum de identidade perfeita, que é a marca divina do Criador. Mas só attinge cada um a essa raiz atravez do condicionamento que lhe é proprio.

Por isto escrevi uma vez: "os povos têm, como os individuos, o seu particular temperamento. E um temperamento é um destino. Como nenhum individuo, povo algum chegará a realizar o maximo de suas possibilidades se fãlsear o seu temperamento proprio, se "torcer a sua vocação", se não souber defender o seu espirito. (*A igreja silenciosa*).

O amor á patria não é, pois, um vão sentimentalismo, nem um instincto anachronico. E' uma condição, uma lei de nossa humana realidade. E só attingirá o mundo á sua grandeza total pela somma das realizações (no sentido profundo do

vocabulo) de todos os povos que saibam ser o que são.

"Cada raça, — escreveu Ananda Coomaraswami, — traz a sua contribuição especial á civilização do mundo á medida que ella propria se exprime e se realiza. O caracter que edifica, chegando á solução dos seus problemas proprios, passando pela experiencia dos seus proprios infortunnios, é um dom que cada uma faz ao mundo." (*A dausa de Civa*).

## ansiedade criadora

Ora, meu querido Morenza, aquillo a que você chamou a preocupação nacionalista da intellectualidade brasileira não é mais do que o sentimento vivo de que nós ainda não nos realizamos integralmente. De que estamos muito longe disto. E de que, não obstante, temos um destino muito nosso a realizar. Mas este sentimento é, em nós, uma pura flôr de idealismo, sem o menor espinho de hostilidade ou de inveja. Como já disse, é a veneração pela grandeza alheia que nos faz aspirar á grandeza em nós. E' o esplendor da belleza que outros realizaram que nos relembra o dever de realizar *nossa* belleza. Tentamol-o pelos meios indicados: defendendo nosso espirito; procurando-nos a nós mesmos; sendo fieis á nossa alma.

Não nos queremos "fazer isoladamente". Queremos apresentar-nos ao mundo levando-lhe a nossa dádiva, em retribuição ao que elle já nos deu e ainda nos dá. Repito: nosso "nacionalismo" não é orgulho hostil e fechado. E' ansiedade criadora. Aprendemos com os outros as lições que nos servem. E como estas são muitas e fecundas, amamol-os fraternalmente: com uma nuança qualquer de carinho mais vivo pelos povos desta America moça, bem mais nossos irmãos...

Não queremos "tudo abraçileirar". Queremos que o que o mundo de nós receba seja honestamente nosso. Mesmo porque, se assim não fosse, não lhe interessaria. Não nos fechamos ao influxo estrangeiro, como Berlim não se fecha, como Londres não se fecha. Mas recusamo-nos á imitação servil. Porque o proprio do espirito é criar, e criar de si mesmo. O alimento que lhe vem de fora só lhe é alimento quando assimilavel e assimilado.

Note-se: tudo isto representa apenas o ponto de vista dos que attingiram á consciencia de que temos uma individualidade e, portanto, um destino bem nosso. Porque ha por aqui tambem os imitadores imbecis.

Ha, em arte moderna, "cendrarsistas" e "coc-teauistas". Ha, em materia politica, bolshevistas e facistas. Ha, em philosophia, positivistas e budhistas. Não me refiro (por exemplo) aos grupos operarios levados ao erro bolshevista por irrefreeveis, embora enganosas, aspirações. Nem mesmo aos miseraveis exploradores desses grupos. Refiro-me aos bolshevistas por attitude literaria...

## nacionalismo e universalismo

Morenza: você viu o Brasil no instante preciso em que mais agudo se manifestava aquelle sentimento do dever que nos cabe em relação á nossa Realidade espiritual, — do dever de apparecermos ao mundo como somos, afim de que o mundo possa contar connosco.

Você leu os doutrinadores desse instante: e achou que elles falavam muito do Brasil.

Leu os poemas desse instante: e achou que muitos delles apenas traçavam roteiros, doutrina-rios ainda, no sentido de uma poesia mais nossa.

E dahi concluiu que estavamos perdidos num jacobinismo injustificado e deploravel.

Entre o que verdadeiramente se passa e o que lhe pareceu, ha um abysmo, conforme procurei mostrar.

Aquella doutrinação não tinha e não tem nenhum caracter exclusivista.

E a poesia havia de reflectir fatalmente um sentimento que se fizera predominante, mas que vae recuando para planos segundos do nosso espirito, á medida em que transpomos, commovidos, as fronteiras difficeis da realização.

A' noção forte de que devemos ser o que somos, nós não oppomos de maneira alguma os pensamentos universalistas. Pelo contrario: fazemos da primeira o caminho mais certo para os ultimos. O que evitamos com uma vontade consciante é o cosmopolitismo, a mixordia, a indefinição.

Onde "o afan de nos separarmos systematicamente de tudo quanto supponha renovação ideologica vinda de fóra"?

A critica que fazemos ao bolshevismo, *verbi gratia*, é uma critica universalista. Julgamol-o um mal, não só para o nosso destino, mas para o destino do mundo. E nisto pensamos com altos pensadores de varios paizes. Inclusive com os mais avançados biologos contemporaneos: Lothrop Stoddard nol-o mostra.

Ha, entre nós, uma corrente profunda de pensamento catholico. Tambem esta é, por definição, plenamente universalista. Consulta a nossa realidade porque consulta a realidade universal. E ainda nisto acompanhamos um surto geral de renascimento religioso, verdadeira "renovação ideologica vinda de fóra".

Outras expressões do pensamento desta hora têm encontrado aqui, senão a acceitação, pelo menos a compreensão e o respeito dos mais representativos dos nossos criticos e pensadores.

Não são apenas os livros de Maritain, Massis e Charles Maurras que nos têm interessado.

Tambem a obra de um Freud, de um Einstein, de um Spengler, de um Kayserling, de um Uexkull.

As bizarras hypotheses de um Shaw.

A alta doutrina de um Berdiaeff.

Agora: como o que mais nos importa é o nosso ser profundo, é claro que examinamos cuidadosa-

mente os fundamentos de cada nova ideologia que se nos apresenta.

E repellimos com força o que nos parece dissolvente.

## renovação artistica

Resta o que diz respeito ao movimento de renovação artistica.

A primeira coisa a affirmar-se, é que este movimento repercutiu no Brasil com uma intensidade inesperada. Inesperada, mas eminentemente explicavel. Se a velha Europa se fatigou dos velhos rythmos e das velhas formas a uma simples alteração de sensibilidade provocada pelo sacolejão da guerra grande, — que seria de esperar do Brasil, ou, antes, da America toda, que ainda estava por criar as suas formas e os seus rythmos?

A brusca libertação foi, aqui, uma alegria. Porque deu lugar a que os nossos rythmos profundos, impresentidos, virginaes, começassem a subir do fundo de nós mesmos.

Prodigiosa maré montante do grande mar interior...

Acceitámos o movimento num impeto entusiastico: — embora apenas com a sua inicial significação libertadora.

Acceitámol-o, não para adoptar os novos rythmos, a nova musica expressional da Europa. Mas porque vinha desopprimir as vozes essenciaes do nosso espirito.

Jacobinismo, nisto?

Creio que, simplesmente, compreensão acertada da verdadeira natureza da arte.

Mais do que o pensamento, a arte é expressão individual. Expressão do mundo exterior transfigurado, refractado, e expressão do mundo interior em seus instantes de transcendencia. Mas expressão individual. Apenas, quanto mais poeta é o poeta, mais intima é a communhão do seu espirito com a Realidade que o rodeia. Porque mais forte é o seu poder transfigurador.

Assim, o que de minha parte eu vejo, é que a sensibilidade poetica brasileira se veiu apurando gradativamente, desde os primeiros mais serios ensaios de expressão nacional em poesia, com os romanticos, até á presente tentativa de integração perfeita de nossa realidade total em nossos rythmos totaes.

O poeta brasileiro quer hoje cantar a "realidade presente", a *sua* realidade presente. Quer, porque este é o imperativo cathegorico do seu instinoto e a ansiedade incoercivel da sua intelligencia. Porque começou a sentir ardentemente a realidade que lhe pertence. E não por exclusivismos de nenhuma especie.

O que, sobretudo, o salva de qualquer exclusivismo é ser a sua realidade interior mais profunda e vasta do que á primeira vista pareça, como antes suggeri. E' desdobrarem-se nessa realidade planos successivos de sentimento vivo, desde o simples amor á paisagem natal, de cuja frescura de

# a história certa do sacy

A' noite os grillos zúlam em gritos: "Viva o Sacy!"  
e os sapos: "Epa! seu Pererê!"

Na terra novinha e barbara  
dansava em triumpho o diabinho negro do máo agouro  
pulando em tudo com o unico pé.

Nas mattarias, nos igapós,  
os olhos do Caapora cynico  
pousavam vivos nos rios tragicos  
nos socavões destas cachoeiras  
nas capoeiras com jararacas entre os cipós  
ou pelos bréjos  
quando as tabúas e os lyrios pallidos e palustres  
guardavam insectos de rajaduras que davam febres.

E ahí está porque  
gritavam os grillos: "Viva o Sacy!"  
e os sapos: "Epa, seu Pererê!"

Mas  
vieram vindo os povoadores do Novo Mundo:  
gentios, negros, padres, collegios... depois aldeias...

e enfim, burguez,  
todo o Brasil do café e do fumo — Pedro II

O Sacy Pererê bacharelou-se em leis  
fez da politicagem seu partido,  
e dava agora azar papagalando toda a hora:  
"O Brasil é um paiz perdido..."

Mas  
poz-se o Tempo a viajar de expresso...  
S. Paulo e o Rio ficam metropoles modernissimas colossaes,  
O espirito da raça é confiança e progresso.  
E o Sacy-Pererê, que ninguem ouve mais,  
fugindo do automovel com medo de perder o unico pé que  
tem.

vae para o sertão do Acre viver de advocacia...  
e lá morreu de fome — Amén!

Hoje, se um grillo grita seu nome para as estrellas  
um sapo acóde: "cadê? cadê?!"

E quando os grillos todos insistem: "Sacy! Sacy!"  
Os sapos olham desconsolados os descampados:  
"Ué... Ué..."

m u r í l l o a r a u j o

beleza se embebe a lascivia dos sentidos, até ás  
mais audazes aspirações universalistas e ás mais  
transcendentes melancolias metaphysicas. Embora  
tudo isso, lá no fundo, com uma resonancia parti-  
cularissima, — com o prodigioso timbre irrevela-  
do que vimos escutando e queremos que outros es-  
cudem.

Eis por que procedemos a sondagens ansiadas  
em busca dos nossos rythmos definitivos.

## fraternidade

Não é tudo isto, meu caro Morenza, muito di-  
verso de querermos collar a etiqueta de "industria  
nacional" em quanto represente producção desin-  
teressada do pensamento?

Estas breves linhas não dariam nunca para  
transmittir-lhe com clareza bastante o que sinto e  
penso sobre o assumpto. Poderia escrever a res-  
peito um volume inteiro. Supponho, todavia, que  
lerão concorrido para desfazer a peor das impres-  
sões que da nossa "preocupação nacionalista" re-  
cebeu seu espirito: a de que nós nos fechamos, num  
vão orgulho patriótico, a toda a belleza do mundo,  
que não seja a nossa; a todo o esplendor do pen-  
samento não elaborado pelo nosso espirito; a todo  
o immenso desejo de interpenetração espiritual  
que ampára e dignifica os povos deste momento.

Morenza, um grande abraço de irmão.

Abril, 1928.

f a s s o d a s i l v e i r a

# O grupo de «festa» e sua significação

## os novos

A nova geração, isto é, aquella que substituiu os symbolistas, trouxe logo de entrada muito maior numero de espiritos criticos do que estes trouxeram. Tal pender foi mesmo o que mais os caracterizou até ha pouco tempo.

De começo vieram "creando uma atmospheria mais comprehensiva, mais completa, mais ampla", e logo se revelaram mais assimilaveis que os seus predecessores. Era o que eu reconhecia, falando sobre "A Igreja Silenciosa", de Tasso da Silveira, em 1922. Por isso mesmo, no emtanto, comparados com aquella gente anterior, "vinham menos empolgantes, talvez até, geralmente, menos seductores, da alta seducção" — eu adduzi.

Entre 1918 e 1922 os jovens recém-chegados publicaram muitos volumes de critica significativos, como, chronologicamente, "Vultos do meu caminho", de João Pinto da Silva, "Correspondencia de João Episcopo", de Antonio Torres e Adoasto de Godoy, "Farias Britto e a reacção espiritualista", de Almeida Magalhães; "Sol de Portugal", de José Vieira; "Problema Vital", de Monteiro Lobato; "Urupês e o sertanejo brasileiro", de Leonidas Loyola; "A questão social na philosophia de Farias Britto", de Jakson de Figueiredo; "Pequena Historia da Literatura Brasileira", de Ronald de Carvalho; "Romain Rolland", de Tasso da Silveira; "Emilliano Pernetta", de Andrade Muricy; "Populações meridionaes do Brasil", de Oliveira Vianna; "Pascal e a inquietação moderna", de Jakson de Figueiredo; "O Suave Convívio", de Andrade Muricy; "Fausto", de Renato Almeida; "A Igreja Silenciosa", de Tasso da Silveira.

Ninguém poderá negar, assim: esses quatro annos deram, senão a totalidade, pelo menos a grande maioria das obras de critica mais consideraveis que já devemos aos moços.

Foi, além disso, o tempo em que, tambem quasi chronologicamente, Da Costa e Silva, d. Gilka Machado, d. Laura da Fonseca e Silva, Manoel Bandeira, Murillo Araujo, Menotti Del Picchia, Pereira da Silva, Jackson de Figueiredo, Gomes Leite, Tasso da Silveira, Amadeu Amaral, Guilherme de Almeida, Arnaldo Damasceno Vieira, Affonso Schmidt, Ronald de Carvalho, Hermes Fontes e Ribeiro Couto, todos como poetas, uns estrearam, outros foram além da estrea ou completaram com novas notas, quasi todos em livros, a obra que já tinham anteriormente iniciado.

Parece tambem incontestavel que entre elles figuram os nomes dos que até aqui ainda são os mais notaveis na poesia destes ultimos tempos.

Na prosa de ficção, Abadie Faria Rosa, Claudio de Souza, Carvalho Ramos, Adelino Magalhães, Monteiro Lobato, Veiga Miranda, Ranulpho Prata, Lima Barreto e Brenno Aruda (são os que eu posso lembrar), produziram peças de theatro, contos, novellas ou romances entre os quaes figuram obras das melhores que em taes generos já nos deu tambem a nova geração.

Não foi, pois, um periodo esse que deixe de ter muita importancia na historia do movimento intellectual do após-guerra. Pelo contrario, fôra impossivel omittil-o sem absurda ablação, que deixaria sem bases e inteiramente defectiva tal historia. A estagnação imaginada pelos que julgam ter começado aqui no Brasil uma nova era apenas depois desse tempo, é cousa que não houve.

O que é certo é que de 1922 por deante a literatura dos novos tornou-se mais eugenica, e até mais dionysiacia, cousa que eu previ, escrevendo a Tasso da Silveira a proposito de "A Igreja Silenciosa", mas referindo-me nesse ponto ao movimento inicial dos "futuristas".

Ainda ahi Graça Aranha não fôra fazer aquella famosa diabrura em pleno recinto da Academia, quando julgou tão pejorativamente a situação das nossas letras, sem querer ver o que os moços já vinham fazendo antes d'elle tomar aquella malazartica resolução.

Foi ahi que os paulistas, e seus adeptos carlocas, separados quasi todos agora do meu intrepido contemporaneo, que bancava Marinetti naquelle momento, então foi que esses moços conseguiram, na verdade, por um instante, ser a pedra de escandalo deante do nosso publico. Sem Graça Aranha elles tinham começado. E' certo. Traziam orientação propria, por inspiração de Europa. Tambem, aliás, da attitude espectacular que constitue a novidade da "Esthetica da Vida", se encontra a origem nas "Formas espectaculares da sensibilidade metapysica", capitulo de "A sensibilidade metaphysica", livro de Jules de Gaultier. A symbiose em que entraram então com o illustre academico é que pôde soerguel-os por modo que toda a gente os visse e que lhes proporcionou, até pelos jornaes de maior circulação, embasbacar o nosso publico com seus absurdos innovadores ou que taes pareceram.

Foi a nossa festa dionysiacia, de caracter literario, distincta, portanto, do Carnaval.

Dizer que tal iniciativa resultou inutil é querer-se desconhecer as cousas. EHa veiu representar, de facto, um abalo e este produziu um effeito: depurou, deu mais ordenação, feição menos confundivel á hora, em questão de letras, aqui no Brasil. Dahi por deante distinguu-se melhor quem estava em condições de representar o que se chama propriamente a vanguarda neste instante. Aquelles que sentiram não trazerem definitivamente a nova sensibilidade ou não poderem despertar ainda para ella, esses recuaram na sua maior parte, e se apparecem já não é difficil sentil-os passados e assim no passado collocal-os.

O que não prevaleceu foi o tal objectivismo dinamico proposto por Graça Aranha nem tão pouco o ponto de vista de que a arte não passa de um brinco, que os Epstein, os Gasset quizeram justificar lá na Europa nos seus ensaios de esthetica e que os nossos paulistas mais seus amigos do Rio tão ardentemente acceitaram.

"Festa", a nova revista em que Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Adelino Magalhães e muitos outros vêm combater pela integração do pensamento novo, pelo amor da

cultura, contra esses excessos ou esses princípios errados, salva-nos, logo de entrada, nos seus dous numeros iniciais, da evolução em sentido horizontal, adoptada agora pela muçica franceza da vanguarda, segundo Renato de Almeida, e tão em correspondencia com os ideaes dos nossos jovens paulistas. Disso ou pelo menos do pendor exclusivamente festivo, como "A Esthetica da Vida" implicitamente propõe.

"Festa" não exclue do seu programma aquillo sem o qual já não se é bem homem. Não tira dos hombros, pelo contrario, faz questão de que pese sobre os hombros dos novos toda a responsabilidade, no que ella tenha de mais grave, e até de mais amargo, da hora actual.

"Festa", porque accelta a intuição nascida já na guerra e desenvolvida no após guerra de que a geração actual é nova duas vezes: pela sua mocidade e pelo albor que representa para o mundo o instante que lhes coube representar. Pelo que divisam comparavel a um tenro broto, que elles julgam estarem personificando, no meio do franco des-empenho ou de construcções pendentes que em outros dominios se offerece aos nossos olhos. "Festa", antes por coragem, que a fé alimenta, do que por espirito de "profiteur". "Festa" que em nada corresponde á magnifica floração do cafestal paulista nem se prende aos proveitos de uma hora que as vantagens dos "trusts" tornam maravilhosamente alegre aos collocados em situação para consideral-a com ultra-optimismo.

(No "O Globo", de 14 de novembro de 1927).

(nestor victor)



## festa

Neste recanto longinquo da provincia, a vida escôa-se um pouco no desconhecimento do que se passa na Capital. Principalmente os acontecimentos intellectuaes aqui não fazem éco. Já chegam amortecidos os ruidos da disputa travada entre os espiritos da nova geração, scindida em varios grupos, que se collidem na intransigencia de seus principios.

Foi-me, pois, surpresa o receber um numero de revista "Festa", publicação de que ignorava a existencia, apesar de seus varios mezes de vida. Foi o mensageiro de um novo rumo intellectual que me chegou. E' esse mensario o propagador de idéas de um pleiade de moços de valor, cheios de audacia, firmes no desejo de defender suas convicções. Hoje, o modernismo em nosso paiz dividiu-se em tres correntes perfeitamente distinctas: dinamica, primitivista e espirituallista. A primeira é o ancelo constructor, a realização material de tudo o que é grande, de tudo o que é forte. A segunda é a vontade de ir buscar o Brasil na sua genese, afastal-o de influencias alheias, fazel-o unico, original, impossivel emfim. A terceira é a que se juntou ao redor de "Festa". E' mais completa, abrange maior terreno. Com-

forme os seus adeptos proclamaram "o artista canta agora a realidade total: a do corpo e a do espirito, a da natureza e a do sonho, a do homem e a de Deus.. E' a mais transcendental, talvez a menos comprehensivel pelas multidões. Não procura destruir o passado. Antes vai buscar na tradição o que lá se encontra de nobre, de alevantado, de puro. E esta face de seu programma fez o sr. Tristão Athayde chamal-a de "modernismo continuador". Esta tendencia algo philosophica reuniu nomes conhecidos. Nella se abrigaram Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Gilka Machado, Cecilia Meirelles, Murillo Araujo, Henrique Abílio, Adelino Magalhães, Brasílio Itiberé, Barreto Filho, Lacerda Pinto, Porphirio Soares Netto, Abgar Renault, Wellington Brandão e outros.

Longe já se vae o tempo em que os innovadores eram recebidos a pedradas. Hoje comprehende-se que a evolução natural têm que se operar em todos os terrenos. Não era possivel a mumificação da literatura, apegada a velhas formulas, jungida a caducos preconceitos, quando ao redor della o ambiente se transformava. Quando tudo progredia, não era possivel que o espirito estagnasse num molde que já perdera a razão de ser. Olha-se agora com sympathia e encorajamento para essa renovação que se fazia mister. E é do que Mario Andrade se damna. Acha que esta corrente da "Festa" surgiu tarde, só para colher louros. Os apupos pertenceram aos primeiros, aos que fizeram ruido com as suas klaxons retumbantes. Como se alguém pudesse determinar a época do apparecimento de um grupo, composto de membros que viviam dispersos, combatendo isoladamente por seus principios e que se foram juntando imperceptivelmente, impulsionados pela similitude de seus ideaes. E nem sempre quem faz mais barulho é o que possui maior talento. As verdadeiras intelligencias são silenciosas. Não fazem preconico do seu valor. Vivem na sombra, onde as vae illuminar o reflexo da admiração dos seus contemporaneos.

"Festa" é a coragem louca de moços, ante a indifferença do meio para com as revistas literarias. E' um desafio. E vae vencendo no seu symbolismo alegre de quem "voltou a ter os olhos adolescentes e encantou-se novamente com a vida". Mas a vida é amarga por natureza. Portanto, a sua manifestação não pôde sempre ser festiva. A dor vive latente em todos os corações. Maximé para os que refinam a sua espiritualidade, porque melhor comprehendem toda a angustia dessa pobre humanidade flagellada de miserias. Assim esta corrente terminará alterando em alguma cousa os termos do seu manifesto. Que o exprima, porém, na mesma superioridade de termos e terá cumprida a missão bemfazeja a que se dedicou, no apostolado de um systema.

(Da "A Tribuna", de Belém do Pará).

(theodoro brazão e silva)

# dedeco,

## discipulo amado de tranquillino

Ha certos homens, cuja vida para os frivolos offerece um maximo de interesse, porque ella representa um tumulto brilhante de aventuras e epopéas sensacionalmente animalêscas!

Dedéco não inspirará jamais por suas acções e pela natureza de sua vida a alvoroçada sympathia da maioria dos homens, que é frivola e brutalmente sequiosa de sangue e dos sensuaes estertores das grandes miserias de uns, que são ao mesmo tempo o pedestal da gloria d'outros... Ha tambem homens cuja vida em se relacionando, sob apparente pacatez e desinteresse, com as agruras que voejam espectralmente em torno do pavoroso enigma dos Destinos, prendem solemnemente a attenção dos eleitos do Espirito, proporcionando-lhes um estranho gozo de fidalga-dor, que é o mais profundo a que possa aspirar creatura humana!

E' uma compensação!...

E é esta uma fidalguia insuperavel, eterna, que se não amedronta com o numero e que se propoz, desde o começo, de levar a humanidade ao divino dos seus destinos!

Dedéco costuma dizer que sua ironia e a do fallecido Traquillino são nótas da grande orchestra, que vae rompendo a mudez da Sombra... nótas dos *ferrinhos*, ou do flautim, embóra, ou mesmo dos *pratos*, quando chegam á gargalhada do sarcasmo!... Mas o facto é que são nótas, e nótas indispensaveis na Symphonia!

«A Symphonia! Hosannah!

Hosannah! O pequeno numero vencerá!

Hosannah! Oh! o excelso Dia!...»

Mas Dedéco já morreu! A precocidade tem seus deploraveis efeitos!

Apezar de não ter mais do que trinta annos, Dedéco já se definio na architectura de suas opiniões características, individuaes, e o edificio agóra só poderá levar umas pinturasinhas, de quando em vez.

Dedéco vae ficando desses homens aos quaes a gente acha demais na vida, e dos quaes quando se vão, além do agradavel sensorial, que ha em toda a morte, do «menos um» de instinctivo desafogo que a gente sente no seu egoismo animal — ha ainda a redemptora satisfação de se haver ido uma coisa aborrecida, de tanto vista!... de tanto usada!

Dedéco sabe disso, e tem um sorriso triste — tal uma gotta d'agua cahida do salgueiro sobre a sepultura!

Dedéco sabe bem disso, porque bem, em relação a outrem, já experimentou a sensação desasphyxiante e quasi victoriosa de «ver ir-se embóra mais este...»!

—Ha em nossa natureza animal tantas jaças, que a desgastal-as lá se iria a preciosa gemma!...

Dedéco já passou! Dedéco hoje só relê o que já leu, sente mais profundamente o que já sentiu, tornou-se arisco e, ás vezes, selvagemmente conservador.

Dedéco vae-se acorcondando para o passado, com mais intelligentes e sympathicos olhos sobre outr'ora, porque leva-os cheios do desconforto de tudo que não seja esse passado tumultuoso e feérico de illusões! Selvagemmente conservador — e o passado de mocidade elle o conserva, como a recordação de uma encantada paisagem, jamais tornada a ver e diante da qual todas as outras são de uma absurda, de uma incomprehensivel, e blasphema inferioridade!...

—Maldição aos tempos presentes!

Deu agora Dedéco para negar o genio, pretextando que a criação, que se dá como característico do genio, é o maior absurdo imaginavel!...

Tudo que o genio «crêa» já existe, na natureza! E' tão sabido como todas as grandes verdades, que são sempre preciso repetir!...

Que é pois um genio? Um devassador feliz e muitas vezes casual, inconsciente, de novos continentes?

Estou a fallar muito do espirito de Dedéco: diga tambem alguma coisa sobre o seu physico e sobre suas anomalias...

Principiar por anomalias, talvez seja mais illustrativo. Por seus mãos cheiros, vindo de suas entranhas, é evidente que elle tem uma ternura verdadeiramente materna.

Pelos perfumes elle proprio confessa uma outra sympathia: a sympathia que se tem pelo morbido, pela inimizade á vida; pela espiritualidade antagonica á vida, com seu pequenino «v».

Portanto Dedéco entra nas perfumarias...

Admitte-as...

O que elle não admitte são os barbeiros e os engraxates, frivolissimos vadios: são os «chauffeurs» e os «garçons d'hôtel», importunos ou zombeteiros, e os livreiros que são «caftens» do espirito...

E quando um desses individuos, num isolamento amigo, lhe fala das necessidades da familia e na dureza do ganha-pão, Dedéco se admira de como se vae sombreando seo animo e apiedando dum monstro, como o tal!...

Oh! mas a dor humana é tão sagrada para Dedéco!... tão cathedralescamente veneravel!

Não ama a cidade, Dedéco!...

Si na ausencia della, sente algo de vasio, é pelo habito do tumulto inconsistente!...

Um monturo de inconscientes, de rasteiros, de nullos «bem trajados», parasitando seo cynico zerismo entre um amontoado de estalajadas habitações, enquanto o camponio lhes planta o futuro da arrogancia covarde e rées, de barriguinha e peitinho sumidos!...

«Para maior realce, panninhos de todas as côres e dos mais estapafurdios feitos percorrem vadiamente as semsaboronas vias, deixando á amostra quasi dois terços de corpos femininos, que se vão entre grupos calçados, donde sahem imbecilidades espermósas, dentre bocassas de dentes podres...»

São «encantadores» a galantearém «melindrosas...» e Dedéco, como outr'ora Tranquillino, os segue, ás vezes, numa curiosidade lorpa...

A arte, para Dedéco, é sempre futil! Que utilidade em se reproduzir a natureza? Que utilidade em se manifestar uma impressão, que nunca poderá ser geral, e sim pessoal?

E a philosophia!... que brinquedo de máo gosto armar casinhas engenhosas, mas que só servem de ornato? E a sciencia, que ganha ao conhecimento verdades sempre incompletas, que prejudicam mais ao cerebro e á vida do que a sua ignorancia, visto que a ignorancia está sempre numa boa e prudente defesa?...

Prósa e poesia!...

—«O prato de substancia dê-me: boa prósa! poesia!... ah! sim, um poucochito de sobremesa! Vá lá!... ao meu estomago adulto!»

Comtudo Dedéco lê tudo, atabalhoadamente, do meio para o fim, e do fim para o principio, incapaz de se submeter ao methodo, ao completo raciocinio do auctor, num eterno pavor de se escravisar a quem quer que seja!

De tal rebeldia leitora, resulta que Dedéco é um cataclysmico turbilhão de duvidas se espasmódicando gigantescamente num tenebroso universo de problemas!

E' a maior voluptia de Dedéco sentir-se tangido pelo frenesi do tumulto universal!

Crê Dedéco na amizade?

Não, nem na de Tranquillino, elle cria... «Entre dois amigos, cada um dá tres, esperando receber seis...»

Para isso é que as manobras da hypocrisia delles são, cada vez, mais cheias de «affecto» e de «desinteresse»!

Dedéco diz que muitas vezes elle sente seo estomago rancoroso dos seus pulmões, e mais frequentemente, de suas pernas...

E só...

«Só na solidão dos que pensam diferente dos outros: na solidão dos que sentem diferente dos outros; só, na solidão dos expontaneamente superiores; na solidão dos que são como um gesto de graça — tão nostalgico de si mesmo! — pairando sobre as brutaes contingencias da vida!»

A antipathia que Dedéco experimenta pelos «estranhos», seja devida comtudo á inferioridade que nelles sente de não apreciarem, como elle, o mar, a musica e Manon ou Margarida... de não comerem, como elle, tão bom bife... de não terem aquella sua delicadeza... de não serem a mesma carne, que elle!

Consciente da vã realidade de tudo, testemunho do ruir dos alicerces dos principios fundamentaes de uma civilização, Dedéco cruza os braços e vive para se deixar morrer, ironicamente amodorrado, esquecido, quasi inconsciente... cuidadoso sómente do seu sorriso de inefficaz ironia!

Crer na democracia, oh! não!

Si elle é pela fidalguia do pequeno numero, que levará a humanidade ao seu destino, sem mesmo que ella o perceba!...

«Deixem lá a maioria pensar que vence...!»

Depois!...

Depois, um cabelleireiro que já raspou a cabeça de Dedéco, em pequeno, é hoje deputado!...

Era muito carrancudo!

Dedéco não poupa isso!... tanto mais que não o cumprimenta o tal ex-barbeiro, e tem um olhar imperioso, indiscutivelmente vencedor!...

Dedéco é revolucionario porque sabe existir bastante ordem e senso no mundo: ordem e senso, que têm a superioridade moral de lhe perdoar os arreganhos verbosamente dynamiteiros.

Pobre Dedéco! Dedéco não é nada!...

Dedéco perdeo-se a procurar sempre as Alturas e tão attrahido por ellas, que levando a contemplas, de longe, esqueceo-se de galgar a banalidade dos primeiros degrãos, para attingil-as!...

Depois, quando teve consciencia do erro, era tarde! Tardé para galgar os começos da Altura — elle assim achou, no desanimo que lhe veio de «ter perdido tanto tempo!»

Não estou fazendo muito methodico este perfil de Dedéco!...

Tão pouco methodico elle o é!...

A cada um o que mereça!... Mesmo porque sei que elle me repelliria com feições convulsas; de Natureza revoltada!...

Será Dedéco bom?

Não é bem exacto que Dedéco seja bom por indolencia, por commodista «deixar fazer» de cabo-

clo agazalhado do Sol inclemente, sob frondosa mangueira — e somnolentemente estirado!...

Não é bem exacto que seja algum tanto esmoler por se ver livre do «importuno»... Não, elle tem qualquer coisa de expontaneamente generoso e compassivo!

Comtudo, praticado o bem, elle se apavóra ás vezes com a idéa de vir a ser a humanidade, um dia, desesperadoramente monotona de perfeita bondade!

Imprevidente Dedéco o é, por superstição.

Não ama de pensar no futuro, por que pensaria risonhamente e... «nada de bom lhe haveria de acontecer!

Bastaria pensar, para quê...»

Ama o sensacional!

E' um fraco que ama e respeita o vigor dos acontecimentos.

Tem Dedéco a tristeza dos fracos...

A tristeza inherente á sua debil pessoa, frouxamente alta, exangue, adormecida, é terminada por uma rala cabelleira negra, latinamente negra, como a tristeza mesma. E tem Dedéco um olhar, que se não fixa em ninguem, tanto receia elle trahir sua versatilidade, seo fluctuar de opiniões, e seo desprezo pelo incompleto de tudo, pela miseria de tudo...

Esse olhar irradia de um rosto mastigado e picado, como devastado pela duvida, que maltrata todo o ser do exotico joven, nascido, por macabra ironia, para as doiradas tristuras da excepcionalidade!

Frouxamente alta, a pessoa ne Dedéco é tal um guincho esteril de seo ser todo, a pedir inutilmente o Infinito...

Seo caracter morbido, resultante da fraqueza organica...!

Dedéco é, de facto, um desorientado por impotencia psychica de pertinencia numa ordem de idéas e pela intuição que elle tem da inutilidade final de todo o esforço!

Dedéco, immoral!...

Atirem-lhe pedras!...

Não, não! Esperem um pouco!

—Muito soffre Dedéco em ter sido feito assim!...

Dedéco foi feito assim, e Dedéco vive numa época em que as mulheres se sublimam de belleza

e de seducção, seminudando-se, em elegantissimos e sonhadores esgarçamentos de vestuario!

Immoral que seja, Dedéco é mais digno que os hypocritas do Seculo!

Frequentemente Dedéco tem passado por immoral!...

Por São Tranquillino!

E' o discipulo amado de Tranquillino, pelas suas açções e pelas suas palavras, um furacão de Luz!

De Luz que publica os mais reconditos segredos da mentira humana — e é furacão porque, antagonica á treva das miserias, clareando, destróe ao mesmo tempo a Luz o que não é luz!

Por onde passa Dedéco, ha sempre um assanhamento de minhócas... Ha imbecis que superiorisam para elle o seo portesinho de nuños; ha imbecis que olham para a sua gravidade, com um risinho idiota de palhaço sem vocação; ha imbecis, que se vêm chegando para elle com um tremor de labios mal intencionados, desorientadamente furiosos da superioridade do filiforme Fidalgo, mui modesto comtudo!

Dedéco não os vê porém, esquecido na ancia de acompanhar o turbilhão polyphonico, duendico, voraginoso do Seculo!

Dedéco é uma grandeza mansa.

Diante de um estranho, Dedéco é pavorosamente morbido, vendo o *outro* como infinito deserto ao fim do qual elle, o outro, estivesse!...

O outro ali perto, e tão longe!... E Dedéco a sentir a nostalgia de si mesmo, como um noivo o sentirá da noiva, na ausencia do «anjo querido»!

Todas as vezes que Dedéco está a pensar em coisa que não lhe apraz, abandona-a de brusco, figurando-se a disparar um tiro!

«Pum! Lá vae a bala!...

Lá vae a bala, frenetica, decisiva... e com ella a idéa e o mal estar...

Depois de excessivo trabalho mental, o discipulo de Tranquillino põe-se a correr, a fazer carêtas e a dizer imbecilidades!...

Tem isso por fim «estabelecer o equilibrio» e evitar ao joven-pensador dores de cabeça e insomnia!...

Para excesso de criterio: parvoice!

Dedéco goza boa saude mental e, sendo «paranoico», é comtudo o maior creador de verdades de sabor classico, que eu tenho visto no Rio.

No Rio, segundo Dedéco, ha um enxame de mestiços farejadores das verdades mastigadas d'Além-mar (e das mentiras, outrosim) — enxame este que sacóde a cachóla vasia, em reverencias pro-

fundas, diante de um orador de sabor archaicamente *vleirense*, que leva a desamassar em todos os sentidos banalidades kilometricas, que tendem a endeosar sua pessoasinha!...

Dedéco se entristece e ólha com um mão sorriso para esses frackudos «grandes homens», da Caboclolandia!

Dedéco olha para os *jornalistasinhos* de sua terra como para uns pivetesinhos litterarios, que seria preciso prender... Prender como a seresinhos importunos, sem solemnidade, levando-os pelo fundilho das calças... tendo cuidado apenas de se não machucar com o esperneamento dos insignificantesinhos!

Aliás, Dedéco se sente mal num paiz onde o pé dos foot-ballers tem mais valor do que o cerebro dos pensadores!

Um povo destes que quer levar a cabeça ao nivel dos pés não póde agradar, pela sua attitude muar, ao nosso philosopho.

«Salve! Salve, divina Sinceridade!...

Tudo que é, seja! Seja, á custa de lagrimas, embora!

Morra o Bom-senso miseravel, abafadiço, sem horizontes, sem galhardia, asphyxiante de tudo que a natureza tem de mais bello, de mais puro, de mais expontaneo, de mais duradouro»!

Dedéco tem uma inconfessavel sympathia pelos levianos, pelos intrigantes espirituosos, pelos censores desabusados e ironicos, pois dão animação á vida!... Poupem-no, porém, a elle!

— Tem uma certa covardia physica ao lado de excessivo brio! Sua attitude, numa questão qualquer, depende da disposição do momento!

Disposição que lhe diz: «não vale a pena expor-me por isso!...» Disposição que lhe diz: «não, isto é um desafôro deste patife»!

Segundo uma ou outra coisa, que lhe brote no cerebro, elle age... e a brisa que lhe passa pelo animo faz-se furacão ou simples assovio á covardia delle!...

— Pela mulher, elle sente uma incompatibilidade irreductivel!

Diante de uma mulher, elle se sente como diante de uma pessoa de «outros interesses...» tão opostos aos seus!...

— Os exemplos das maiores virtudes humanas estão nos animaes!

Fidelidade, no cão; amor-materno; assistencia nas aves... a ir assim!...

Sinto-me mal em ser homem, especialmente por ter intelligencia para reconhecer o que sou, como homem»!

O conceito que se faz geralmente das acções humanas, faz lembrar a Dedéco as visitas esporadicas da policia carioca ás casas de tolerancia onde são presas escandalosamente dez ou doze pessoas, para *moralizar* as centenas de pessoas que lá foram impunemente...

Espera sempre por um *dia solemne*!...

E' que, sendo elle um desordenado convulso, que quer abarcar todos os esforços e todos os conhecimentos, ao mesmo tempo, superficialmente comtudo, por não poder ser de outra forma, no afan de sua curiosidade—espera pelo dia solemne, que será aquelle no qual elle começará a tomar posse definitiva e gradual e segura de cada coisa...

Eu que o admiro muito, acho comtudo que Dedéco vae passando de ironico a imbecil!...

Sim, senhores!

Nas crises mais serias em que se debatam seus amigos, elle ama de vel-os, evidentemente, s'embarçarem, s'enfurecerem... antes de auxiliá-os, com sincera solicitude.

Faz mesmo ironias, de pessimo gosto, sobre a desgraça alheia!

Elle é uma alma feminina, que se vê na contingencia de ser uma alma mascula, porque veste calças d'homem!

Na impotencia delle tudo é *aragem*!

Seus bons gestos, seus bons actos, suas boas palavras... são, de facto, como o ardor sexual dos velhos, são passageiros, e devem portanto ser immediatamente aproveitados por elle!

Não é que elle seja máo!...

Oh! não!

Mas elle é impotente em tudo... anemico... desfibrado... esquecido!...

Elle é uma intelligencia e uma vontade, que voam vagamente... inconscientes, somnambulizados ao pleno dia!

A's vezes, em meia vigilia, vê-se com tanta nitidez, tão elle-mesmo, que chega a se amedrontar!...

Envergonha-se então de seus vicios e cacoêtes, de suas *gaffes*... como si fossem comtudo as de um filho querido!

Seu instincto paterno se manifesta pelo modo de tratar a todo mundo:

—«Meu filho!...»

Porque não se casa logo elle?

Casar-se, elle?

«Oh! eu me enterraria na vida quando deixasse de seguir, cheio de taciturna e redemptora angustia, a esbelteza botticelina das Inattingiveis na campina crepuscular, já attingida pela noite...»

A noite é o mysterio doloroso da saudade, que fica»!

Caricatural Dedéco!

Sorriso ironico espremendo o impossivel de sua felicidade!...

Depois... uma suppurãozinha que Dedéco tem nos olhos, pela manhã, por certo que diminuiria o amor e o respeito da esposa...

Por amor á liberdade, odeia as companhias-carapato, inclusive a dos melhores amigos.

Dedéco é filho de commerciante! por isso «aproveita» tudo!

Aproveita o tempo, querendo tirar utilidade até do tempo perdido, com paradoxos consoladores, que lhe vêm ao cerebro; aproveita do que lê, tudo, com os mesmos paradoxos!...

Aproveita o que dá, em insinuando aos amigos o valor da dadiva...

Dedéco tem uma forma especial de piedade! — «Uma esmolinha pelo amor de Deus!...»

«Ora bolas! que é que eu tenho com você, ó pobre?»

Sente uma sympathia lyricamente apiedada pelos «pobres»!...

Questão de numero!

Ou antes, a todos ou a nenhum! Questão de tudo ou nada!

Que impicancia elle tem aos moleques que atiram lama nas fachadas!

*Jornalistas*, elle vos odeia!...

Espiritualismo e materialismo — dois pratos de balança: e acima um ou outro, mais espirito ou mais progresso material!... Eis a historia humana... e sempre a balança no fim de contas!

Utopia do progresso!

«Está a nos parecer que agora se vae de novo a balança para o lado opposto áquelle prato em que estão Herr Haeckel, as vias ferreas e o chloroformio!...»

Dedéco, discipulo de Tranquillino, já confessa sua derrota?

Que bello espirito!

Ou talvez... que santa hypocrisia, a deste malicioso que tem a Espiritualidade em conta de moça bonita, que acaba por dizer uma sandice, no meio de seus arreganhos lyricos...

«O ignorante e o muito sabio parece que se encontram...»

Mas, não!

O ignorante é máo por inveja ao supposto gozo, que deve sentir o sabio! E' bom o sabio porque, sabendo que nada sabe, só pode esperar o gozo na pratica do Bem!»

Curioso! Dedéco, quando recita suas maximas,

sob pedidos insistentes, arregala os olhos, empallidece e gagueja!

Debaixo da modestia, o maganão reconhece a solemnidade de suas palavras sentenciosas!

Admira os amigos que o admiram! Os que o admiram, por isso mesmo, são intelligencias primorosas!

Veste-se mal, é retrahido e pudico!

Odeia os casadinhos que passeiam de braço, reclinados um para o outro, orgulhosos!

—E' um egoismo a dois, indecente, escandalosamente animal!»

Depois — cá para nós — Dedéco, ao vel-a assim, á esposa possuida e derreada, grita pelos olhos, o jovem philosopho latino: «A propriedade é um roubo!»

A's vezes Dedéco se persuade tanto da espiritualidade das coisas que seu ser physico se nos desaparece e só nos ficam seus olhos! Ou antes, seu olhar, é que só nos fica!

Nisso elle se parece muito com o fallecido Tranquillino...

E que olhar, tão pouco d'olhos, o de ambos, nessas feitas!...

Não sei! — entre nós, e sem espirito de mal — mas não raro tenho umas suspeitas!...

O affecto de Tranquillino por Dedéco sempre me deu reparos — confesso-o!

E os olhares!... Tão iguaes, tão de Pae e de filho!...

Elle não é bisbilhoteiro, nem malkizente!...

Parece que é ambas as coisas, bem percebo sempre!

Não! Elle é um «espirito critico».

Ama devéras o Pae, especialmente porque um dia, vendo-o debruçado a trabalhar, notou que elle já estava com a ponta do nariz amaiorada, de velha!

— «Coitado! Envelheceu a trabalhar... por mim!

O nariz parecia o bico de um papagaio somnolento! «Coitado do meu velho!»

Elle, frequentemente, imagina-se dos Maiores — Guerreiro, Santo, genio artistico, — estadista visionario — dos Maiores elle se julga, illusoriamente: ser realmente grande, profundamente!

E Dedéco vae ás altas regiões, de um mysterioso augusto e longinquo, em que freme o saudoso

tumulto das acções extra-humanas, em longo cortejo pelos Seculos...

«E' como si fosse Dedéco um inspirado cantico de estranho Triumpho, atravessando, passageiramente hosanatico, a terra miseravel! Mas ah! Dedéco sacode bruscamente seu ser...

Sacode bruscamente seu ser illusoriamente supremo — envergonhado, irritado, e medroso de se ter afastado tanto de si para se encorporar a personalidade dos outros, por grande que ella seja! E volta a seu ser de Dedéco e nelle se enfarrusca, em attitude muito hostil!

Dedéco exaspera-se de vel-os tão grandes, tão deshumanamente grandes, a conduzir traz elles o interesse escravo de todos nós!

Dedéco, que ama o spectaculo fantastico de agitação humana durante os seculos, elle, tão tímido, tão recatado, tão desinteressante!

Oh! a tragedia dos gorados!

Dedéco é surdo de um ouvido e fala com difficuldade...

Fala com difficuldade: é muito imaginoso e, a falar, toda sua attenção está presa ás imagens. As palavras vão sahindo, entrecortadas, custosas, insignificativas... sem consciencia dellas mesmas..

E Deus?

«Será Deus um entediado da Eternidade e do Infinito, como eu o sou cá, da miseria? e que para se distrahir, inventou o mundo?

Inventou o mundo, assim, bem coherente na sua incoherencia, de fórma tal, mais engenhosamente se pudesse divertir?»

Reparo sempre que Dedéco se esquivava de falar em Deus, um tanto constrangido, e é por isso mesmo que achei curioso transcrever essa sua casual opinião... Opinião, ou antes, insinuação!...

Parece que elle teme ver Deus zangado com sua duvida, no dia em que houverem de ajustar contas...

E nelle tudo é temor e fluvida!

Para Dedéco tudo offerece o aspecto duma pa-

sagem pallida, esboçada, fugitiva, apavorante de espectral: de uma paisagem de loucura!

E quando não...

«Oh! porque hei de amar esta campina macabramente ampla, sem fim, como um desabafado ideal de infinitas e estranhas angustias lá, lá ao fim, nes- ses horizontes rubros, como uma damnção, como um dia-extremo de sanguinario fim, epopeico, de Dor suprema!?»

Elle é o conflicto entre o ser psychico que herdou, cheio do abafado preconceito christão e o ideal pagão de gozar a vida em toda a sua plenitude, ao pleno sol dos sentidos libertos!

Faço o seculo gozar — pleno sol dos sentidos — porque o seculo é um turbilhão de seducções macias, polychromas, requintadas e vertiginosas!...

Surge-lhe, oh! sim!...

E elle é um espectro, tal como o foi Tranquillino!

Passar sem a consciencia de si mesmo — suprema tortura!

Quando acorda, leva mais de hora a cahir em si...

A cahir verdadeiramente em si levará talvez... quando acordar, na manhã suprema!

Mas enfim, onde está a «relação da vida» de Dedéco com o pavoroso enigma do Destino?»

De facto, concedamol-o!...

Concedamol-o, visto que elle pelo menos é um paladino da Verdade, fonte de toda attitude superior!

Concedamol-o e animemol-o, pois que Dedéco anda a desanimar...

Metteu-se na cabeça do infeliz grande homem que elle é, foi e será apenas Dedéco... implican- temente e delirantemente Dedéco!

Espectralmente Dedéco!

E seus olhos se embaçam de uma rancorosa tristeza de insoffrido viajante, que perdeu comtudo o comboio...

a d e l i n o  
m a g a l h ã e s

# o grupo de "festa" e sua significação

## (festa)

O impeto de renovação liberadora e fecunda, que alvorôça, dynamiza o pensamento brasileiro desta hora, não refôge á comprehensão das intelligencias menos lucidas e avisadas: é um facto affirmativo, uma positividade radiosa, insophismavel. Ha indisfarçavelmente, neste instante a révera do espirito brasileiro, a buscar, com ansia e inquietação, os rumos novos, as amplas e claras finalidades de seu evoluer. O Brasil que pensa, que raciocina e medita, que constrôe mentalmente, começa a perceber o drama de sua realidade, o phenomeno de sua existencia, a tragedia de sua propria destinação. Não podem ser mais nitidos, e por toda parte se manifestam em florações surprehenderes de energia creadora, os indices reveladores dessa magnifica alvorada espiritual e esthetica, que é como o despertar de uma consciencia ethnico-social que ainda se não plasmára em definitiva e entra, agóra, no periodo da integração.

• • •

Essa inquietação renovadora, que nos agita e anima para mais altos commettimentos d'arte, é preciso reconhecer, porém, que não surgiu espontaneamente de nós-mesmos, não foi a resultante de um esforço isolado das forças vitalisadoras da nossa psyché nacional. Surgiu, ao revés, dum anseio universal de innovação, ao determinismo inexoravel das obscuras mas formidaveis forças moraes e psychologicas da Grande Guerra. De 1914 até hoje, a mentalidade hodierna soffreu a mais profunda, a mais conturbadora, a mais dolorosa das transmutações. E si esta transformação ainda não se reflécte vivamente, nas produções do «espirito moderno», em serenidade e em belleza, reflectem-na, decerto, a mesma desorientação, a mesma vertigem, o mesmo tumulto desse «espirito moderno», — frenético, desencantando, subversivo e de que tão deploraveis, inequívocos symptomas nos deparam os *ismos* literarios de toda a casta... Mas, a verdade é que dessa mesma desordem, na qual, sob as provações tremendas da catastrophe, mergulharam o espirito e a sensibilidade do homem civilizado, ha-de nascer, e já começa a repontar nbs assombreados horizontes das nossas actuaes perplexidades, a nova mystica contemporanea. Della já nos entremostrom signaes auspiciosos e consoladores muitas das expressões da poesia, da sciencia e da philosophia do após-guerra, prestigiando-a precursôres insignissimos. Haja vista o espiritualismo esthetico de Maeterlinck, o intuicionismo philosophico de Bergson, tão expressivamente polarizadores das cogitações presentes do mundo e aos quaes

bem de perto se filiam algumas das mais accentuadas correntes da lyrica moderna.

• • •

E' de mistér, entretanto, definir as characteristics originaes da renovação no sentido brasileiro, como fez ha pouco, logicamente e reflexivamente, o pensador Tasso da Silveira, um dos mais autorizados theoristas (sinão o mais autorizado) das tendencias literarias que hoje buscam norte no scenario mental do paiz. «Que poderá haver de commum — interróga o critico modernista, — e ao mesmo tempo legitimo, entre a «renovação» brasileira e a «renovação» do velho mundo? Uma coisa apenas: a libertação da fórma. Neste sentido, a Europa nos deu um exemplo fecundo e nos fez um grande bem. Ella quebrou os antigos padrões artisticos. E nós precisavamos imital-a, como na realidade o fizemos. Mas precisavamos por motivos differentes. A Europa quebrou esses padrões por exaustão de sensibilidade. Nós deviamos, de qualquer modo, quebral-os, para poder encontrar os nossos rythmos, para realizar a nossa fórma. Aquella libertação foi meio caminho andado. Porque os nossos rythmos já pre-existiam em nós: o rythmo de cada povo está no seu proprio sangue. As formas antigas eram-nos um empecilho tremendo. Libertamo-nos dellas. O nosso mundo interior re-jubilou»...

Com effeito, o renascimento esthetico que se opéra no Brasil, ainda que agitado pelos ventos de inquietação a soprarem ardentemente de todos os quadrantes da terra, — segundo o demonstrou Ivan Goll, quando, em *Les Cinq Continents*, nos deu ensejo de contemplar, numa rutila perspectiva de conjuncto, todos os mais representativos aedos das novas gerações, — tem a propulsionalo as forças virgens da natureza americana, despertadas, em eclosão deslumbradora de calor, de seiva, para o amor e para a gloria de homem môço do Continente. O a que nós aspiramos, em summa, é formar, com as potencias elementares de nossa terra libertos de quantos obsoletos prejuizos emperravam a livre expansão de nossa consciencia de povo, os rythmos heróicos de nossa 'marcha para o futuro, o idéal colectivo de nossa raça, o padrão espirital de nossa mentalidade, a organização, enfim, da realidade brasileira sobre os alicerces profundos da brasilidade, — do sentimento brasileiro, do pensamento brasileiro. Isto é, devemos tirar das resonancias prodigiosas da propria gléba brasilica, das suas estupendas energias primitivas, a vibração e os motivos e as formas expres-

sionaes dos nossos cantos titanicos em prol de seu esplendor sempre maior e de sua immanente belleza. Levantem-se os «poetas do futuro» e ouçam a vóz prophetica de Whitman! Isso, porém, sem afastarmos as correntes vertiginosas do pensamento universal; sem esquecermos a nossa solidariedade com a totalidade do espirito humano; sem nos desviarmos do inexoravel fatalismo cosmico do nosso destino commum, nem renunciarmos ao sentido veloz, instantaneo, constructivo da hora que passa.

Cada geração — escreveu Ortega y Gasset — resolve o thema de seu tempo, tem uma vocação e uma missão historica a que obedecer.

• • •

Um critico dos mais equilibrados e cultos do Brasil dagóra (e eu rectifico, com razão, juizo differente faz alguns annos expendido sobre esse illustre nome), o senhor Tristão de Athayde, reduziu a três «as tendencias mais geraes do nosso modernismo», classificando-as deste modo: — o primitivismo, o dynamismo, o espiritualismo. O primeiro, gerado em São Paulo, tendo como expoente e corifeo o sr. Mario de Andrade; refere-se, no segundo, ao dynamismo creador objectivista do senhor Graça Aranha; no terceiro, inclue a luzida phalange de citharêdos e prosadores que fazem a *Festa*. — festa dionysiaca de rythmos, de emoções e de idéas, festa perenne de alegria espiritual, a que assistimos maravilhados...

Tenho para mim que essa revista singularmente suggestiva, em torno de cuja flammula de luminosa espiritualidade, se congregam algumas das mais formosas intelligencias, algumas das mais privilegiadas cerebrações môças do Brasil, — Porphyrio Soares Netto, Murillo Araujo, Cardillo Filho, Lacerda Pinto, Adelino Magalhães Barreto Filho, Brasílio Itiberê, Tasso da Silveira, Abgar Renaut, Wellington Brandão, Andrade Mauricy e Henrique Abilio, — representa a affirmação positiva, o triumpho ruidoso, a maxima conquista do pensamento moderno em nosso paiz. O que não conseguiu realizar o senhor Graça Aranha, com o seu marinettismo espectacular e a sua nebulosa philosophia nitscheana (ainda que se lhe não possa

negar um intenso substracto de synergia creadora); o que não puderam levar a effeito, no sentido da transposição dos nossos valôres ideativos e emocionaes, o senhor Mario de Andrade e seus sectarios, com o estrambotismo, o agrammatismo de uma *escola* directamente inspirada nos modêlos alienigenas dos Cendrars, dos Cocteau, dos Tzara, dos Picabia, dos Apollinaire e quejandos, dadaistas, cubistas, paroxistas — logram-no, agóra, galhardamente, os jovens discóbolos e pensadores de *Festa*, e com tal luzimento, equilibrio e brilhantismo, que assignalam, de facto, um momento da formação intellectual do Brasil, realçando os attributos e pendores, a efficiencia de uma geração voltada, como nenhuma outra, para as elocubações fecundas das idéas, para o trabalho demiurgico da criação artistica, daquela intropathia esthetica de De Sanctis, pela qual se proceessa o phenomeno subjectivo, ou intra-objectivo, da belleza universal.

• • •

Si a poesia outra coisa não é, segundo Matthew Arnold, que uma interpretação intima do mundo, sob o angulo da belleza; mas si essa interpretação, em perpetuo *fieri*, muda constantemente com as mesmas concepções e intenções evolutivas da arte, pôde-se asseverar que os rhapsodos de *Festa*, erguendo o seu canto «feito de rythmos livres, elasticos e ageis como musculos de atletas, velozes e altos como subtilissimos pensamentos, e sobretudo palpitantes do triumpho interior que nasce das advinhações maravilhosas», — encontraram a interpretação hodierna do mundo visto sob o prisma do genio, da sensibilidade, do espirito brasileiro. Eu creio que essa fulgurosa e adolescente theoria de poetas, forjadores de imagens e de symbolos nóvos, poderia inscrever na sua victoriosa philacteria de acção o distico luminoso que Ivan Goll descobre, hoje, no frontal de todos os paizes: JUVENTUDE!

(Do "O Estado do Amazonas," 29--528

(leopoldo péres)

• • •

# ( r u m o s ) ( n o v o s )

Não se dirá que, da refrega modernista, nada se tenha a contar de realmente lucroso para as possas letras.

Já agora podemos averiguar que o espirito moderno — no sentido mais desdobrado deste termo — aticava animo a dois grupos, que só pareciam fundidos num unico porque em ambos havia, ao lado de alguns bedêlhos — valha a verdade — intelligencias igualmente ageis e vontadosas de fixarem o momento brasileiro.

Aparte o espirito conservantista typo segundo-im-

perio, que preferiu e ainda prefere tabaquear com os classicos luzos, mofentos e cacêtes, como quê — podiamos verificar, desde o inicio, que a ansia de modernização literaria não inflammava unicamente aquelles que tomaram a si, no primeiro instante, a musica ensurdecadora e nada deleitavel da pancadaria.

Gabe-se, desse grupo, a coragem quasi que só a coragem de suas arremetidas contra o passadissimo boloro e inutil, em que se malgastava a intelligencia bra-

sileira, já que, por outro lado, esses fundibularios preciosos, mas pouco avisados, se vinham batendo antes pelo triumpho de idéas e formulas européas, do que pela fixação, em nossas letras, daquillo, a cuja falta Mario Puccini attribue, num estudo recente, o fracasso do futurismo: o sentimento da tradição.

O outro grupo, em que esse sentimento encontrára partidarios fieis, mas cujas vozes não conseguiram romper a zona infernal, creada pelo estridor dos trombones, e que, por isso, parecia envolvido e arrastado pelo jazz, mantinha, ao contrario, uma attitude, não tanto de reserva, mas de serenidade confiada e sabia.

Essa attitude, que alimentava uma reacção surda, mas tenaz, do espirito tradicionalista e inquieto da raça! era, por assim dizer, uma lição de moços a moços.

E tinha que ser ouvida! Até porque não seria á força de assobios e sóccos e pontapés, que havíamos de crear uma arte nova.

Esta viria surdir, mediante uma rispida refrega, como a de agora, mas com o equilibrio de todos os valores mentaes empenhados nella.

E em prova disso e de que, «quando todas as forças interiores se equilibram, os gestos são luminosamente serenos», veja-se FESTA, esse magnifico mensario, que é, já agora, um traço inflexível de união entre as modernas intelligencias brasileiras integradas no «totalismo creador», de Tasso da Silveira.

FESTA é, desse modo, um gesto opportunissimo de alta espiritualidade, cujo sentido vem ao encontro dos nossos grandes anseios de renovação mental.

Renovação sem as tropelias, sem os exaggeros, sem as futilidades, em que se perdeu o espirito desavisado de quantos se esforçaram por implantar o futurismo e outros *ismos* inadaptableis, ás nossas condições especialissimas de paiz menino. Menino e tonto...

Tasso da Silveira comprehendeu nitidamente o phenomeno da realidade brasileira, dentro da qual vêm gravitando as intelligencias desaggregadas e, irremissivelmente, desassociadas da consciencia nacional.

Pôz em equação as forças idealisticas que vêm nutrindo o actual movimento literario.

O modernismo predicado por Graça Aranha, com a sua exaltação tendenciosamente dyonísica, era falho.

O primitivismo (?), que teve em Mario e Oswald de Andrade, os seus afobadissimos arautos, igualmente falho.

Subsistiria, portanto, unicamente, desse cáos, a corrente que derivasse do veiro immenso, quasi inviolado, da tradição.

Mas a tradição, por si só, não resolveria o problema da nossa completação no espirito literario da epoca.

Era preciso reunir a essas reservas nativistas, assim despertadas, um sentido actual de expansão: readequar o tradicionalismo brasileiro á realidade universal, fixando-se, dest'arte, o «tradicionalismo dynamico», na synthese magistral de Carlos Chiacchio.

E é isso o que predica e está realizando o grupo victorioso de FESTA.

Com taes propositos evidentemente dos mais serios, sinão os mais serios que já preocuparam qualquer agrupamento literario, entre nós, pode affirmar-se que a imaginação brasileira está a caminho de readquirir a posse de um latifundio fabuloso.

A arte — convem repetido — não é um simples torneio de palavras mais ou menos sonoras ou um entre-

tenimento banal de idéas, sinão uma modalidade inconfundível do todo nacional.

E se assim é porque havíamos de permanecer indifferentes á realidade brasileira em detrimento das nossas mais profundas emoções de povo joven?

Verdade é que a culpa dessa criminosa abstracção deve caber exclusivamente áquelles que, com o sortilegio de sua arte prestigiosa, infestaram os nossos campos de egipans e constringiram, até aqui, o pensamento brasileiro ás formulas avelhantadas da expressão rigorosamente classica.

Que era de esperar de uma geração que analysava Camões e aprendia a fazer versos como quem solfeja?

Acorrentados pelos grilhões de oiro desse sybarita da «Tarde», que foi, após Castro Alves, o poeta mais contagioso do Brasil, trinta annos vivemos a trilhar, pa-nurgicamente, um caminho que só parecia nosso porque nelle florescia o espirito sensual da raça.

Era preciso mesmo que estrondeasse o barbaro *jazz-band*, que teve a sua «ouverture» dos diabos em plena Academia de Letras para que podessemos abrir os olhos somnolentos á necessidade imperativa de renovação, com o desprezo, uma vez por todas, dessas formulas e idéas feiticieras, mas velhissimas, em que se nos amodorrava a imaginação através um caminho retilhado por quatro gerações de sonetistas.

Mas quando passou o primeiro instante de atordoamento e a nova mentalidade brasileira entrou a girar num circulo, em que se misturavam xexéus e patativas, confundidos, entre si, por um espirito de clan commum a taes sublevações, fez-se notar a necessidade ainda maior de um contra-movimento que viesse restabelecer as linhas que sempre dividiram a intelligencia realizadora da mediocridade fanfarrona e ôca.

E tardava, já, um gesto audacioso de repulsa contra certos fantoches integrados nas hostes modernistas, com pretensões a renovadores atilados, quando FESTA tomou a si essa obra de reconhecimento e selecção:

*«Vemos, lá fóra e aqui dentro, o rodopio dos sentimentos em torvelinho tragico.*

*E as investidas reivindicadoras dos appetites que se disfarçavam e agora se desencadeiam em furia.*

*E ouvimos o suspiro de allivio da mediocridade finalmente desopprimida: da mediocridade que, aproveitando o disequilibrio de um instante, ergueu tambem a sua voz em falsete — e encheu o ar de gestos desarticulados — e proclamou-se vencedora, na ingenua illusão de que as barreiras que a continham tombaram para sempre.*

*Mas vemos igualmente os espiritos legilimos no seu posto immutavel.*

*E apuramos o ouvido ao brado de alerta das sentinellas perdidas...*

Como se conclue destas palavras extrahidas do programma — poema, o que distingue esse grupo espirituista de FESTA, no seu desapêgo aos exclusivismos odientos das igrejas, é um desejo vehemente de confraternização espiritual entre todos os brasileiros de pensamento autonomo e capaz.

Bem haja, pois, essa FESTA, de tão pura e alta idealidade!

«O Imparcial» — Bahia — 14-4-28.

(eugenio gomes)

ANNO I

NUMERO

SEIS

**FOLHA**Revista de Arte e Pensamento  
2ª Fase

RIO DE

JANEIRO

JANEIRO

1935

**canção do tempo****Nós** cantamos a canção do Tempo.  
A canção nova do Tempo criador.

Do Tempo que é o caminho  
das sombras do não-ser ao milagre do ser

Do Tempo que presidiu ás formações millenarias e profundas.

E congregou os elementos dispersos em ilhas, montanhas e continentes.

E cavou os abysmos sem fundo, para a ansiedade oceanica.

Do Tempo que, da semente obscura, faz as frescas florestas rumorentas,  
e as seáras claras, vergando ao peso dos grãos nutrientes e dourados,  
e as vinhas, em cujas frágeis arterias o sol liquefeito escorre.

Do Tempo que modela, com mão paciente e sábia, a pureza das formas.

E constróe em belleza viva as paisagens épicas ou lyricas da Terra.

E amassa o barro humano em linhas ageis e virís, ou em flexuosa graça amanhecete.

Nós somos a alma do povo que desperta para um destino mysterioso.

Por isso, cantamos a canção do Tempo. Do Tempo indefectivel e criador.

Do Tempo que ordena, instante a instante, a nossa realidade profunda, como ordenou as esferas infinitas.

Do Tempo, de cujos dedos phidianos sentimos a pressão modeladora na argila plastica que somos.

E que nos dará, lentamente e sabiamente, contornos nítidos e puros.

E fará dos nossos músculos elásticos cordas rijas e tensas como a do arco de Ulysses.

Porá em nossas mãos e em nossos dedos flexibilidades magnéticas.

Accenderá forjas violentas em nosso coração e nosso espirito,  
para fundir o aço e o ouro dos grandes sonhos audazes.

Nós somos a alma do povo que acorda estremunhado no alvorecer indeciso.

Por isso, cantamos a canção do Tempo. Porque o dia vae erguer. E o sol vae fulgir na altura.

E ha a tarefa enorme a cumprir. Ha o esforço heroico a realizar.

Ha as inesperadas estradas que devem ser cortadas entre sorverdouros e píncaros.

Ha as sementeiras immensas e as imprevistas colheitas.

Ha os granitos que esperam o gesto ardente do desmonte.

Ha os materiaes das construcções immorredouras, olvidados, perdidos no deserto.

Ha as solidões, á escuta do primeiro grito de vida.

Ha o chamamento dos horizontes afastados.

O Tempo vae ser o effectivador das esperanças.

O Tempo vae ser o condensador das ansiedades.

O Tempo vae ser o companheiro e o guia.

Por isso, cantamos a canção do Tempo.

Do Tempo que surdiu da Eternidade como sua mysteriosa floração.

Do Tempo, que é Deus agindo. Do Tempo indefectivel e criador.

ANNO I

NUMERO

SETE

# FOSTA

Revista de Arte e Pensamento  
2ª Phase

RIO DE  
JANEIRO

MARÇO

1935

## canto christão

Nós temos de calar nossa voz, Companheiros!  
Temos de fazer um grande, infinito silencio  
para escutar a queixa  
e as trágicas ameaças  
do nosso irmão proletário.

Para escutal-os, não apenas  
com os ouvidos,  
mas com os sentidos todos  
do nosso corpo e da nossa alma.

Nós, que aprendemos a sentir  
a pulsação secreta  
das forças adormecidas e distantes;  
a captar, pela antenna prodigiosa  
do nosso espirito  
as fluídicas correntes  
do magnetismo que equilibra os mundos;  
a auscultar, commovidos,  
o latejo tellúrico  
da terra ardente de germinações,

— nós não ouvimos nunca  
o rumor abafado  
da angustia que crescia...

Nós temos de calar nossa voz, Companheiros,  
para ouvir em silencio  
nosso irmão proletário.

Esta é a hora de escutar.

O que elle diz  
vem carregado de ódio e de blasphemias.  
O que elle diz é amargo como o mar.  
O que elle diz  
vem carregado de erro e negação.

A voz que elle ergue é um sopro ardente  
dos abysmos.

Porém nós, Companheiros,  
nós temos de fazer um profundo silencio  
para o escutar!

Porque elle é que realiza  
sobre a face da Terra  
a grande dôr humilde.

Porque elle é que morde o pó.

Porque elle  
é que tem sede de justiça e de alegria.

Nós temos de escutar nosso irmão proletário  
porque elle é que realiza  
o destino terreno  
dos pobres que o Senhor santificou.

O que elle diz  
vem carregado de ódio e maldição.  
Elle esqueceu a eternidade. Como nós!  
Nós também a esquecemos.  
Elle e nós nos esquecemos de Deus.

Elle, porém, porque ficou suffocado  
sob a materia densa.  
Porque os blocos que carregou nos hombros  
[túmidos

pesavam tanto  
que elle os ficou para sempre carregando  
dentro da alma.

Porque a terra que elle trabalhou nos campos  
[áridos

entrou-lhe pelas unhas, pelos póros,  
e ficou sendo lama negra em seu espirito.  
Porque a poeira e o carvão que elle respirou nas  
[usinas,

nas minas, nas estradas,  
nas duras jornadas sol a sol,  
forrou-lhe os pulmões de uma camada áspera e  
[secca.

E sua alma, pesada,  
não pode mais erguer-se para Deus.

Elle esqueceu a eternidade, como nós!

(CONCLUE NA PAGINA SEGUINTE)

# Ronald de Carvalho

## Gabriela Mistral

Todas as pennas agels, todas as vózes re-soantes deste momento brasileiro exprimi-ram o pezar que provocou a morte de Ronald de Carvalho com um accento quasi unico: o de uma pena infinita de que se houvesse partido, e em choque tão aspero, tão pura e harmoniosa linha de vida, no mesmo instante em que nella se transformava o rude esforço criador em alegria de triumpho.

Porque era este o phenomeno a que todos assistiamos deslumbrados.

A expressão serena e subtil, de apuro clas-sico, mas chela de essenciaes movimentos no-vos, que Ronald imprimiu na sua obra de pro-sador e de poeta, não significou nunca, na sua alma, um adormecimento qualquer para as grandes angustias do espirito do tempo em que viveu. Os que perscrutaram essa obra, e, melhor ainda, os que lhe ouviram as con-fidencias o sabem de sobejo. Ronald teve de vencer desanimos fundos e duvidas mortifi-cantes. Ao tempo de *Luz Gloriosa e Sone-tos e poemas*, minavam-lhe o entusiasmo criador efluvios vivos da filosofia naturalista, as-sim como do tédio *fin du siècle*, que o parna-sianismo e o symbolismo carregaram para o Brasil. A sua *Pequena historia da litera-tura* foi um esforço de ascese e disciplina que elle cumpriu, arrostando uma onda forte de descrença no destino brasileiro. *Espelho de Arlet* representa simples evasão do tédio in-timo para a belleza alheia. E ainda nos *Epi-grammas*, que foram o seu primeiro fremito

de renovação, — não apenas de renovação esthetica, mas principalmente interior, — são visiveis os ultimos cristaes de scepticis-mo boiando, rijos, na agua diaphana da ex-pressão lyrica renascente.

Em todos esses livros, comtudo, a intelli-gencia se sobrepoz á deliquescencia intima, e refundiu o sentimento esmorecido em moldes de belleza pura, num trabalho de ordenação de sentido mais alto do que o possa presumir a analyse desaffenta. A luta por attingir á forma limpida foi uma hygiene espirital. Ronald reconstruiu-se aos poucos em sua pro-pria espiritalidade, e pelo amor á nitidez das formas, attingiu a substancia profunda.

O que vimos acontecer no seu caso foi justamente a reconquista da harmonia inte-rior pelo caminho do esplendor das apparenc-ias.

*Toda a America* é um grito de descobri-mento. Não apenas do descobrimento de outros rythmos e outras materias de arte. Mas, sobretudo, de descobrimento do valor da vida. *Toda a America*, e as paginas de pro-sa e verso que se lhe seguiram, foram traça-das em plenitude de alegria. O sceptico, sem o saber, marchava para a fé. Porque, por necessidade inelutavel de nossa natureza, é atravez das coisas que attingimos o espirito e o sentido superior do seu destino. E quando alcançamos o valor da vida estamos proximos de Deus.

A adequação perfeita deste nome a uma poetisa de espiritalidade profunda... Gabriela Mistral: ha nelle um tal canticco de vogaes abertas e uma doçura tal de conso-nancias, que se diria escripto com letras de outro alphabeto que não o que empregamos em nosso áspero esforço expressional de cada dia. E ha ainda o resalbo de Provença, na lembrança que traz do cantor de *Mireio*, com o mel e o sol e as frondes frescas do claro pais meridional.

Não tenho á mão os maiores livros da poetisa chilena, que é, tambem, indice alto da cultura universal na America. Apenas, so-bre a mesa, um volume de poesias infantis. Será, quem sabe, o mais duradouro de todos. A poesia que por elle corre é pura, simples, sem mescla. E humana, profundamente. Quem nos dirá que não traz mais forte capa-cidade de permanecer, de ficar, do que a poe-sia dos outros livros, em que a intelligencia imperiosa interferiu, combinando ácidos, de que um dia desaparecerá, talvez, o sabor de belleza?

Desse volume de poemas para crianças, que se chama *Ternura*, traduzo a pequena peçazinha abaixo. Exactamente uma ron-da. Mas de belleza impercível.

DÁ-ME TUA A MÃO

Dá-me tua mão, e dansaremos,  
dá-me tua mão, e me amarás.  
Uma flôr única seremos,  
uma só flôr, e nada mais...

O mesmo verso cantaremos,  
ao mesmo passo, bailarás.  
Como uma espiga ondularemos,  
como uma espiga, e nada mais...

Chamas-te Rosa, eu, Esperança;  
mas o teu nome olvidarás,  
Porque seremos uma dança  
sobre a collina, e nada mais...

Nós, porém, a esquecemos  
pelo terreno júbilo criador.  
Pela alegria de sonhar e de construir.  
Porque concebemos e commandámos  
as transformações inauditas.  
Erguemos metrópoles vertiginosas.  
Accendemos constellações novas na noite.  
Recortámos a Terra em geometrias audazes.  
Vencemos os ímpetos oceanicos.  
Rectificámos as costas marinhas em cáes soberbos.  
Abolimos as separações e as distancias.  
Aprisionámos na rêde do nosso desejo  
os desertos, as planícies, as montanhas.  
Decifrámos o enigma que nos abriu a porta  
[de bronze do reino  
longe e livre dos Espaços...

Nós a esquecemos  
pela alegria de sonhar e de construir.  
Porque recriámos o mundo á nossa imagem.  
Modelámos a argilla pobre  
em formas puras de belleza.  
Prendemos o ar nos tubos magicos  
em que fabricamos os rythmos dominadores.  
Refundimos o aço essencial das coisas  
no alto-forno do espirito  
e refizemos as coisas em metal novo.  
Nós a esquecemos  
pela volupia miseravel de viver.

Porque pusemos estofos molles nos palacios  
[dourados.

E os nossos pés correram alamêdas  
de jardins de Aladino.  
E os nossos corpos se cobriram de pannos cariciosos.  
E as nossas boccas beberam vinhos que eram  
[boccas diluidas...

Nós temos de escutar nosso irmão, Companheiros.  
Porque elle é o soffrimento deslembado.  
Porque fomos nós que o levámos  
para o profundo sorvedouro  
do Esquecimento.  
Nós temos de escutál-o  
e aceitar-lhe as injúrias  
e apresentar-lhe nosso rosto  
á bofetada vingativa.  
Para que seu rancôr millenario esmoreça.  
Para que diluam, porfim, os ácidos do ódio  
que ao fundo do seu coração se accumularam.  
E, liberto, elle possa  
ouvir a palavra fresca e nova  
que havemos de dizer-lhe:

a palavra da rememoração infinita:  
a palavra resuscitadora de Deus  
na alma do homem que deixou  
perder-se  
o sentido  
de tudo...

t a s s o d a s i l v e i r a